

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA  
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

**MARIA ELIANE VILA DE PINHO**

**ANÁLISE DO PORTUGUÊS FALADO EM COMUNIDADES AFRO-BRASILEIRAS  
DE CÁCERES-MT**

**CÁCERES-MT**

**2019**

**MARIA ELIANE VILA DE PINHO**

**ANÁLISE DO PORTUGUÊS FALADO EM COMUNIDADES AFRO-BRASILEIRAS  
DE CÁCERES-MT**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação do professor Dr. Antônio Carlos Santana de Souza.

**CÁCERES-MT**

**2019**

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

P654a	<p>PINHO, Maria Eliane Vila De. Análise do Português Falado em Comunidades Afro-Brasileiras de Cáceres-Mt / Maria Eliane Vila De Pinho - Cáceres, 2019. 114 f.; 30 cm.(ilustrações) Il. color. (sim)</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2019. Orientador: Antônio Carlos Santana de Souza</p> <p>1. Análise Pluridimensional. 2. Comunidades Afro-Brasileiras de Cáceres-Mt. 3. Alib. 4. Origem Africana. 5. Contatos Linguísticos. I. Maria Eliane Vila De Pinho. II. Análise do Português Falado em Comunidades : Afro-Brasileiras de Cáceres-Mt .</p> <p>CDU 81'276(817.2)</p>
-------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**MARIA ELIANE VILA DE PINHO**

**ANÁLISE DO PORTUGUÊS FALADO EM COMUNIDADES AFRO-BRASILEIRAS  
DE CÁCERES-MT**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza  
Orientador – PPGL/UNEMAT

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jocineide Macedo Karim  
Avaliadora Interna – PPGL/UNEMAT

---

Prof. Dr. Carlos Cernadas Carrera  
Avaliador Externo

**APROVADA EM: 23/04/2019**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço,

Primeiramente a Deus, por me manter em pé, com saúde e força para poder enfrentar as dificuldades advindas deste árduo processo.

A minha mãe e protetora “Nossa Senhora Aparecida”, porque sem a sua intercessão não seria possível vencer mais esta etapa.

A minha filha Alexandra Gabriela, que sempre me deu forças para continuar, e a minha pequena filha do coração Anny, por suportar minha ausência nestes anos de estudo.

A minha mãe, que apesar de não compreender minha ausência em sua vida, sempre me deu forças para prosseguir e por sempre se orgulhar das minhas conquistas.

Ao meu pai (*In memoriam*), que sempre sonhou com o meu futuro e, neste momento, certamente sentiria orgulho de mim.

Ao meu orientador, professor Antônio Carlos Santana de Souza, que além de sua orientação teórica ao meu trabalho, me fez ver o quanto eu seria capaz; nunca me desanimou, sempre disse que seria mais fácil do que imaginava. Com sua boa vontade, incentivo, ensinamentos e respeito, me fez realizar esse sonho.

A minha eterna professora Jocineide Macedo Karim, pois graças ao seu incentivo, desde a graduação, e dedicação ao outro, como pessoa humana que é, me fez conhecer a Sociolinguística e me estimulou a buscar o mestrado.

Aos nativos das comunidades pesquisadas, tanto rural, quanto urbana, pela receptividade e contribuição com a nossa pesquisa.

Ao meu sobrinho Cleber, por seu carinho, atenção e boa vontade, ao aceitar se deslocar junto comigo até as comunidades distantes, minha eterna gratidão.

Aos meus amigos e colegas, que de alguma forma, contribuíram para que este estudo se concretizasse.

À Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Cáceres-MT, e a todos os professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Linguística, minha eterna gratidão.

À Fundação de Amparo à Pesquisa de Mato Grosso (FAPEMAT), pela bolsa cedida, contribuindo para que este sonho se tornasse realidade.

À banca examinadora, pelo aceite ao convite, e, principalmente, a todas as contribuições preciosas para o aperfeiçoamento deste trabalho.

Dedico este estudo a Deus, Nossa Senhora Aparecida, minha fortaleza. As minhas filhas Alexandra Gabriela e Anny Vitória, que me acompanharam ao longo deste percurso. A minha mãe e a minha família pelo incentivo, que sempre acreditaram na minha vitória. Aos meus queridos professores: Prof. Dr. Antônio Carlos de Souza Santana, Profa. Dra. Jocineide Macedo Karim, minha eterna gratidão.

É uma língua forte e saborosa ao mesmo tempo; clara e colorada, cheia de espirito, excelente ao gosto, tendo bem o sainete de sua origem muito portuguesa, mas deixando ver distintamente em cada palavra, sua raiz bundo guarani, no fundo do qual se distinguem com limpidez e transparência todas essas etimologias gregas, latina, bundo-guarani como perolas e corais debaixo d'agua de um límpido mar (...). Escrevo em nosso idioma é luso-bundo-guarani. (...) A riquíssima língua portuguesa, entre nós, ainda mais rica se tornou com o montão prodigioso de novos termos africanos e guaranis.

(QUEIROGA, 1871 *apud* PINTO, 1978:163).

## RESUMO

O presente estudo, inscrito na linha de pesquisa Processo de Variação e Mudança do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da UNEMAT, foi desenvolvido sob os aportes teóricos e metodológicos da Dialectologia Pluridimensional, com base nos estudos de Thun (1998), Radtke & Thun (1996), e do Africanismo no Brasil, a partir dos estudos de Alkmim; Petter (2009). Assim, temos como objetivo analisar, descrever, a variação do português falado em comunidades rurais e urbana afro-brasileiras, considerando as relações das línguas africanas em contato com o português falado no Brasil. Em Cáceres-MT, encontram-se sete comunidades afrodescendentes registradas e certificadas na Fundação de Palmares, optamos por realizar o estudo em quatro (4) delas: Santana (MT01), Chapadinha (MT02), Exú (MT03), localizadas na área rural, e Pita Canudo (MT04), na área urbana. O *corpus* da pesquisa constitui-se de 30 entrevistas, transcritas e analisadas, sendo 10 entrevistados das comunidades rurais e 20 da comunidade urbana. Para desenvolver a pesquisa na área rural e selecionar os entrevistados, foram seguidos alguns critérios como: a) afrodescendentes nascidos ou vivendo 3/4 da vida na comunidade; b) escolaridade preferencialmente inferior a 2º grau; c) não ter morado fora por muito tempo; d) gostar de conversar. Além desses critérios, foram considerados a dimensão diatópica (informantes em domicílio fixo), GII (geração mais velha), (Diageracional), Diagenérica (homens e mulheres), Dialingual (ALiB), Diarreferencial (fala objetiva e metalinguística). Sendo assim, retiramos do questionário do Projeto do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, quatorze questões Fonético/Fonológico, dezesseis Semântico Lexical e sete com temas de conversa livre, e aplicamos nas comunidades rurais. E, na área urbana, foram selecionados os afrodescendentes da comunidade “Pita Canudo”, sendo aplicado o questionário formulado por Alkmim; Petter (2009), composto por 249 palavras de origem africana. Portanto os resultados obtidos nas análises das comunidades rurais, apresentaram predominância das variantes [+ **afro**], ou seja, o maior número das palavras de origem africanas, apresentou-se na comunidade Exú (MT03), em uso real em ambos os sexos. Nas comunidades Santana (MT01) e Chapadinha (MT02), ambas não se diferem nos resultados por apresentarem as variantes [- **afro**], no português. Já os resultados das análises na comunidade urbana, permitiu-nos identificar 110 vocábulos de origem africanas, comuns ao universo dos entrevistados. Desse modo, esta pesquisa buscou contribuir com os estudos das línguas africanas e de seu contato com a língua no Brasil.

**Palavras-chave:** Análise Pluridimensional, Comunidades Afro-brasileiras de Cáceres-MT, ALiB, Origem Africana, Contatos Linguísticos.

## ABSTRACT

The present study, included in the research line Process of Variation and Change of the *Stricto Sensu* Postgraduate Program in Linguistics of UNEMAT, was developed under the theoretical and methodological contributions of the Pluridimensional Dialectology, based on the studies of Thun (1998), Radtke & Thun (1996), and Africanism in Brazil, from Alkmim's studies; Petter (2009). Thus, we aim to analyze, describe, the variation of Portuguese spoken in Afro-Brazilian rural and urban communities, considering the relations of African languages in contact with Portuguese spoken in Brazil. In Cáceres-MT, there are seven Afrodescendant communities registered and certified at the Palmares Foundation, we chose to study in four (4) of them: Santana (MT01), Chapadinha (MT02), Exú (MT03) located in the rural area, and Pita Canudo ((MT04), in the urban area. The corpus of the research consisted of 30 interviews, transcribed and analyzed, being 10 interviewees from rural communities and 20 from the urban community. In order to develop the research in the rural area and select the interviewees, the following criteria were followed: a) Afrodescendants born or living 3/4 of life in the community; b) schooling preferably less than 2nd grade; c) not have lived abroad for a long time; d) enjoy talking. In addition to these criteria, we considered the diatopic dimension (informers at fixed address), GII (older generation), (Diagenational), Diagenetic (men and women), Dialingual (ALIB), Diarreferential (objective speech and metalinguistic). Thus, we extracted from the questionnaire of the Project of the Linguistic Atlas of Brazil - ALiB, fourteen questions Phonetic / Phonological, sixteen Semantic Lexical and seven with themes of free talk, and applied in rural communities. And, in the urban area, the Afrodescendants of the "Pita Canudo" community were selected, and the questionnaire formulated by Alkmim; Petter (2009) was applied, composed of 249 words of African origin. Therefore, the results obtained in the analyzes of the rural communities showed predominance of variants [+ afro] that is, the largest number of words of African origin, was presented in the Exú community (MT03), in real use in both sexes. In the Santana (MT01) and Chapadinha (MT02) communities, both do not differ in the results because they present the [- afro] variants in Portuguese. The results of the analyzes in the urban community, allowed us to identify 110 words of African origin, common to the universe of the interviewees. Thus, this research sought to contribute to the study of African languages and their contact with the language in Brazil.

**Key words:** Pluridimensional Analysis, Afro-Brazilian Communities of Cáceres-MT, ALIB, African Origin, Linguistic Contacts.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ALiB: Atlas Linguístico do Brasil

ADCT: Ato das Disposições Constitucionais Transitórias

ALMA-H: Atlas Linguístico Contatual das Minorias Alemães na Bacia do Prata

ADI: Ação Direta de Inconstitucionalidade

CNIRC: Centro Nacional de Informação e Referência da Cultura Negra

DEP: Departamento de Fomento e Promoção da Cultura Afro-brasileira

DPA: O Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-brasileiro

FCP: Fundação cultural de Palmares

GI (geração jovem)

GII (geração velha)

GTDL: Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística do Brasil

INCRA: Instituto de colonização e Reforma Agrária

MinC: Ministério da Cultura

QSL: Questionário Semântico-Lexical

QFF: Questionário Fonético-Fonológico

QSM: Questionário Morfossintático

STF: Supremo Tribunal Federal

Tx: Conversa Livre

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Esboço da Distribuição Territorial do Negroafricano no Brasil .....	23
Figura 2: Diferentes Famílias da África .....	24
Figura 3: Modelo de Dialectologia Pluridimensional .....	33
Figura 4: Dimensões de Análise .....	34
Figura 5: Número de informantes das comunidades rurais .....	54
Figura 6: Perfil Sociocultural dos entrevistados na Comunidade Pita Canudo.....	65

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>I. OS AFRODESCENDENTES NO BRASIL</b> .....	18
1.1 Quilombo/Quilombola/ Identidade/História.....	18
1.2 A Influência Africana no Português do Brasil.....	21
1.3 Diversidades Linguística do Português no Brasil.....	25
<b>II APORTE TEÓRICO</b> .....	29
2.1 Dialetoologia Pluridimensional: Origem e Princípio.....	29
2.1.1 Espaços pluridimensional.....	32
2.2 Africanismos no Brasil: Palavras de Origem Africana.....	35
2.3 Projeto Atlas Linguísticos do Brasil- ALIB.....	39
2.4 Relações entre Sociolinguística e Dialetoologia.....	41
2.5 Variação Linguística e Mudança.....	43
<b>III CAMINHOS METODOLOGICOS DA PESQUISA</b> .....	45
3.1 Constituindo as Comunidades Afro-descendentes Rurais e Urbanas de Cáceres-MT.....	45
3.1.1 Comunidades Afro-descendentes rurais.....	48
3.1.2 Comunidade Santana (MT01) .....	48
3.1.3 Comunidade Chapadinha (MT02).....	50
3.1.4 Comunidade Exú (MT03).....	50
3.2 Comunidade Afro-descendente Urbana.....	51
3.2.1 Comunidade Pita Canudo.....	51
3.3 Dimensão Diageracional e Diassexual.....	53
3.4 Coletas de dados: comunidade rural.....	53
3.5 Coletas de dados: comunidade urbana.....	55
3.6 Entrevistas com questionário.....	55
<b>IV ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS DAS COMUNIDADES RURAIS</b> .....	57
4.1 Análises de dados.....	57
4.2 Análises das variáveis QFF.....	58
4.3 Análises das variáveis QSL.....	60
<b>V. AFRICANISMO NA COMUNIDADE URBANA-QUILOMBOLA DE CÁCERES-MT</b> .....	64
5.1 Análise e comparação de dados.....	66
5.1.1 Comparações dos vocábulos encontrados na comunidade com os autores dos séculos XIX e XX.....	66

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	83
ANEXO I.....	88
ANEXO II.....	99

## INTRODUÇÃO

O Estado de Mato Grosso possui características linguísticas peculiares desde sua fundação, quando teve como primeira capital a cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade. No entanto, percebemos que os estudos da linguagem estão miscigenados por várias ramificações e as abordagens teóricas se consolidam a partir do objeto a ser analisado.

Para tanto, o estudo da linguagem nos permite pensar em língua, pensar em língua portuguesa, em história do português no Brasil, especificamente, no período em que os colonizadores chegaram ao Brasil em 1500, trazendo essa língua que se expandiu em terras, além do mar. Também sabemos que nesse período, houve contatos divergentes com outras línguas, como as línguas indígenas (tupi) e as línguas africanas, tal contato foi fortalecido, devido ao intenso tráfico de escravos, vindos da África para o Brasil. Esse contato linguístico despertou muito interesse dos estudiosos em buscar entender e conceituar a língua e a linguagem.

Desta forma, com o transcorrer do tempo, ao esclarecer questões pertinentes à língua e à linguagem, muitas teorias surgiram, dentre elas estão a Dialetoлогия Pluridimensional e a ampliação dos estudos voltados ao Africanismo no Brasil. A Dialetoлогия Pluridimensional, seguida por Thun (1998) e Ratdke & Thun (1996), estuda os dialetos, notadamente, a partir da variação nos seus diversos campos: lexicais, semânticos, fonético-fonológicos, dentre outros. Essa teoria descreve cada espaço geográfico que se propõe estudar, apontando características que mostram formações étnicas e linguísticas nos atos de fala do sujeito socialmente constituído.

Já os estudos relacionados com o Africanismo no Brasil, analisam a relação das línguas africanas com o português falado no Brasil, “esse estudo objetiva identificar os traços linguísticos atribuídos ao contato do português com as línguas africanas que aqui aportaram no período da colonização” (PETTER, FIORIN, 2009, p. 01).

Nesses termos, fundamentados aos pressupostos teóricos da Dialetoлогия Pluridimensional e do Africanismo no Brasil, buscamos realizar análise pluridimensional da variação do português falado em comunidades afro-brasileiras rurais de Cáceres-MT, especificamente, nas comunidades rurais Santana, Exu e Chapadinha, bem como, verificar, constatar e comparar os traços linguísticos do africanismo na comunidade urbana afro-brasileira, Pita Canudo, e, também, em Cáceres-MT. Por meio da pesquisa de Petter e Alkmim (2009), intitulada “Palavras da África no Brasil de ontem e hoje”, no livro África no

Brasil, propomos, também entender a relação dos espaços geográficos de uma comunidade a outra e os fatos linguísticos a elas relacionadas, verificar a existência e a permanência da língua africana no município em estudo e suas variações.

Evidencia-se, como hipótese, a existência da variação do português brasileiro, em contato com a língua africana (Bantu), nas comunidades afro-brasileiras rurais de Cáceres-MT, assim como, a pressuposição da existência de palavras de origem africana, na comunidade urbana.

Este estudo surgiu com a minha entrada no mestrado, tendo como orientador o professor Dr. Antônio Carlos Santana de Souza, que em seus trabalhos dedica-se a estudar as comunidades afro-brasileiras, como podemos verificar em um de seus estudos intitulado “Africanidade e Contemporaneidade do Português de Comunidades Afro-Brasileiras no Rio Grande do Sul”, tese de doutorado (2015), em que o foco principal foi realizar uma macroanálise pluridimensional da variação do português nas comunidades afro-brasileiras de Rio Grande do Sul.

Esse estudo buscou contribuir para integrar as pesquisas de línguas africanas e de seu contato com a língua portuguesa no Brasil, ampliando o conhecimento da língua falada por afro-brasileiros. Desta forma, investigou e analisou as línguas africanas em contato, nas sete comunidades remanescentes de quilombos e, através dessa macroanálise e dos contatos linguísticos, identificou, no comportamento linguístico, fatores determinantes da variação e mudança do português. Ainda provou as perdas e a manutenção das marcas da africanidade no português brasileiro, provando quais as marcas conservadoras presentes entre os falantes mais velhos. Na dimensão diageracional, observou a mudança linguística em curso, em todas as comunidades da pesquisa. Na dimensão diasssexual, apresentou as mulheres com maior adesão as inovações ou as variantes do português do entorno. Por fim, apresenta o plano diatópico, os pontos que se distinguiram entre uma adesão maior ou menor a determinadas variantes [+/- afro].

Ao fazermos um levantamento das comunidades afro-brasileiras de Mato Grosso, constatamos que em Cáceres-MT existem sete comunidades remanescentes de quilombos, todas devidamente registradas na Fundação de Palmares (2005), são elas, a comunidade Santana, a comunidade Monjolo, a comunidade Exu, a comunidade Ponta do Morro, a comunidade Chapadinha, a comunidade São Gonçalo e a comunidade Pita Canudo. Neste sentido, despertou-nos o interesse em conhecermos e desenvolvermos um estudo mais aprofundado dessas comunidades do nosso município, até então, desconhecidas por mim.

Assim, buscamos, neste trabalho, compreender os falares existentes e as diversidades linguísticas destas comunidades, em contato com o nosso português brasileiro.

As indagações que movem a nossa pesquisa são: Como entender a relação entre espaços geográficos e fatos linguísticos, considerando a evolução da língua portuguesa falada em cada comunidade linguística? As mudanças são possíveis? Ou há conservação dos traços linguísticos do africanismo, nas comunidades afro-brasileira de Cáceres-MT?

Após o aceite do Comitê de Ética em Pesquisa, sob o número 2.723-213, partimos para conhecer as comunidades citadas anteriormente. Ao visitamos três comunidades, Exu, Santana e Chapadinha, percebemos que nessas comunidades o número de famílias afrodescendentes são poucos, encontramos apenas pessoas mais velhas e crianças, os mais jovens ou com idade para trabalhar, migraram para a área urbana em busca de emprego e melhores condições de vida. Inicialmente, a nossa pretensão era fazer uma macroanálise da Dialetoлогия Pluridimensional como a proposta por Thun (1998) e Ratdke & Thun (1996), nas sete comunidades selecionadas para este estudo, mas como não encontramos o público mais jovem ou intermediário, ficamos impossibilitados de realizar as comparações diageracionais. E seguir com a pesquisa baseada na macroanálise da pluridimensional.

Nessas condições, optamos por fazer uma análise apenas com as três primeiras comunidades rurais visitadas. Seguimos ainda, com a pesquisa na comunidade Pita Canudo que está na área urbana de Cáceres-MT. Sendo assim, nesta comunidade aplicamos o questionário elaborado por Alkmim; Petter (2009), com o intuito de investigar a existência dos vocábulos de origem africana, na respectiva comunidade. Acreditamos, ainda que esse povo tão sofrido no século passado mereça uma atenção especial por parte dos estudiosos e que outros pesquisadores se interessem pelo tema. Como assevera, Possenti (2012, p. 15) “[...] fazer pesquisa a propósito de língua não equivale a consultar gramáticas e dicionários para verificar o que neles consta e o que não consta neles”. Por isso, defendemos a relevância desta pesquisa, haja vista que a conservação de uma variedade linguística está fortemente relacionada à cultura, a vivência e a sobrevivência de um povo.

Nossa pesquisa divide-se em cinco seção:

Na seção I, apresentamos uma contextualização histórica dos afrodescendentes no Brasil, constituindo o termo “quilombo/quilombola”, assim como, sua história/identidade. Abordamos, também sobre a influência africana no português do Brasil, bem como, conceituamos e compendiamos a diversidade linguística do português no Brasil.

Na seção II, nomeada “Aporte Teórico”, conceituamos alguns aspectos que sustentam nossa pesquisa, como: a Dialetoлогия Pluridimensional, origem e princípios,

discorreremos ainda, sobre o espaço pluridimensional, o africanismo no Brasil, projeto Atlas Linguísticos do Brasil (ALiB), relações entre Sociolinguística e a Dialetoologia, Variação Linguística e Mudança. Além disso, apresentamos uma resenha dos seis primeiros capítulos do livro: “*África no Brasil: a formação da língua portuguesa*”, organizado por José Luiz Fiorin e Margarida Petter, publicado em 2008, que traz diversos estudos de escritores do Brasil e do exterior, que foram muito importantes para o nosso trabalho.

Na seção III, discorreremos sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa, tanto das comunidades rurais quanto da comunidade urbana. Apresentamos, também alguns aspectos concernentes à metodologia empregada neste estudo. Desta forma, o leitor se deparará com a constituição das comunidades afrodescendentes rurais e urbana do estudo, um breve contexto histórico dessas comunidades, assim como, a dimensão diageracional e diassexual. Além disso, apresentamos os tramites da nossa coleta de dados e as entrevistas baseadas no questionário ALiB e no questionário de Alkmim; Petter (2009).

Na seção IV, apresentamos as análises dos dados obtidos nas comunidades rurais de Cáceres-MT, bem como interpretamos as descrições dos contextos estudados sob a teoria da Dialetoologia Pluridimensional proposta por Thun (1998), do mesmo modo, avaliamos a presença dos dialetos nos espaços geográficos das comunidades rurais de Cáceres-MT.

Na seção V, apresentamos um breve histórico da comunidade “Pita Canudo”, situada na área urbana de Cáceres-MT, apresentamos ainda, a análise obtida através do questionário, composto por 249 palavras de origem africana, adotado por Alkmim; Petter (2009), onde analisamos a existência e a permanência das palavras africanas em Cáceres MT.

E para finalizar, destacamos as considerações finais, desta pesquisa.

## SEÇÃO I

### OS AFRODESCENDENTES NO BRASIL

Nesta seção, nos propomos a discorrer sobre os afrodescendentes no Brasil, procurando abordar sobre a história e a identidade desse povo, bem como a constituição dos quilombos. Em seguida vamos discutir sobre a influência da língua africana na constituição da língua portuguesa aqui no Brasil.

#### 1.1 Quilombos/quilombolas / história/ identidade

Conforme estudos, por volta dos séculos XVI e meados do século XIX, estimam-se que chegaram ao Brasil mais de cinco milhões de africanos na condição de escravos, neste número, não se inclui os que morreram em solo africano, não se sabe ao certo quantos foram trazidos para o Brasil, mas é sabido que por mais de três séculos, enquanto a própria nação brasileira se constituía, os escravos eram trazidos das mais variadas partes do continente africano, e, não se tratava apenas de um povo, mais sim de uma variedade de etnias, nações, línguas e culturas (PRANDI, 2000, p. 52).

Dessa forma, esse povo foi adentrando no Brasil, nas diversas capitanias e províncias, conforme pode ser observado na própria história da economia brasileira, tal economia estava diretamente relacionada com a mão de obra escrava. Portanto, não haveria grande progresso no período, se não fossem os escravos, tendo em vista que o trabalho braçal era quase exclusivamente realizado por africanos e afrodescendentes. Nessa época, o tráfico dos escravizados era a maior atividade econômica para os portugueses, foram muitos anos de mão de obra escrava, essa, por sua vez, refletiu na sociedade brasileira, tanto na economia, quanto na cultura. Por muito tempo, durante o período da escravidão, houve muitos protestos contra esse domínio dos portugueses, lutas para buscar a sobrevivência em um país com costumes e hábitos diferentes dos nativos da África. Conforme Ribeiro (2006, p.63), manter o escravismo, só era possível, perante vigilâncias rigorosas e punições violentas, diante dos

protestos e resistências por parte dos escravos. Todo esse castigo se fazia necessário para o funcionamento da ordem escravista, caso contrário, os escravos se negariam a trabalhar e se rebelariam contra o cativo.

Os movimentos de manifestações simbólicas, de insubordinações escravistas, acordaram chamá-los de “Quilombo”, como uma forma de sobrevivência, de luta, contra a escravidão e repressões sofridas por eles. Assim, muitos escravos fugitivos se constituíram em locais distantes, para resistirem ao preceito escravista que lhes era imposto<sup>1</sup>.

Neste sentido, se constituiu a palavra denominada quilombo, como lugar de abrigos, refúgios desses escravos, ou seja, a ideia era “Refugiar em lugar de difícil acesso é manter-se em posição defensiva, lutando para sobreviver” (FURTADO, SUCUPIRA & ALVES, 2014, p.109). Dessa forma, os refugiados, escravizados, sobreviveram no Brasil, fugindo, resistindo, se alojando em lugares de difíceis acessos, conforme pudemos constatar em nossas pesquisas, pois as comunidades que visitamos, além de serem distantes, são de difíceis acessos. Portanto, os Quilombos representavam formas de lutas e resistências, contra as explorações vivenciadas, por africanos e seus descendentes, ao longo de toda a história brasileira. O próprio reconhecimento por parte do Estado, da essência das comunidades afro-brasileiras e a regulamentação de suas terras, denominadas como “Comunidades remanescentes de quilombos”, nos redimensionam ao próprio conceito de quilombo, nas mais variadas situações das ocupações de terras, por grupos afrodescendentes. Esses grupos dos remanescentes de quilombos foram formados, diante de uma grande disparidade de processos, incluindo as fugas com as ocupações de terras livres e isoladas, assim como, as heranças, as doações e quando prestavam serviços ao Estado e recebiam em terras. Desta forma, a palavra “Quilombo”:

(...) é de origem da língua africana chamada banto (kilombo), significando: acampamento ou fortaleza. A qual foi utilizada pelos portugueses para denominar as povoações/comunidades formadas por negros fugidos da escravidão no Brasil Colonial e Imperial. Um quilombo é um reduto caracterizado por uma capacidade de sobrevivência e produção autônoma, livre do controle de um senhor (MARQUES, 2009, p. 340).

As comunidades remanescentes de quilombo, embora não sejam tão antigas, estão representadas no meio rural como uma força social, modificando aquilo que era conhecido como, comunidades negras rurais, e que hoje também, podem ser encontradas nos meios

---

<sup>1</sup> Artigo intitulado “Cultura, Identidade e Subjetividade Quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural”. (FURTADO, M.B, SUCUPIRA, R.L., & ALVES, C.B. 2014, p.109). Acesso em 13/08/2018.

urbanos resinificadas, conforme o questionamento de Marques e Gomes (2013, p. 141), “o que significam os remanescentes de quilombo, ou quilombolas?”

Trata-se de um fenômeno sociológico que, segundo Almeida (2002), se caracteriza por: (1) identidade e território indissociáveis; (2) processos sociais e políticos específicos que permitiram aos grupos uma autonomia; e (3) territorialidade específica, cortada pelo vetor étnico no qual grupos sociais específicos buscam ser reconhecidos (MARQUES e GOMES, 2013, p.141)<sup>2</sup>.

As buscas pelo reconhecimento da posse do seu território e de sua identidade moveram esses remanescentes a formarem grupos sociais, que se movimentaram ou foram movimentados por disposições religiosas, sociais, políticas, etc. Esses grupos sempre lutaram, mas só conseguiram o direito as suas propriedades, após a promulgação da Constituição Federal de 1988, com base no Art. 68, ADCT, que define: “Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (MARQUES e GOMES, 2013, p. 141).

Essa foi a determinação para que o Estado emitisse os títulos de direito, das propriedades ocupadas por remanescentes de quilombos. Deste modo, ao constituir seu território constitui-se também a identidade de um povo, falar de identidade parece ser fácil, mas quando tratamos de identidades afrodescendentes, rememoramos a saga desse povo tão sofrido, maltratado e por muitas vezes ignorado, compreender essa identidade, exige-nos um grande desafio, principalmente no Brasil, onde a nossa sociedade vive na ignorância racial.

A identidade da pessoa negra, traz do passado a negação da tradição africana, a condição de escravo e o estigma de ser um objeto de uso como instrumento de trabalho. O afrodescendente enfrenta, no presente, a constante discriminação racial, de forma aberta ou encoberto e, mesmo sobre tais circunstâncias, tem a tarefa de construir um futuro promissor (FERREIRA, 2000, p. 41)

Sendo assim, entende-se que a pele escura por inúmeras vezes simboliza “os escravos”, com isso, os que possuem esse tom de pele, vivem enfrentando diversas situações de racismo e preconceito. Isso não é somente na visão do autor, mas sim, a realidade que vivenciamos no presente, entretanto esse povo é de luta, buscam e tentam mudar, o que

---

<sup>2</sup> A Constituição de 1988 e a ressignificação dos quilombos contemporâneos: Limites e potencialidades. De Carlos Eduardo Marques e Lílian Gomes, In: Revista Brasileira de Ciência Sociais - VOL. 28 N° 81, (2013, p.141).

chamamos de racismo, para “identidade”: “a identidade é a forma dos indivíduos se reconhecerem e de serem reconhecidos, a maneira como se veem e são vistos. Assim, aquilo que os outros dizem e esperam dele, passa a fazer parte do que ele acha que é a sua natureza e modelará o seu perfil, a sua forma de ser”. (CONCEIÇÃO; CONCEIÇÃO, 2010, p. 03).<sup>3</sup>

## 1.2 A Influência Africana no Português do Brasil

Conforme a etnolinguista e especialista em línguas africanas, Yeda Pessoa de Castro (2012), em seu artigo “O Tráfico Transatlântico e a Distribuição da População Negra Escravizada no Brasil Colônia”:

[...] o tráfico para o Brasil concentrou-se na região subsaariana em territórios da população nígero-congolesa (A, B) e trouxe para a antiga colônia portuguesa das Américas um contingente humano estimado em quatro milhões de indivíduos escravizados. Essa massa humana era proveniente de dois grandes e distintos territórios subsaarianos: a região do grupo banto (B) que se concentra na extensão sul abaixo da linha do equador, e a região de povos tipologicamente diferenciados, antes chamados de sudaneses, que se encontram no oeste africano (A), ao longo da costa atlântica, em territórios menos extensos e mais densamente povoados, que vão do Senegal à Nigéria, incluindo Burkina-Fasso, antigo Alto Volta (DE CASTRO, 2012, p.01).

Neste contexto histórico, os destaques linguísticos existentes quanto à direção do tráfico nos dois lados do Atlântico são percebidos pelo grande número de escravos trazidos para o Brasil, e a grande predominância do povo banto em todo o processo do desenvolvimento econômico do território brasileiro, isso aconteceu devido a sua densidade demográfica e intensidade geográfica, adquirida pela sua classificação humana ao longo do tempo. Como assevera De Castro (2012),

Dentre eles, os bacongos, falantes de kikongo, do Congo-Brazzaville, Congo-Kinshasa e norte da África com Angola, numa área geográfica correspondente ao antigo reino do Congo, os ambundos, falantes de Kimbundo, na região central de Angola e Luanda, nos limites do antigo reino de Ndongo, os ovimbundos falantes de umbundo, corrente na região do antigo reino de Benguela no sudoeste de Angola (DE CASTRO, 2012, p.03).

---

<sup>3</sup> CONCEIÇÃO, Helenise da Cruz; CONCEIÇÃO, Antônio Carlos Lima da. A construção da identidade afrodescendente. Revista África e Africanidades, Rio de Janeiro, ano 2, n. 8, fev. 2010. Acesso em: 10/11/2018.

Percebemos nessas informações bibliográficas, um grande número de diversidades linguísticas, talvez isso, tenha motivado as grandes centralizações de pesquisas nessas línguas faladas, na costa atlântica da Angola e do Congo. Essas línguas, quiçá teriam sido as mais impressionantes durante o regime escravocrata no Brasil, em decorrência do número majoritário ou do prestígio nas senzalas. De Castro (2012):

Distingue várias outras línguas como: (quiocos, libolos, jagas, anjicos, ganguelas etc.) trazidos do sertão pelos pombeiros ou negociados no outro lado do Atlântico (zulus, macuas, rongas, shonas, etc.) *na antiga Contra Costa, em Moçambique*. O fato é que o povo banto ficou tradicionalmente denominado no Brasil por congos e angolas ou congo-angola simplesmente Regiões de concentração do tráfico África Ocidental Região Banto (DE CASTRO, 2012, p.04).

Os estudos de De Castro (2012, p.05) apontam ainda, que essa região banta, envolveu um grupo de 500 línguas semelhantes, faladas na África subequatorial, e as línguas que possuíram maior número de falantes no Brasil foram três: quicongo, quimbundo e umbundo, todas angolanas. Uns dos fatos mais importantes da historiografia africana ocorreram com a expansão das línguas banto, e essa expansão aconteceu pela melhoria alimentar, por meio da introdução da banana e do inhame na África, vindos do sudeste asiático. E todas essas expansões das línguas banto, estariam adjuntas, As grandes quantidades de migrantes, sem territórios demarcados são caracterizados como banto, por apresentarem diversos tipos físicos, mas as diversas línguas que eles usam, são apresentadas como características comuns (ANJOS, 2005, p. 21).

Percebemos a grande expansão da língua Banto, essa expansão também ocorreu no estado de Mato Grosso, como pode ser observado no Mapa abaixo, junto a um quadro com as ocorrências das línguas e suas respectivas organizações (Figura 1), apresentado por Yeda Pessoa de Castro, (2010, p.12)<sup>4</sup>:

---

<sup>4</sup> O trabalho “O Tráfico Transatlântico e a Distribuição da População Negra Escravizada no Brasil Colônia”, publicado em 2010, por Yeda Pessoa de Castro, Etnolinguísta, Doutora (PhD) em Línguas Africanas, pela Universidade Nacional do Zaire, República Democrática do Congo, Consultora Técnica em Línguas Africanas do Museu da Língua Portuguesa na Estação da Luz em São Paulo, Membro da Academia de Letras da Bahia e consultora técnica na Pró-reitora de Extensão (PROEX) na Universidade do Estado da Bahia – UNEB / NGEALC.

**Figura1:** Esboço da Distribuição Territorial do Negroafricano no Brasil<sup>5</sup>



ATIVIDADE PRINCIPAL	SÉCULO DE INTRODUÇÃO MACIÇA			
	XVI	XVII	XVIII	XIX
Desbravamento Ocupação da terra Extrativismo Agricultura	B	B		
Mineração Agricultura		B/J	B/J	
Atividades urbanas e domésticas			B/J/N	B/J/N/H

Fonte: Mapa e quadro elaborado por Yeda Pessoa de Castro (2012, p.10)

Ao observar o quadro (Figura 1), é possível ver o eixo-vertical, posicionado de acordo com as atividades econômicas, onde os africanos foram recrutados e distribuídos em um eixo horizontal, durante o período da colonização do Brasil. E é notório a quantidade de estados brasileiros, onde as línguas africanas foram faladas, da qual destacamos a língua “Banto”.

Neste sentido, nota-se que a população de escravos destinados a Mato Grosso, eram em sua grande maioria, de origem Banto. É sabido, que desde o início da colonização,

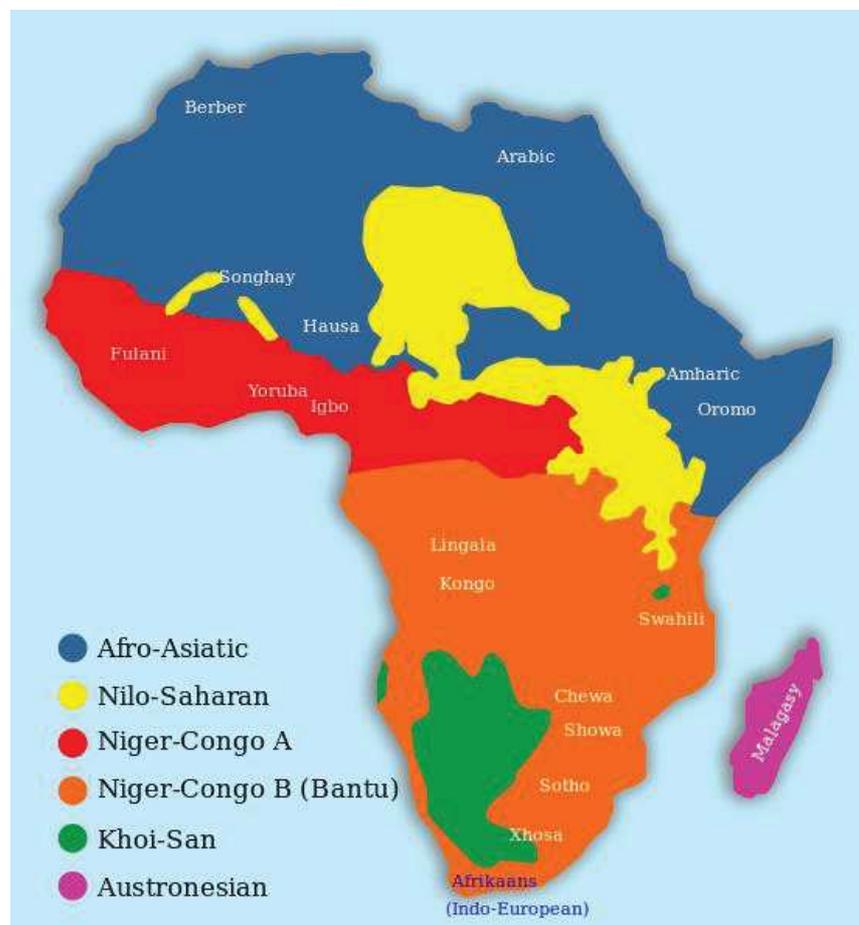
<sup>5</sup> Retirado da obra: CASTRO, Yeda Pessoa. O Tráfico Transatlântico e a Distribuição da População Negra Escravizada no Brasil Colônia. 2012.

milhões de escravos foram alegados para o Brasil, assim, o Brasil ficou com um maior número de afrodescendentes vindos da África, a maioria vindo das regiões do Congo e Angola, conforme dito acima, de forma que o português do Brasil foi mais influenciado pelas línguas quimbundo e quicongo.

Entender a ligação das línguas africanas, na construção da língua portuguesa no Brasil, é pensar que os escravos, tiveram forte contribuição na nossa língua como falante, bem como, nos fatos e acontecimentos de ordem socioeconômica e linguística.

Para compreender a riqueza das diversidades linguísticas da África, apresentamos o mapa das Diferentes Famílias Linguísticas da África (Figura 2):

**Figura 2:** Diferentes Famílias da África<sup>6</sup>



Estas variedades linguísticas da África, em contato com o português do Brasil, têm causado muitos estudos, pois são muitas as línguas em contato. Neste mapa (Figura 2),

<sup>6</sup> Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:African\\_language\\_families\\_en.svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:African_language_families_en.svg) (acesso em 10/11/2018).

podemos compreender a diversidade linguística das línguas e com isto entender como elas se submeteram a intensos contatos linguísticos com a nossa língua portuguesa. Nesse sentido, é impossível, não observar, as influências das línguas africanas na nossa língua portuguesa.

### **1.3 Diversidade Linguística do Português do Brasil**

Pensar em diversidade linguística é falar das riquezas, é discorrer sobre a língua portuguesa, sobre a história do português no Brasil, sobre a época em que os portugueses se aportaram em terras firmes, é falar ainda das variedades culturais da nossa língua, com seus dialetos, sua escrita, seus sotaques e seu próprio vocabulário, diferenciando a cada ponto existente do nosso continente. De acordo, com a Constituição Federal de 1988, no artigo 13, “a Língua Portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil”, sendo assim, o português é uma língua oficialmente reconhecida, esta por sua vez é falada por grande parte de seus habitantes.

Conforme pesquisas, a Língua Portuguesa originou-se com a vinda dos colonizadores portugueses ao Brasil, no século XVI, no ano de 1500, quando a frota de Pedro Álvares Cabral desembarcou nestas terras, entretanto eles não foram os primeiros habitantes deste território, tendo em vista, que aqui já existia uma população considerada em cerca de seis milhões de índios, organizados em diferentes povos indígenas, com diferentes mitologias e designações. Como afirma Mello, (2011):

E como conta a história cada povo portador de uma cultura tinha uma língua própria, caracterizada por regras linguísticas, vocabulários, uma estrutura gramatical particular que se desenvolvia com os passar dos anos. Por um processo histórico que se desenvolveu nos últimos 400 anos de contatos destas sociedades indígenas primeiramente com os europeus e mais tarde com a população nacional, a maioria destes povos desapareceu e a população indígena chegou a um número alarmante: apenas 300.000 pessoas, enquanto a população nacional soma mais de 170 milhões de brasileiros (MELLO, 2011, p.01).

Percebemos que a língua portuguesa, teve contatos divergentes com outras línguas, como as línguas indígenas (tupi) e as línguas africanas, devido ao intenso tráfico dos afrodescendentes vindos para o Brasil. Embora, percebe-se que aparentemente tenha ocorrido um desaparecimento das línguas indígenas nessa época, mas hoje estudos apontam que essas línguas encontram-se em um processo de resgate e preservação. Portanto, a diversidade linguística no Brasil é rica em variedades. Melo (2011) apontam ainda, que existia cerca de

200 línguas indígenas faladas neste território. Para entender essa relação entre as línguas, os pesquisadores observam os cognatos, que são as palavras com a mesma origem, conservando os sons.

[...] o parentesco entre as línguas varia da seguinte maneira: línguas pertencentes a um mesmo tronco têm entre si, 12% a 36% de cognatos. Línguas da mesma família, têm entre 36% a 80% de cognatos e dialetos tem 80% ou mais semelhanças”. E todo esse interesse em estudar as diversidades linguísticas brasileiras, está no fato de que essas diferenças expressam uma diversidade cultural entre os diferentes povos que residem aqui (MELLO, 2011, p.01).

Nestes termos, essas diferenças linguísticas encontradas, entre os diversos países de língua portuguesa, como (Brasil, Portugal, Angola, por exemplo) ou entre regiões do Brasil (região sul, com os falares gaúcho, catarinense, por exemplo, e região nordeste, com os falares baiano, pernambucano etc.), fazem surgir vários estudos no Brasil, objetivando traçar diferenças entre esses falares regionais. Buscando entender um pouco mais, sobre essa diversidade linguística brasileira, encontramos um grupo que trabalha com essa diversidade linguística do Brasil, esse grupo intitulado como: “Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística do Brasil” (GTDL), conforme suas publicações se estabeleceram:

(...) a partir do Seminário sobre a Criação do Livro de Registro das Línguas, realizado no Congresso Nacional em março de 2006 por iniciativa da Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados, do Departamento do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e do Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL) (GTDL).<sup>7</sup>

Evidencia-se nesse contexto, que esse Congresso trata-se de um seminário do legislativo por sugestão do Deputado Carlos Abicalil (PT/MT), que discutiram a política das línguas faladas pelas comunidades brasileiras, com participação de especialistas, linguistas e parlamentares. E a incumbência desse grupo de trabalho, GTDL, foi de avaliar e pesquisar a situação linguística do Brasil, propondo ainda, a estratégia para a concepção de uma política patrimonial, ajustada com a diversidade linguística no Brasil.

Para tanto, o Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística do Brasil (2006-2007) foi:

---

<sup>7</sup> GRUPO DE TRABALHO DA DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA DO BRASIL (GTDL), RELATÓRIO E ATIVIDADES. (2006/2007, p.03). Acesso in: <http://portal.iphan.gov.br>. Diversidade Linguística no Brasil. Acesso em 26/08/2018.

[...] constituído por representantes de diversos órgãos públicos (Câmara dos Deputados, Ministério da Cultura, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, Ministério da Ciência e Tecnologia e Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão), da sociedade civil (IPOL) e a UNESCO. No Brasil de hoje são falados por volta de 200 idiomas. As nações indígenas do país falam cerca de 180 línguas (chamadas de autóctones), e as comunidades de descendentes de imigrantes cerca de 30 línguas (chamadas de línguas alóctones). Além disso, usam-se pelo menos duas línguas de sinais de comunidades surdas, línguas crioulas, e práticas linguísticas diferenciadas nos quilombos, muitos já reconhecidos pelo Estado, e outras comunidades afro-brasileiras. Finalmente, há uma ampla riqueza de usos, práticas e variedades no âmbito da própria língua portuguesa falada no Brasil, diferenças estas de caráter diatópico (variações regionais) e diastrático (variações de classes sociais) pelo menos. Somos, portanto, um país de muitas línguas, tal qual a maioria dos países do mundo (em 94% dos países são faladas mais de uma língua) (GTDL, 2006-2007, p. 03).

Estudos indicam que, no passado, fomos um território plurilíngues, pois, aqui eram faladas mais de 1.000 línguas indígenas, quando surgiram os portugueses, segundo estimativas de GTDL:

[...] o Estado português e, depois da independência, o Estado brasileiro, que o sucedeu, tiveram por política, impor o português como a única língua legítima, considerando-a ‘companheira do Império. (Fernão de Oliveira, na primeira gramática da língua portuguesa, em 1536) (GTDL, 2016/2017 p.03).

Observa-se a forte imposição do Estado na política linguística reduzindo o número de línguas existentes, num método glotocídio, processo este que eliminava as línguas existentes, substituindo-as pela língua portuguesa. De maneira que, percebe-se que as línguas indígenas foram uma das mais prejudicadas, o que culminou com a extinção de muitas delas, das mais de 1.000 línguas faladas, ficaram aproximadamente 200 a 180 línguas, sem falar que várias dessas línguas correm o risco de desaparecer, isso não é bom, podemos considerar como um desastre cultural de um povo. Como os indígenas foram vítimas da política linguística dos Estados, os imigrantes também sofreram esse enalço, pois:

O Estado Novo (1937-1945) marcou o ponto alto da repressão às línguas alóctones, através do processo que ficou conhecido como “nacionalização do ensino” e que pretendeu selar o destino das línguas de imigração – taxadas como estrangeiras -, especialmente o de línguas como o japonês, o polonês, o ucraniano, o pomerano, o hunsrückisch, o talian e línguas ciganas entre outras (GTDL, 2016-2017, p. 04).

E como se não fosse o bastante, na época até as línguas dos surdos sofreram imposições do Estado, mas como estamos falando do desaparecimento de várias línguas, podemos lembrar-nos das línguas africanas no Brasil, esta por sua vez também sofreu com a supressão cultural e linguística, ou seja, estes eram desvalorizados pelo governo e pela sociedade, de modo que, tudo que se relacionava com a cultura dos escravos sofria uma grande desvalorização. Além de terem suas vidas curtas nas fazendas, já que não podiam constituir famílias e nem situar como comunidade.

Não obstante, os quilombos nos deram grandes originalidades linguísticas, embora pouco estudadas, receberam o nome de línguas de comunidades afro-brasileiras. Como sabemos, o nosso Brasil é rico, é uma sociedade de classes, de raças, e essa luta para que se unificassem as línguas, tirou toda a paz tanto cultural, quanto linguística, causando muita revolta, é isso que o GTDL (2016-2017 p. 04), define como: (...) “O processo cultural que impôs uma língua vitoriosa sobre as outras não foi assim tão pacífico, nem tão fácil. Custou esforços inauditos, custou sangue de rebelados, custou suicídios, custou vidas”. Entende-se assim, que houve uma forte resistência, tais estudos, indicam ainda, que essa resistência culminou com o plurilinguismo no Brasil.

## SEÇÃO II

### APORTE TEÓRICO

Nesta seção, construiremos o aporte teórico que sustentará a nossa pesquisa. Para isso, apresentaremos conceitos da Dialetoлогия Pluridimensional, origem e princípios, discorreremos também, sobre o espaço pluridimensional, o africanismo no Brasil, o projeto Atlas Linguísticos do Brasil (ALIB), as relações entre Sociolinguística e a Dialetoлогия, Variação Linguística e Mudança. Trazemos ainda alguns estudos desenvolvidos nessa área, no Brasil, que são importantes para a realização do estudo.

#### 2.1 Dialetoлогия Pluridimensional: origem e princípio

Ao falar em linguagem, é impossível não dizer da forte contribuição dos neogramáticos na linguística, e foi essa aversão, que permitiu o desenvolvimento de outros estudos, sob outros aspectos. Desta forma, reconhecemos que os estudos dialetais, estavam inseridos no processo diacrônico, pois, segundo pesquisas, antes mesmo de surgirem os neogramáticos, Ascoli já havia estudado os dialetos italianos.

Conforme Iordan, (1962):

[...] foi Ascoli quem “criou a Dialetoлогия italiana, dando-lhe foros de verdadeira ciência, devendo, por conseguinte, ser considerado o fundador da dialetoлогия românica em geral”. Ascoli acreditava que a observação dos fenômenos linguísticos em uma língua viva fornece dados seguros pelos quais se pode chegar a estados anteriores à sua transformação, enquanto o inverso não é possível. Porém, foi na França e na Suíça que a investigação dialetal teve a sua revolução, onde, já desde o início do século XIX, surgiram alguns trabalhos esporádicos dos dialetos populares. Uma importante obra desse período foi a do Abade P. J. Rousselot, *Modifications phonétiques du langage étudiées dans le patois d’une famille Cellerouin* (1891), na qual afirma que a fala humana não é uniforme dentro de um pequeno grupo – dentro de uma família – ainda mais se considerarmos um grupo maior, uma aldeia ou uma cidade. Outro trabalho análogo – *L’unité phonétique dans le patois d’une commune* – foi publicado em 1805 pelo estudioso suíço Louis Gauchat (1866-1942) (IORDAN, 1962, p.33).

É observável que a Dialetoлогия italiana, foi estudada por Ascoli que observou os fenômenos linguísticos como uma língua viva, esta que lhe forneceu dados confiáveis ao seu

estudo, como é visível no texto acima, foram surgindo outras investigações na área da dialetologia.

A nossa dissertação tem como objetivo principal, entender os fatos linguísticos e o espaço geográfico, assim como, considerar o desenvolvimento da língua falada. Justificamos nossos estudos, em função de sua seriedade em compreender as mudanças linguísticas advindas ao longo do tempo e da constatação dos fenômenos em estudo. Estudar a língua é compreender como: “um sistema de isoglossas comprovada numa comunidade linguística” (Bechara, 1928-2009 p. 23), ou seja, a língua como um código de línguas em um grupo social que se entende, ou em uma determinada comunidade de fala, em se tratando desse sistema podendo ser extenso, que envolva uma língua histórica de todos os falantes de uma extensa comunidade respeitada no seu conjunto geográfico, social e individual. De tal modo, que varia de acordo com o entendimento, que se atribui à extensão desse conjunto de atos linguísticos comuns.

Desta forma, a língua seria um fruto histórico e, ao mesmo tempo, uma unidade idealizada, devido à impossibilidade de alcançar uma língua homogênea, única. Sendo assim, a língua jamais será um sistema único, mas um conjunto de sistemas. Uma mesma língua apresenta, diferenças internas: no espaço geográfico, no nível sócio cultural, no estilo ou no aspecto expressivo. Por isso, toda língua é objeto de investigação, por ser um conjunto de variedades linguísticas, sendo assim, a sociolinguística estuda a relação entre língua e o espaço social, já a dialetologia estuda a língua além do social, mas também no espaço geográfico. Para que possamos devolver nosso trabalho, nos aportamos na Dialetologia Pluridimensional adotada por Thun (1998) Ratdke & Thun (1996), que se configurou:

Os primeiros passos em direção aos estudos da Dialetologia brasileira foram dados com o trabalho de Amadeu Amaral (1976 [1920], “O Dialeto Caipira, abrindo caminho para outras pesquisas, nas quais se destacam “O Linguajar Carioca, de Antenor Nascentes (1953 [1922]), e a Língua do Nordeste de Mario Marroquim (1945[1934]. Abordando aspectos de determinados áreas geográficas, essas produções buscaram descrever fenômenos semânticos lexicais, fonético fonológico morfossintático que bem ilustram o processo de dialeção do português de realização brasileira.

Partindo desse contexto, os estudos dialetológicos começam a ganhar forma, podendo ser compreendido como parte da ciência linguística, que aborda os estudos dos dialetos e dos termos dialetais, surgindo no século XIX, com interesse em mapear geograficamente as variedades linguísticas, pontuando os traços linguísticos mais

característicos, como os aspectos fonológicos e lexicais, com isso, passam de estudos, e aprimoram-se como ciência, percorrendo as contestações entre áreas dialetais, adotando por base um traço linguístico específico, estudando as peculiaridades linguísticas existentes na língua, em diferentes regiões de um mesmo país. Para tanto, a Dialectologia é uma ciência geral da variação linguística e das relações, entre variantes e variedades, ou seja, variantes e variedades de um lado, e falantes de outro (SOUZA 20015, p.63). Desta forma, podemos dizer que:

A Dialectologia apresenta-se, no curso da história, como uma disciplina que assume por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica (CARDOSO, 2002, p.1).

Assim, a Dialectologia, em um aspecto pluridimensional, foi conquistando espaços nas pesquisas, sobre os dialetos e sobre os falares regionais. Partindo desse ponto, foi surgindo interesse próprio dos linguistas, em registrar e escrever, as variedades linguísticas, culturais ou regionais em um espaço geográfico. Falando nos estudos dialetológicos é impossível não ponderar sobre a geolinguística, ou geografia linguística, já que esta é uma parte importante da dialectologia, que por sua vez, é o método mais usado nos estudos dialetológicos, em que as variações linguísticas são analisadas, por meio de um estudo cartográfico.

O campo da Geolinguística, proposto por Thun (2000), expõe sobre a importância e a precisão, em associar dados diastráticos, diagenéricos, diageracionais, diarreferenciais e diamésicos aos dados diatópicos, iniciada por Wenker e Gilliéron que teve como objeto de estudo, os dialetos. Conforme Souza (2015, p. 64), esse estudo, originou-se na Gramática Comparada de Jr. (1981, p, 94), diz ainda que, na área da Dialectologia a geolinguística é a técnica mais moderna de pesquisa, incidindo no levantamento de mapa, da classificação geográfica e de cada traço linguístico dialetal.

Para Coseriu (1987), o método dialetológico e comparativo,

[...] pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados (COSERIU, 1987, p. 79)

Tendo em vista, que a geografia linguística é considerada como um método e não como uma ciência, ela é propulsora da dialetologia. A dialetologia, sim é uma ciência, pois para desenvolver seu trabalho, faz-se interferências, sejam políticas, socioculturais, socioeconômicas e geográficas, permitindo verificar que essas barreiras, muitas vezes acabam interferindo no dialeto. Já que toda ciência é o conjunto de conhecimentos sistematizados, então, método se define como forma de coordenar a ação. Sendo assim, a geografia linguística, vista como método, tem a função de organizar a pesquisa em dialetologia, ficando apenas como uma forma ou um modo de sistematização.

### 2.1.1 Espaço Pluridimensional

Toda pesquisa composta por uma macroanálise pluridimensional e baseada na dialetologia, proposta por Harald Thun (1998) Ratdke & Thun (1996), faz-se necessário tratar do espaço pluridimensional, este que se ajustam a análise diatópica com a diastrática, e por si só, se expandem nas dimensões de uma análise, em uma determinada comunidade de fala. E através das combinações nas dimensões diageracionais com as diatópicas, podemos ter uma visão diacrônica dos fenômenos que estão mudando em curso no espaço geográfico. Desta forma, as dimensões das variações se ampliam e subdividem a dimensão diastrática, criando dimensões de análises, partindo da necessidade de descrição de determinado fenômeno, como o contato linguístico e o plurilinguismo.

Como nosso trabalho trata-se de línguas em contato, nas comunidades afro-brasileiras, nosso estudo passa pela dimensões diageracionais. Para Souza (2015, p. 66),

(...) à dimensão diastrática passa a ser específica para distinguir comunidades afro-brasileiras rurais de urbanas. A dimensão diageracional divide os falantes conforme sua faixa etária, onde evitarão as exclusões previa das estatísticas e a dimensão diassexual se divide em homens e mulheres; a dimensão diafásica que opõe a linguagem informal e formal ou outras variantes situacionais, como rituais religiosos de matriz africana, finalizando a dimensão diarreferencial que opõe a fala objetiva à fala metalinguística (SOUZA, 2015, p.66).

Nessa perspectiva, apresentamos no quadro abaixo (Figura 3), o modelo da Dialetologia Pluridimensional, citado por Souza (2015, p. 67):

Figura 3: Modelo de Dialetoologia Pluridimensional<sup>8</sup>

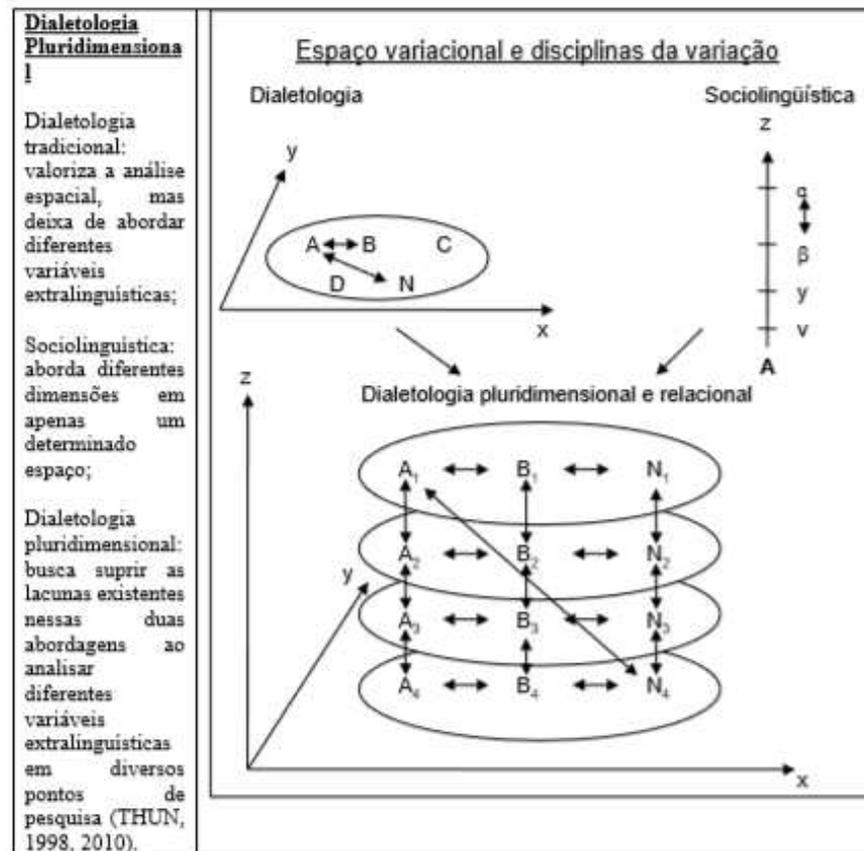


Figura 14: Modelo da dialetoologia pluridimensional e relacional, segundo o esquema de Thun (1998, p. 705)

Partindo desse modelo adotado por Thun (1998), percebe-se que a Dialetoologia Pluridimensional explica a distinção da dialetoologia tradicional, da Sociolinguística e da Dialetoologia Pluridimensional, que está muito claro no esquema acima apresentado. Sendo que “a pluridimensionalidade almeja evitar conclusões perigosas da dialetoologia monodimensional da suposta uniformidade e ausência da variabilidade linguística” (SOUZA, 2015, p.67). Por isso, a pluridimensional além de suprir as lacunas existentes na Tradicional e na Sociolinguística, ela vai a frente analisando as diferentes variáveis em diversos pontos.

Logo abaixo, segue o quadro das dimensões (Figura 4) consideradas no ALMA, citado por Souza (2015 p. 68), na seção II mencionamos algumas dessas dimensões, pois elas irão nortear nosso estudo.

<sup>8</sup> Modelo de Dialetoologia Pluridimensional, retirado de Souza (2015, p. 67).

Figura 4: Dimensões de Análise<sup>9</sup>

Dimensão	Parâmetro	Critério
diatópica	topostático (informantes em um domicílio fixo)	41 pontos de inquérito
diatópica-cinética	topodinâmico (mudança de domicílio – mobilidade espacial)	Em grande parte, relação entre colônias velhas (matriz de partida) e colônias novas (matriz de chegada)
diastrática	Ca = classe (socioculturalmente) alta Cb = classe (socioculturalmente) baixa	Ca (com formação universitária parcial ou completa) Cb (até ensino médio + profissão que não exija o uso da escrita)
diageracional	GH (geração velha) GI (geração jovem)	= acima de 55 anos = 18 a 36 anos
diagenérica	Ho = homens Mu = mulheres	
dialingual	hrs = hunsriqueano (Hunsrückisch) hdt = alemão-padrão (Hochdeutsch) pt = português sp = espanhol	Esta dimensão é complementada com dados dos atlas linguísticos do português (ALERS e ALiB), para o português
diafásica	Resp = respostas ao questionário Leit = leitura Tx = conversa livre (etnotextos)	Três estilos de uso da língua.
diarreferencial	Lg = fala “objetiva” MLg = fala metalinguística	Esta dimensão é estimulada pela <i>técnica de entrevista em três tempos</i> : perguntar (resposta espontânea) – insistir – sugerir
diarreligiosa	Cat = católico Lut = evangélico-luterano	Tipo de localidade conforme as confissões religiosas presentes
diamésica	Escr = língua em meio escrito vs. Fal = meio falado	coleta de dados em áudio e vídeo (oralidade) e em meio escrito (p.ex, impressos, cartas de imigrantes, inscrições [p.ex, em estabelecimentos comerciais, placas, topônimos, sepulturas])

Quadro 1: Dimensões de análise consideradas pelo ALMA-H (cf. ALTENHOFEN, 2013b)

Percebe-se, na figura 4, que cada dimensão, junta mais de um parâmetro a ser contrastado, geralmente em uma relação binária, o interessante é observar que nem todas essas dimensões se fazem necessárias em um estudo, depende de cada situação e objetivos de determinadas pesquisas. Que conforme Souza (2015, p. 68), “a dimensão dialingual implica entrevistas com falantes das diferentes línguas ou variantes em contato, e já a dimensão diatópico-cinética abarca o efeito das migrações entrevistando emigrantes no domicílio atual e no de partida origem para comparação”. A nossa análise não abarcará todos esses parâmetros,

<sup>9</sup> Quadro de dimensões de Análise, consideradas no ALMA, retirado de Souza (2015 p. 68).

de modo que, a quarta seção, se ajusta na dimensão Diatópica (informantes em domicílio fixo); Diageracional (GII- geração velha, somente a geração mais velha, pois os jovens não se encontram nas comunidades); Diagenerica (homens e mulheres); Dialingual (ALIB); Diarreferencial (fala objetiva e metalinguística).

## 2.2 Africanismos no Brasil: Palavras de origem africana

Desde o período da colonização no Brasil houve uma miscigenação de línguas, devido à presença de outros povos que aqui aportaram, resultando em contato linguístico. Pensar em contato linguístico, é pensar em uma conjuntura de línguas ou dialetos que influenciam mutuamente, seja pela adjacência geográfica ou social. Esse resultado que denominamos como contato linguístico, ou simplesmente um “empréstimo” de palavras, pode afetar tanto a gramática, quanto a fonologia, ou uma mistura de línguas, gerando os chamados “pidgins e crioulo”. Segundo alguns estudos, os “pidgins” surgiram através desses contatos de uma língua com outras, que foram usadas na época da colonização para um entendimento rápido, ou seja, uma comunicação acelerada com pessoas que falavam línguas diferentes. Já o crioulo, poderíamos dizer que é quando os pidgins passam a fazer parte de uma comunidade.

Identificar esses traços linguísticos deixados pelos escravos, em contato com o português brasileiro, demanda muitos estudos, e dentre as muitas teorias encontradas, apresentamos o livro *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*, publicado pela Editora Contexto em 2008, com reedição em 2009. Conforme os organizadores, no prefácio, José Luiz Fiorin e Margarida Petter, a publicação se justifica por ser uma área desprovida de bibliografia. Alguns autores são pesquisadores brasileiros como Tânia Alkmin, Esmeralda Vailatti Negrão, Evani Viotti e Margarida Petter; outros são franceses, Emilio Bonvini, Jean-Louis Rougé, Bernard Caron e Nicolas Quint.

Esse livro traz uma junção de pesquisadores brasileiros e franceses, em busca de respostas as suas inquietações sobre o contato linguístico das línguas africanas com o português brasileiro. Como foi dito anteriormente, esse livro foi escrito por diversos pesquisadores, mas para atender os objetivos da nossa pesquisa vamos explicitar algumas seções.

No primeiro capítulo, Emilio Bonvini, traz um artigo intitulado *Línguas Africanas e Português Falado no Brasil*, em que discute a influência africana *versus* criouliização, a classificação e a enumeração das línguas africanas, já que linguisticamente essa enumeração

cobre um terço das línguas do mundo, os períodos e as línguas africanas do tráfico, as línguas dos cativeiros e o português falado pelos escravizados.

Inicialmente o texto vem questionando, o que é sabido sobre as línguas faladas pelos escravizados no Brasil, e se possui depoimentos registrados sobre elas, no entanto, ele busca respostas em diversas obras, como na gramática, manual e publicações em tempos diferentes. A abolição da escravatura, em (1888) foi um fato, que causou uma decadência progressiva, extinguindo a maior parte das línguas africanas que estavam ligadas aos escravizados, pelo uso amplo do português. Devido a isso, deram por acabar com a alternância de códigos entre a língua portuguesa e as antigas línguas veiculares (quimbundo, mina, iorubá). Desta forma, a língua foi se desenvolvendo e passando por diversos processos históricos, em cada período que se constituía. E o autor ao concluir este estudo, relata que: ainda há de ser feito um estudo metódico, do modo como, os escravizados brasileiros falavam o português.

No segundo capítulo, intitulado *A inexistência de crioulo no Brasil*, apresenta um progresso da tese, do pesquisador francês Jean-Louis Rougé. Começa apresentando e definindo, as dificuldades em relação às línguas crioulas. Rougé (p. 63) explana, que: “[...] para considerar os crioulos como sistemas linguísticos resultante de ruptura tipológica com uma língua mãe ou lexificadora” – geralmente uma língua europeia - em situações de colonização e/ou de escravidão”. Ele usa esse contexto, para abdicar a crioulição do português discorrido pelos escravizados, no qual explica que não teria existido ruptura tipológica com o português padrão. A partir daí, prefere explicar as variantes usadas pelos escravizados como sistemas de transição.

O autor assume ainda, como direção para seus estudos, a situação linguística da ilha de São Tomé, no golfo da Guiné, próximo as costas africanas. Porém, nota que nessa ilha houve a existência das línguas crioulas, deixada ao longo período da colonização e escravidão, o autor apresenta o assunto de forma resumida. Como o foco de sua pesquisa é o português dos Tongas, falado hoje, o autor começa analisando a fonética, a morfossintaxe e o léxico, para comprovar que esse princípio linguístico não é crioulo, para ele, não houve ruptura tipológica com o português. Igualmente recusa a possibilidade de considerar o português de São Tomé, como um fruto de um processo de descrioulição. Ao finalizar seu estudo, o autor propõe que o português vernáculo do Brasil, também não seja visto como crioulo, como muitos pesquisadores confirmam.

No terceiro capítulo, intitulado *A realização do sujeito em português do Brasil: deriva versus crioulição*. Nicolas Quint analisa a posição de sujeito, e defendendo o preenchimento da posição de sujeito nessa língua, afirma que pronomes sujeitos é

consequência que provém da linguística, e não de métodos de criouliização. Para amparar seu parecer, confronta o português com o que ocorre nas remanescentes línguas românicas. Das quais, conforme a proximidade ou distanciamento da origem do latim, irão manter ou reduzir o paradigma sintético pessoal do verbo. Diante disto, o autor esclarece que conforme a proximidade, a tendência do sujeito europeu defende construções como sujeito nulo, e o português brasileiro nomeiam formas inovadoras, questionando o uso dos pronomes.

Ainda para sustentar sua argumentação, o autor procura comparar o espanhol peninsular (variedade conservadora) e o espanhol da Argentina (variedade inovadora), sendo que o espanhol peninsular mantém, todas as marcas pessoais sintéticas que foram transmitidas do latim, e o da Argentina perdem a forma verbal, correspondente a segunda pessoa do plural. E por fim, o autor conclui que diversas outras línguas teriam contribuído para a formação do português brasileiro, inclusive as línguas substrato do tupi, várias línguas africanas, das quais, ele destaca os idiomas, banto, o ioruba do golfo de Benim e as da zona calabari, e também pelas diversas línguas trazidas pelos imigrantes europeus e asiáticos.

No quarto capítulo, *As línguas vernáculas urbanas na África: o caso do sheng*, Bernard Caron começa dizendo das inúmeras línguas africanas, seu estudo objetiva, identificar as línguas urbanas africanas e expor seus traços em comum, e logo, aprofundar num estudo sobre “o sheng”, língua falada em Nairóbi, em expansão nas áreas rurais. Caron começa dizendo que na África, desde os anos 70, observa-se o surgimento e o aumento de línguas faladas essencialmente pelos jovens. Explica ainda, que esse fato pode estar relacionado com o aumento da urbanização, com a mistura de pessoas em diferentes idades, distintas culturas, línguas e religiões, e todas em comum, estão expostas as difíceis condições de sobrevivência. Esclarece ainda, que essas línguas urbanas que surgiram, vindas dos jovens, seriam fortes laços de identidades, pois desta forma, permitiriam se diferenciar das gerações mais velhas, da vida rural e das elites. Buscando a origem dessas línguas, estariam ligadas as gírias dos delinquentes. Logo, foram ganhando e conquistando espaço, até se transformar em um socioleto nas áreas urbanas e conquistar toda a sociedade.

Seguindo, Caron cita Ferrari (2005, p. 251), apoiada por Mbaabu e Nzuga (2003), sobre a língua sheng, em que estes afirmam que essa língua está além da área urbana da cidade de Nairóbi, instalando-se em áreas rurais. Sua estrutura gramatical é o banto, além da contribuição do suaíli, também há empréstimos de diversas línguas, em especial do inglês, mas conforme o autor a língua sheng se diferencia pelo fato dela ter inovações próprias, com isto, ela pode ser considerada como um sistema linguístico novo e independente. Segue discutindo, que a língua sheng precisaria ser uma língua mestiça, um pidgin, crioulo ou

miscigenada. Desta forma, o autor também analisa os conflitos nas áreas de ensino por conta do surgimento do sheng.

No quinto capítulo, *Os vocábulos de origem africana na constituição do português falado no Brasil*, Emilio Bonvini mostra um número alto de vocábulos existentes, esses vocábulos, por sua vez, não são novos, ou seja, já foram feitos numerosos trabalhos sobre eles, anteriormente. Para Bonvini, esses vocábulos são empréstimos linguísticos, por ser “um fenômeno sociolinguístico normal e frequente” (p. 103). Seu trabalho está constituído em dois momentos, no primeiro, o autor busca provas verdadeiras e históricas, em “documentos datados e certificados”, para comprovar a presença de palavras de origem africana no português do Brasil, mostrando assim, que essas provas não existiam em estudos anteriores, somente assim, poderia dizer que esses vocábulos são fruto da “influência” de línguas africanas. No segundo momento, Bonvini avalia a configuração semântica desses vocábulos, assim destaca sua inovação.

No capítulo seis, designado por *Palavras da África no Brasil de ontem e hoje*. Escrito por Tania Alkmin e Margarida Petter, inicialmente optam por fazer um levantamento dos vocábulos de origem africana usado no português brasileiro, registrados por pesquisadores do século XIX e do século XX.

Para a constituição do corpus do trabalho apresentado por elas, buscaram os mais avançados estudos do léxico de origem africana no Brasil, como: *Falares africanos na Bahia*, de De Castro (2001). Nesse estudo as autoras distribuem conforme a sua origem, seja banta, ioruba, fon e de formação brasileira. Partindo dos contextos sociolinguísticos diversos, constituíram-se cinco níveis de contribuições africanas, sendo: 1) linguagem religiosa dos candomblés da Bahia ou língua de santo; 2) linguagem usual do povo de santo; 3) linguagem popular da Bahia; 4) linguagem cuidada e corrente, familiar na Bahia; e 5) o português do Brasil em geral. Resultando em 3.517 vocábulos de origem africana, e ainda define e separa quantitativamente a origem de cada vocábulo estudado. Neste sentido, o corpus do trabalho em estudo se constituiu de 400 vocábulos.

Conforme o resultado obtido, elaborou-se um segundo questionário com 249 palavras totalmente de origem africana. Partindo desse contexto, as autoras compararam os dados do corpus com os registros feitos pelos pesquisadores dos séculos XIX e XX, nessa comparação, perceberam quais expressões permaneceram na linguagem e quais já desapareceram, verificaram ainda, se houve ou não mudanças nos significados usados atualmente. Concluindo esse trabalho, as autoras finalizam ressaltando, que muitos desses

vocábulo desapareceram da linguagem falada, e outros são desconhecidos ou de uso restrito. Os termos referidos a “escravidão”, permaneceram na escrita, marcando a história.

Por fim, as pesquisadoras dizem que, as etimologias dos termos de origem africana representam um grande desafio a cumprir, chegaram ainda a conclusão, de que os vocábulos estudados são quase de origem banta, excetos alguns, mas a predominância da origem banta confirma a antiguidade do contato do português com as línguas do grupo banto, não excluindo, a presença dos termos de línguas oeste-africanos (fon, ioruba, eve, gun, maí, huça).

### 2.3 Projetos Atlas Linguísticos do Brasil-ALIB

Conforme estudos, os atlas estaduais lançados no Brasil não consentiam a uniformidade metodológica, em estudos comparativos e contrativos da língua falada no Brasil, neste sentido:

O Projeto ALiB, iniciado em 1996, firmou-se como um projeto de cunho nacional por ocasião do *Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado em Salvador, na Universidade Federal da Bahia/Instituto de Letras, que reuniu pesquisadores no campo da Dialectologia, contando com a presença de todos os autores de atlas linguísticos até àquela época já publicados — os atlas (pela ordem de publicação) da Bahia (*Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB*, 1963), Minas Gerais (*Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - EALMG*, 1977), Paraíba (*Atlas Linguístico da Paraíba - ALPB*, 1984), Sergipe (*Atlas Linguístico de Sergipe - ALS*, 1987) e Paraná (*Atlas Linguístico do Paraná - ALPR*, 1994) —, de pesquisadores que iniciavam a elaboração de Atlas linguísticos regionais, e de professores interessados na pesquisa dialetal (CARDOSO, 2017, p.187).

Diante disso, em 1996 o projeto ALIB procurou resposta junto aos pesquisadores da época, como também, aos dialetológicos brasileiros que contavam com o Decreto do Governo Brasileiro, nº 30.643, de março de 1952. O decreto estabelece a criação de um projeto para que pudessem estabelecer uma Comissão da Filologia para desenvolver a elaboração de um Atlas Linguísticos do Brasil. Mas esse projeto não se concretizou por diversas razões, uma delas foi a dificuldade em financiamentos para pesquisa, assim como baixo número de pesquisadores na área, dentre outros motivos. Por volta da década de 70, a Casa de Rui Barbosa, também almejou a realização de um atlas linguístico do português brasileiro, mas essa pretensão, também não se materializou. Segundo Cardoso, (2017, p. 188).

Consolidou-se o Projeto ALiB como um projeto integrado nacionalmente, contando, no presente, com a participação de quinze instituições que, mediante Convênio firmado por iniciativa da UFBA, assumem o Projeto como tarefa da sua instituição e participam da condução da pesquisa no território nacional (CARDOSO, 2017, p. 188).

O Atlas Linguístico do Brasil (ALiB, 2001), por ser um projeto em curso daquela época, Nacional e interinstitucional, tem como proposta descrever a língua portuguesa falada no Brasil a partir de uma visão diatópica. Dessa forma, ao estruturar um atlas dessa competência, conforme estudos, o ALiB propõe mapear a diversidade do português falado em um país, cujo território abrange mais de 8.500.000 km<sup>2</sup>, por isso, não poderia ser um projeto particular e nem para pouco tempo. Conforme Cardoso (2017), o ALiB encontra-se estruturado em Regionais e tem por objetivos:

- 1) Documentar a língua portuguesa no Brasil, segundo os usos nas diferentes regiões do país;
- 2) Registrar as manifestações linguísticas nos seus diferentes níveis — fonético-fonológico, morfossintático, semântico-lexical, prosódico — e na perspectiva de duas diferentes faixas etárias, dos dois gêneros e considerando dois graus de escolaridade — fundamental e universitário;
- 3) Oferecer aos estudiosos da área da Linguística elementos para considerações no campo da gramática, da lexicologia, da fonética-fonologia, da semântica, da prosódia e da análise do discurso;
- 4) Permitir a interface com estudos no campo da história, da antropologia e da geografia humana, entre outros (CARDOSO, 2017, p.189).

Para que esses objetivos se concretizassem, o projeto tem por desígnio, documentar uma rede de 250 localidades, disseminadas por todo o território nacional e representadas das mais diferentes regiões, devendo ser registrados uma quantidade elevada de informantes, distribuídos em duas faixas etárias (uma mais jovem e a outra mais velha), pelos dois sexos (feminino e masculino), e de dois níveis de escolaridade.

As coletas desses materiais para pesquisas são direcionadas, mediante as aplicações de questionários específicos, com gravações integrais das entrevistas. Esses questionários estão estruturados da seguinte forma: Questionário Fonético-Fonológico-QFF, Questionário Semântico-Lexical-QSL; Questionário Morfossintático-QSM, além de questões de pragmática e de prosódia, de temas para discursos semidirigidos, perguntas metalinguísticas e um texto para leitura. É esse questionário que norteia nossa pesquisa, pois “um atlas linguístico fornece uma imagem multidimensional, ele mostra onde e como se dão as variações no espaço físico e social” (THUN,1996-1997, RAZKY, 2006, p.117).

Segundo Razky (2013, p. 54), os estudos baseados no Atlas Linguísticos do Brasil (ALIB) podem ser: monodimensional, bidimensional e multidimensional. Os atlas monodimensionais estão focalizados na dimensão espacial, permitindo identificar o uso da língua, dentro de um determinado espaço geográfico. Por outro lado, os atlas bidimensionais, além do espaço geográfico, consideram outras dimensões, como: a diageracional e a diagenerica. Já os Atlas pluridimensionais, além do espaço geográfico, abrangem outras duas ou mais dimensões sociais, como por exemplo, a diafásica, diagenérica, diastrática e diageracional. Muitas pesquisas adotam a nomenclatura multidimensional para se referir a pluridimensional.

## **2.4 Relações entre Sociolinguística e Dialectologia**

Falar de linguagem implica falar em sociedade, esta por sua vez, traz consigo o termo Sociolinguística, tais estudos surgiram em 1964, em uma conferência reunindo 25 pesquisadores em Los Angeles, por iniciativa de William Bright, encarregado da publicação das atas e que definiu a sociolinguística “como uma ciência que mostra que a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas” (CALVET, 2002, p. 21). Como ciência ela estuda a diversidade da língua, tendo como seu objeto de estudo a língua falada em reais contextos de uso, esta passa a ser apresentada e estudada cientificamente, dentro de discernimentos que envolvem fatores sociais como a idade, o sexo, a classe social, dentre outros.

A Sociolinguística é uma extensão dos estudos do começo do século XX, de Franz Boas, Edward Sapir, Benjamin L. Whorf, em uma corrente chamada Antropologia Linguística, para qual a linguagem, cultura e sociedade são consideradas fenômenos inseparáveis. A sociolinguística também tem o interesse, em pesquisar a atitude de determinadas variedades nas diferentes comunidades de fala. Essa abordagem da sociolinguística tem como foco, observar os traços linguísticos e como se comportam dentro de uma comunidade, seu eixo principal é identificar quando (linguagem informal ou formal), e quem faz uso desse traço (Homens ou mulheres? Jovens ou adultos?), dentre outros.

Para tanto a Sociolinguística estuda a língua no contexto social, com isso não podemos deixar de pensar nos estudos dialetológicos que também estudam a língua, fazendo classificação das falas e das diferenças regionais. Que para Dubois (1993),

(...) o estudo do conjunto da geografia linguística e dos fenômenos de diferenciação dialetal ou dialeção, pelos quais uma língua, relativamente homogênea numa dada época, sofre no curso da história certas variações – diacrônicas em certos pontos e de outra natureza noutros – até terminar em dialetos, e mesmo em línguas diferentes (DUBOIS, 1993, p.275).

A dialetologia teve seu surgimento por volta do século XIX, e se interessou em mapear geograficamente as variedades linguísticas, pontuando especificamente os traços linguísticos, lexicais e fonológicos, a partir desses traços, os dados dos informantes são coletados para auxiliar no esboço das isoglossas. Todavia, a Dialetologia e a Sociolinguística são ciências que estudam o mesmo objeto, mas que diferenciam entre si, principalmente em seus campos de atuação, ou seja, em sua forma de trabalho. Enquanto a sociolinguística, leva em conta os fatores sociais em suas análises, a dialetologia usa de fatores sociais e espaciais. Conforme Silva, (2003):

Para fins de organização de tarefas, tem-se por desejável que os fatos recolhidos de diferenças horizontais, regionais, estariam afeitos à Dialetologia, enquanto os verticais, sociais, seriam do interesse da Sociolinguística. Dizendo doutra forma: a Dialetologia tem por centro de interesse o estudo das unidades sintópicas e, sobretudo, as diversidades diatópicas, enquanto à Sociolinguística caberia o estudo das unidades sinstráticas e diastráticas, ficando com a estilística as unidades sinfásicas e a diversidade diafásica (SILVA, 2003, p.05).

Desta forma, percebe-se que a Dialetologia tem interesse nos estudos das unidades sintópicas e, sobretudo, as diversidades diatópicas, ou seja, a Dialetologia estuda a semelhança dos fenômenos linguísticos “dialetos”, dentro de um espaço geográfico. Enquanto à Sociolinguística estuda os fatos sociais em uma determinada comunidade. Como dito, a dialetologia e sociolinguística são ciências, cada uma age em seu campo determinado, mas ambas necessitam uma da outra para se concretizar.

Desse modo, a Dialetologia Pluridimensional procura analisar todos os planos e as relações presentes, focando nos dialetos puros, para análises de variedades linguísticas vistas como mistas, incluindo as formas regionais e o comportamento variável de diferentes grupos em contato. Embora a Sociolinguística e a Dialetologia possuam suas diferenças, Altenhofen (2013, p. 3)<sup>10</sup> diz que:

---

<sup>10</sup> Revista de Letras Norte@mentos – Revista de Estudos Linguísticos e Literários Edição 12 – Estudos Linguísticos 2013/02 [http://projetos.unemat-net.br/revistas\\_eletronicas/index.php/norteamentos](http://projetos.unemat-net.br/revistas_eletronicas/index.php/norteamentos), acesso em 03/10/2018.

[...] não se excluem mutuamente, pela razão simples de que não existe espaço sem sociedade, como também não existe sociedade sem espaço. O que deve ser ressaltado, portanto, é que o termo geolinguística implica tanto a noção de sociedade, quanto o termo sociolinguístico pressupõe determinado recorte do espaço geográfico (ALTENHOFEN, 2013, p. 3).

Neste sentido, percebe-se que a Sociolinguística e a Dialectologia de certa forma, estão ligadas uma a outra, pois, conforme Altenhofen (2013), não há possibilidade de existir espaço sem sociedade, assim como não existe, sociedade sem espaço.

## **2.5 Variação Linguística/Mudança**

Compreendemos que a Língua Portuguesa no Brasil não se apresenta como única, homogênea, esta proporciona muitas contestações dialetais, as quais podem chamar de variações linguísticas, e essas variações tem se servido para marcar e identificar socialmente e geograficamente seus usuários. Isso implica em registrar várias formas de preconceitos linguísticos, resultante do valor que a língua falada traz em seu contexto social; é muito comum depararmos com situações da língua, em que as variedades linguísticas de menor prestígio são consideradas inferiores ou erradas. Vivemos em pleno século XXI e sabemos que as comunidades letradas estão se expandindo em contato com o mundo moderno, inicia-se uma comunicação humana mais exigente e formal, todo esse contato entre as culturas regionais, costumes, seja rural ou urbano, de maior ou menor prestígio, colaboram para que a língua esteja mais dinâmica e heterogênea, e em constante processo de transformação.

Essas mudanças não ocorrem de forma homogênea, há comunidades em que se encontram por diferentes razões, sejam elas, culturais, regionais, geográficas etc. Além disso, as mudanças linguísticas ocorrem passo a passo, vinculado aos costumes linguísticos, em que muitos são deixados para trás pelas comunidades de fala, mas deve-se buscar as diferenças regionais, constatando as características sócio históricas que cada comunidade possui, e examinar se elas refletem nas diversidades geográficas, na busca de representação linguística, que são escopos que irão nortear o trabalho de um dialetológico.

A variação e mudança estão presentes, em toda e qualquer comunidade de fala, desta forma, compreendemos que há vários fatores que condicionam essa variação, entre elas podemos dizer que o “contato linguístico” entre os indivíduos de uma determinada comunidade é abundantemente elevado de um modo geral, pois, “quanto maior for o contato entre as pessoas que fazem uso da mesma língua, maior será a semelhança entre os seus

respectivos atos de fala” (SOUZA, 2015), ou seja, quanto maior for o contato linguístico em uma comunidade, maior será a relação entre os atos de fala, e nesse encadeamento entre o linguístico e a elevação desse contato, que se que marcam as variações regionais, geográficas, socioculturais, dentre outras.

A variação pode estar presente tanto na coletividade, quanto na atividade verbal de um indivíduo, essa variação se dá pelo fato dos seus indivíduos serem influenciados por vários aspectos, como: regionais, históricos e locais. O indivíduo, ainda pode manifestar suas variações, dependendo das circunstâncias em que se encontram, pois quando estamos no bar, ou em rodas de conversas entre amigos, tende-se a apresentar variações com mais frequência, pois se trata de oralidade, sem a presença do formalismo, mas à medida que nos encontramos em instituições, em ambientes mais formalizados, raramente as variações estarão presentes, mesmo por que, o próprio ser humano se coloca nessas posições de formalidade.

Ao falar em variação e mudança linguística, não podemos deixar de falar do “tempo”, pois toda e qualquer língua há uma história ligada a ela, a língua sofre variações e mudanças, através do tempo, pois sua forma e estrutura usada no passado, não são as mesmas usadas no presente. Conforme Coseriu (1991):

[...] as palavras mudam continuamente; não só do ponto de vista fônico, mas também do ponto de vista semântico, uma palavra nunca é exatamente a mesma; diríamos melhor que uma palavra, considerada em dois momentos sucessivos de sua continuidade de emprego numa comunidade, não é *ni tout à fait une autre, ni tout à fait la même* [nem totalmente uma outra, nem totalmente a mesma] [...] em nenhum momento se pode fixar um sistema estático concreto, porque em cada momento o sistema se quebra para constituir-se e romper-se novamente – essa mudança continua e, precisamente, o que chamamos a realidade da linguagem (COSERIU, 1991. p. 76).

Outras variações que podemos citar são as variedades sincrônicas, elas se estabelecem num mesmo período de tempo, possuindo sua forma e estrutura comum, abrangendo as variedades regionais que também são vistas como diatópicas, estas por sua vez, são as variações que ocorrem de região para região, como por exemplo, aqui temos um legume chamado “abóbora”, em outro lugar esse mesmo legume recebe o nome de “jerimum”, e assim sucessivamente. Desta forma, isso acontece porque há diversos falares regionais, socioculturais e diversos estilos, assim, as variedades diacrônicas estão relacionadas às diversas manifestações da língua ao longo do tempo. Desse modo, a distinção entre as diversas variedades de uma língua não é facilmente estabelecida, pois as variações são amplas, principalmente na atividade verbal. Neste sentido, o contato linguístico entre os

indivíduos é que determina o grau de variação linguística que ocorre na fala dos indivíduos, que fazem uso da mesma língua.

### SEÇÃO III

#### CAMINHOS METODOLOGICOS DA PESQUISA

Abordaremos aqui, os processos metodológicos que nortearam nosso estudo. Esta pesquisa está composta por dois tipos de análises, sendo que uma está baseada na Dialectologia Pluridimensional nas comunidades afrodescendentes rurais, e a outra análise esta inspirada nos estudos de Alkmin e Petter (2009, p. 145-177), em seu trabalho “Palavras da África no Brasil de ontem e de hoje”, realizada na comunidade afrodescendente urbana de Cáceres-MT. Para seguirmos com os estudos de Harald Thun (1998), com sua teoria e realizar os dados comparativos, seria preciso fazer pesquisa com: **mGII** = 02 homens, geração velha (acima de 55 anos), **fGII** = 02 mulheres, geração velha (acima de 55 anos), **mGI** = 02 homens, geração jovem (18 a 36 anos), **fGI** = 02 mulheres, geração jovem (18 a 36 anos). Além disso, outros critérios necessários para o desenvolvimento da pesquisa como: ser afrodescendentes nascidos ou vivendo 3/4 da vida na comunidade; b) escolaridade preferencialmente inferior a 2º grau; c) não ter morado fora por muito tempo; d) gostar de conversar. Após ter visitado três comunidades, percebemos que esse público mais jovem não se encontra mais residindo nas comunidades rurais. Por este motivo, resolvemos analisar somente as três comunidades e buscar outra fonte para a comunidade urbana, onde seguimos os estudos de Alkmin e Petter.

O *corpus* deste estudo foi constituído por meio da aplicação do questionário do “ALIB” nas comunidades rurais, e na comunidade urbana, aplicamos o questionário elaborado por Alkmin e Petter (2009, p. 145-177), composto por 249 palavras de origem africana. Deste modo, apresentaremos aqui, um breve histórico das comunidades em estudo, os discernimentos para a seleção dos entrevistados e coleta de dados.

### 3.1 Constituindo as Comunidades Afrodescendentes Rurais e Urbanas de Cáceres-MT

Percebemos que existem poucos estudos sobre as comunidades afro-brasileiras de Cáceres-MT, ou seja, tivemos uma limitação histórica sobre elas, o que enriqueceu nosso trabalho foram os relatos dos moradores antigos desses locais. Conforme a Constituição Federal de 1988, em seu art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), dá-se o direito aos remanescentes das comunidades quilombolas à propriedade de terras, competindo ao Poder Público as demarcações das áreas e as expedições dos referentes títulos. Partindo desse ponto de vista, pressupõe-se, que se encerrariam certos problemas de ordem prática, como no ponto referente à identificação dos sujeitos do mencionado direito. Diante da ausência de lei nacional sobre o assunto, o Poder Executivo oferece cumprimento ao direito à Constituição, expedindo Decretos regulamentando o assunto. Nesse sentido,

Entra em vigor o Decreto nº 4.8871, de 20 de novembro de 2003, o qual revogou o Decreto nº 3.912 de 10 de setembro de 2001. O Decreto atualmente em vigor aponta os seguintes critérios para identificação dos remanescentes das comunidades dos quilombos, de acordo com seu art. 2º: 1) a auto atribuição; 2) a trajetória histórica própria no contexto do coletivismo; 3) territorialidade; 4) a presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (BRASIL, ADCT, 1988).

A partir dessa Constituição de 1988, as comunidades afro-brasileiras tiveram seus direitos reconhecidos, suas identidades e o reconhecimento de suas terras. Assim como a Fundação Cultural de Palmares, que foi instituída em 22 de agosto de 1988, esta instituição, vinculada ao Ministério da Cultura (MinC), foi um passo significativo na luta pelos direitos dos afro-brasileiros. Seu objetivo principal foi promover e preservar a cultura afro-brasileira, adversa com a igualdade racial e com a valorização das manifestações de matriz africana, a fundação estabelece e implanta políticas públicas, que potencializam a participação da população negra brasileira nos processos de desenvolvimento do País. Significando o primeiro órgão federal criado para promover a preservação, a proteção e a disseminação da cultura negra.

Além de desenvolver essas políticas públicas para valorizar o patrimônio cultural dos afrodescendentes, a fundação atua como intermediária dessa população, junto às diversas esferas do poder público, e com isso, formulou seu planejamento estratégico reconhecendo como valores básicos: o comprometimento com o combate ao racismo, a promoção da igualdade, a valorização, dentre outras.

Nesse sentido, almejou tornar-se, referência nacional e internacional na formulação e execução, de políticas públicas da cultura negra, atuando em três eixos fundamentais para promover a inclusão da população afro-brasileira, no rol de direitos previstos pela Constituição: o social e o artístico, e o de gestão da informação. Para guiar as três linhas macro de trabalho, foram criadas três estruturas administrativas: o Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-brasileiro (DPA), o Departamento de Fomento e Promoção da Cultura Afro-brasileira (DEP), e o Centro Nacional de Informação e Referência da Cultura Negra (CNIRC).

As conquistas dessas populações aproximam-se de 2,5 mil certificações quilombolas já emitidos, os documentos reconhecem os direitos dessas comunidades e permitem os acessos aos diversos programas sociais do Governo Federal, fatores que contribuem sensivelmente para melhoria na qualidade de vida de seus moradores.

Neste sentido, a instituição acompanhada no Supremo Tribunal Federal a Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 3239, e a ação questionada no Supremo Tribunal Federal (STF, o Decreto número 4887/2003, regulamenta o processo de identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação de terras, ocupadas pelas comunidades remanescentes de quilombo.

A Fundação de Palmares se posiciona contra as alterações nas diretrizes, por entender que podem trazer retrocessos para essas populações. Além disso, essa instituição pretende criar um selo editorial, que irá publicar clássicos da literatura negra e obras de autores contemporâneos. Também lançará o segundo edital, do Prêmio Oliveira Silveira, desta vez, com a temática infanto-juvenil<sup>11</sup>. Conforme descrito anteriormente a Fundação de Palmares já emitiu mais de duas mil certificações quilombolas, sendo que destas, 69 comunidades foram certificadas no estado de Mato Grosso. Inicialmente para realizarmos nossa pesquisa, iríamos considerar todas as comunidades afro-brasileiras de Cáceres-MT, Santana, Monjolo, Exu, Ponta do Morro, Chapadinha, São Gonçalo e Pita Canudo, porém essas comunidades não possuíam os dados, que precisávamos para realizar uma macroanálise, já que seguiríamos os estudos de Harald Thun (1998), haja vista que nas comunidades visitadas não encontramos pessoas que se enquadrassem nos critérios mostrados na página 45, já que pretendíamos seguir com a macroanálise, seria necessário encontrarmos nas

---

<sup>11</sup>Fundação Cultural Palmares, conforme o presidente da fundação Erivaldo Oliveira, parabenizando a fundação pelos seus 29 anos, que significaram uma trajetória de conquistas e reconhecimentos. “Vamos comemorar esta data com muita alegria porque a Palmares representa um marco na história da luta do povo negro no Brasil. Desde sua criação, promovemos mais respeito à cultura afro-brasileira. Publicado no site <http://www.palmares.gov.br>, em 11/08/2017. Acesso em 18/11/2018.

comunidades pessoas mais jovens e mais velhas, porém só encontramos as crianças e as pessoas mais velhas, acima de 55 anos. Portanto não sendo possível fazer as comparações entre as gerações, por isso, a análise se concentra na terceira seção, somente com as comunidades Exu, Santana e Chapadinha.

### **3.1.1 Comunidades Afro-descendentes rurais**

Conforme a nossa presença nas comunidades rurais, observamos que os agricultores dessa região são tradicionais, pois não implantaram os padrões tecnológicos da agricultura industrial, baseiam-se nas ativações dos usos dos recursos naturais, e nas introduções dos insumos externos em seus sistemas de produção. De acordo com Mendes, (2005):

Os agricultores tradicionais se caracterizam: pela dependência por uma estreita relação com a natureza, os ciclos naturais e os recursos naturais renováveis com os quais se constrói um modo de vida; pelo conhecimento aprofundado da natureza e de seus ciclos que se reflete na elaboração de estratégias de uso e de manejo dos recursos naturais (MENDES, 2005, p.10).

Além do conhecimento ser contemporizado pela oralidade e passado de geração em geração, nesse território ou espaço, onde os grupos sociais se reproduzem economicamente e socialmente, as moradias e ocupação se deram por várias gerações, embora alguns membros possam ter se deslocado para os centros urbanos. As atividades de subsistência eram de grande importância, pois mesmo que as produções de mercadorias fossem mais ou menos desenvolvidas, implicaram numa relação com o mercado, que reduziu a acumulação de capital (MENDES, 2005, p.10-14).

O que se observa no histórico da comunidade Santana, citado por Mendes (2005), é como observamos enquanto estivemos no local, o povoado está fortemente ligado aos agricultores, que por sua vez são considerados agricultores tradicionais, haja vista que não se inseriram nos modelos tecnológicos; são trabalhadores rurais, braçais, e sem a intervenção da tecnologia, embora seus capitais se atenuem, eles constroem seu modo de vida. O interessante é que o conhecimento é transferido pela oralidade de geração em geração, isso será essencial para nossa pesquisa, já que nossos estudos são baseados na oralidade dos indivíduos, assim como o conhecimento do espaço geográfico, em que os indivíduos se constituem,

reproduzindo-se socialmente e economicamente, pois as moradias e ocupações territoriais se deram por várias gerações.

### 3.1.2 Comunidade Santana (MT01)

Esta comunidade denominada Santana, está localizada na região de Morraria, pois a mesma se encontra entre várias serras, habitualmente chamadas de bocainas, pertencente à comunidade, Sagrado Coração de Jesus, cerca de 50 km do município de Cáceres, sudoeste do Estado de Mato Grosso, próximo a MT-343. Esta região, denominada Morraria, é formada por um complexo de serras paralelas, cobertas com vegetação nativa, que variam desde o cerrado, campo, cerradão e vegetação de floresta estacional decídua.

Conforme Silva (2014), em sua pesquisa sobre a fronteira sudoeste mato-grossense, admite-se que os quilombos se constituem em:

[...] um conjunto de lugares apropriados e produzidos pelos grupos sociais, que vivenciaram tempos e ritmos diferentes, resultando esses processos em espacialidades [...] entendidas como apropriações do espaço pelas práticas sociais de diferentes grupos para atender necessidades individuais e coletivas de reprodução e identificação. A espacialidade é, portanto, produto social no qual os sujeitos envolvidos em uma teia de relações criaram lugares, territórios e regiões, ambientes e habitats (SILVA, 2014, p. 43).

Desta forma, subentende-se que cada comunidade quilombola tem seu espaço demarcado, como apropriações desses espaços que se constituem pelas práticas sociais, atendendo assim, às diversas necessidades, sejam individuais ou coletivas. E todas essas espacialidades, foram constituídas pelos grupos sociais, que viveram tempos e ritmos diferenciados, resultando nas espacialidades quilombolas. Nesta comunidade, tivemos complicações para realizarmos nossa pesquisa, pois entendemos que há grandes conflitos, entre os órgãos públicos e os moradores daquele local.

Após a fundação de Palmares conceder o título de comunidade “quilombola”, os próprios afrodescendentes foram em busca de suas terras, mas a maioria da população que está em posse desses territórios atualmente, não são afrodescendentes, tendo em vista que as terras foram vendidas por seus antepassados há muito tempo atrás, devido essas comunidades não possuírem escolas, posto de saúde, e os que lá se encontram residindo são pessoas de São Paulo, Mato Grosso do Sul (relatos de pessoas daquele local). Para Seilet (2006, p.08), “Taquaral e Santana, estão em conflito mais direto, com os fazendeiros que foram se apropriando das suas terras e entorno”.

Ainda assim, em primeira visita as comunidades, encontramos alguns afrodescendentes, que no entanto, por serem somente os mais velhos residindo nestes locais, e por não compreenderem que se tratava de uma pesquisa; os filhos que os proíbem de falar seja com quem for; perante tais circunstâncias, neste primeiro momento eles não aceitaram participar da pesquisa. De certa forma, esses moradores negam falar da sua comunidade e de seus antepassados. Diante desses percalços, conseguimos encontrar uma família de afrodescendentes que nos concederam entrevistas, e com o auxílio desta, conseguimos outras pessoas para prosseguimos com o nosso trabalho. Desta forma, com a nossa ida à comunidade, observamos a presença de muitos traços dos escravizados presentes nesse local, como as casas, os trabalhos manuais na produção da farinha, rapadura, dentre outros.

### 3.1.3 Comunidade Chapadinha (MT02)

Esta comunidade está localizada em uma área com formação de transição, entre a floresta tropical e o cerrado, área de montanhas, rica em nascentes e córregos em seu entorno. Possui luz elétrica, após a implantação do programa luz para todos. Não possui escolas e nem assistência médica, eles são atendidos na comunidade de Vila Aparecida, quando necessitam de médicos e escolas. Possui título de reconhecimento Quilombola, emitido pela Fundação Cultural Palmares desde 15/08/05.

Para Seilert (2006), segundo os dados do INCRA- UA/Cáceres,

Essa comunidade está situada em Área Arrecadada como Devoluta. Extensão de 15.720 ha, sob denominação de Gleba Salobra. O INCRA prepara um PDA para a área, denominado “Projeto de Assentamento Arraial Santana”, com a exigência de que se considere a realidade dos nativos e descendentes que habitam aquele lugar. Trata-se da reedição da modalidade de assentamento especial, cuja aplicação é incompatível com a legislação específica aplicada (SEILERT, 2006, p. 01).<sup>12</sup>

Conforme relatos de moradores, essa comunidade possui aproximadamente onze famílias, a questão socioeconômica está baseada na criação de porcos, galinhas e na fabricação de farinha de mandioca, além da pequena plantação de cana-de-açúcar, onde produzem rapadura, melado etc., para o próprio consumo, e os demais componentes da cesta básica são comprados na cidade de Cáceres-MT, uma vez ao mês, quando todos vão receber a

---

<sup>12</sup> Documento apresentado o resultado preliminar da primeira fase de um levantamento das comunidades quilombolas contemporaneamente noticiados no Estado de Mato Grosso, conforme as especificações do produto feitas pelo Ministério do Meio Ambiente - MMA, através da Coordenadoria de Agroextrativismo- CEX, no PRODOC/PNUD – resultado 01 do Projeto nº. BRA/99/025. Postado em 07/11/2018). Acesso em 22/10/2018.

aposentadoria. Já que nessa localidade, só residem às pessoas mais velhas e crianças, os mais jovens, já se deslocaram para a cidade em busca de trabalho, assim como os pais dessas crianças que ficam com seus avós.

Para tanto, durante a nossa estadia nestas comunidades, observamos que há certo esvaziamento de pessoas, um fenômeno, talvez provocado pela falta do crescimento do local ou pela perda das terras para os grandes fazendeiros, e com isso, permanecem apenas os mais velhos e as crianças nestes locais, enquanto os mais jovens e os de idade produtiva, migraram para cidade em busca de trabalho remunerado e melhores condições de vida.

### **3.1.4 Comunidade Exú (MT03)**

A comunidade Exu, segundo estudos, está localizada próximo a BR-MT 343 na estrada que liga o município de Cáceres a Barra do Bugres. Essa comunidade possui título reconhecido pela Fundação de Palmares, desde 2005, e se insere, dentro de uma área rica em recursos naturais, como nascentes e córregos. O que se sabe sobre essa comunidade quilombola, é que a população teve muita dificuldade, ao acesso às políticas públicas e específicas, destinadas para ela, conforme relatos dos moradores. Em se tratando de educação, as comunidades não possuem escolas, fazendo com que as crianças tenham que se deslocar até o Distrito de Vila Aparecida ou até mesmo, para o município de Cáceres que fica localizada a 80 km.

Ao adentrar na comunidade, entendemos que poucos moradores são naturais daquele local, a maioria das terras estão tomadas pelos grandes fazendeiros. Eles não atendem ninguém que chegam até lá, mesmo por que, não se tem acesso a essas pessoas e nem as suas propriedades, tendo em vista que todas as porteiros são fechadas com grandes cadeados, sem falar que as residências são muitos distantes umas das outras.

Na comunidade reside um senhor de 84 anos, sendo o morador mais antigo desse lugar, porém no momento da nossa visita ao local, encontramos somente o seu filho, e segundo ele, lá existem ainda em torno de 5 famílias naturais daquele lugar, ele mesmo nos informou que seu pai estaria de mudança para a cidade de Cáceres, pois infelizmente perdeu tudo que tinha em um incêndio na sua casa; hoje ele ainda está morando no local, em um barraco de lona improvisado, para cuidar de suas criações até que consigam vender tudo e ir embora para a cidade. Segundo informações, nessa comunidade também só residem os mais velhos.

## 3.2 Comunidade urbana

### 3.2.1 Comunidade Pita Canudo (MT 04)

O território da Comunidade Pita Canudo, também está localizada na região da morraria, com uma extensão de 1.546 hectares, localizado aproximadamente a 10 km da cidade de Cáceres-MT. Mas hoje se encontra situada na área urbana da cidade, distribuídos em vários bairros periféricos da cidade, principalmente no bairro Cavallhada.

Segundo relatos, essa comunidade foi formada por uma população de remanescentes de quilombolas, totalizando de 350 a 385 membros, cadastrados nas associações e certificados pela Fundação Cultural de Palmares, desde 04/09/2013. Mas logo em seguida, seu povo entrou com o processo de titularização de suas terras no INCRA, isso causou transtorno, lutas e até ameaças. Conforme estudos, essas terras foram desapropriadas de forma ilegal, enganosa ou até mesmo de forma violenta e bruta.

Conforme relatos, de um membro de uma das associações representativas da comunidade, denominada: Associação da Comunidade Negra Rural Quilombo Pita Canudo, a comunidade, não possuía escola, posto de saúde; a maioria das famílias, quando as crianças começavam a crescer, não tinha escola para elas e nem posto de saúde, isso fez com que muitas famílias viessem para a cidade. As terras desses quilombos tinham calcário, e isso despertou o interesse de outras pessoas, e aproveitando as necessidades das famílias, propuseram compra, mas segundo ela, esses territórios nunca foram pagos e com isso, foram se tornando dono das terras, e hoje o único acesso que temos a ela é o cemitério e mais nada, os fazendeiros não aceitam visitas.

Ainda questionamos sobre o processo da origem da comunidade em estudo, a informante da associação nos relatou que seus avós eram da região de Poconé, eles trabalhavam em garimpo, saíram em grupo de Poconé e vieram ocupar o espaço da morraria de Cáceres, fundando, assim, o quilombo. E o nome Pita Canudo surgiu, por que as pessoas utilizavam um instrumento para fumar, que era feito com talo de uma planta e com o coco de babaçu ou de bocaiuva, todos dessa comunidade usavam. Por isso o nome de “Pita Canudo”<sup>13</sup>.

Perguntado sobre as associações e culturas que se mantêm no local, nos informou que a comunidade está dividida em duas associações, a que ela faz parte, por exemplo, permanecem com as tradições das comunidades rurais, como o uso do fogão a lenha, hortas, plantações de milho, feijões, entre outros. A cultura é mantida por meio das festas, rezas de

---

<sup>13</sup> Conforme informação dada pelo membro da Associação da Comunidade Negra Rural Quilombo Pita Canudo, os mais velhos, inclusive o seu avô contava essa história para atribuição do nome ao lugar.

santo realizadas pela dona Florentina, que mantém essa tradição desde a época em que era da área rural; ela faz questão de preservar os pratos típicos, a sopa de banana e a paçoca de carne seca. Nos encontros, a nossa alimentação foi o prato que os quilombolas usavam na área rural como, a paçoca de pilão, sopa de banana, entre outras.

Perguntamos ainda, se eles identificam-se como quilombolas, nos responderam que hoje sim, haja vista que usam o nome como identificação, embora ainda haja muita resistência, devido confronto de posse das terras com os fazendeiros, algumas pessoas têm medo de falar, mas nós estamos buscando a nossa identidade. Com isso, a comunidade até hoje busca respeito ao seu povo, busca o que é seu por direito, mesmo longe de seu território, eles lutam, buscam pelas suas terras, já que todo o processo de titularização se encontra parado.

### **3.3 Dimensão Diageracional e Diassexual**

Para concluir uma análise pluridimensional da variação do português, faz-se necessário a idade e o sexo do informante. Para tanto, a nossa análise seria o confronto das gerações mais velhas (GII), acima de 55 anos, com as gerações mais jovens (GI), de 18 a 36 anos, homens e mulheres. Conforme a nossa visita nas comunidades afro-brasileiras de Cáceres-MT, não encontramos as pessoas mais jovens, somente as mais velhas, por isso nossa análise na seção IV, (comunidades rurais) será conduzida somente com as pessoas mais velhas, acima de 55 anos, incluindo os sexos (feminino e masculino), objetivando fazer ligações, entre o sexo e o linguístico.

Já na análise da seção V, na comunidade urbana, encontramos as duas gerações, mas seguimos com as gerações acima de 36 anos, homens e mulheres. Analisaremos a presença das palavras de origem africana.

### **3.4 Coletas de Dados: comunidade rural**

Como já explicitamos anteriormente, a nossa coleta de dados estava prevista para seguir com uma análise pluridimensional proposta por Thun (1988), onde pretendíamos entrevistar dois homens e duas mulheres (mais jovens e mais velhas), porém conforme o item (2.5), entrevistamos para a seção IV, somente as mulheres e os homens mais velhos, devido

não encontrar os mais jovens no local. Seguem na tabela abaixo (Figura 5), as comunidades rurais que trabalhamos com a pluridimensionalidade:

**Figura 5:** Número de informantes das comunidades rurais

PONTO	COMUNIDADE	GIIM	GIIF	GIM	GIF	TOTAL
MT 01	SANTANA	02	02	0	0	4
MT 02	EXÚ	02	01	0	0	3
MT 03	CHAPADINHA	01	02	0	0	3
TOTAL		05	05	0	0	10

Fonte: Dados da autora (2018).

Deslocamo-nos para essas comunidades, com um automóvel não muito apropriado para as áreas rurais, onde o acesso era muito difícil, mas em um carro simples, que resistiu a nossa ida, chegando onde pretendíamos, as estradas tratam-se de morrarias, possuem muitas pedras, as quais são características dessas áreas rurais, embora não tenhamos encontrado os jovens nessas localidades (só encontramos um na comunidade “EXÚ”), o importante é que encontramos pessoas acima de 80 anos e estas ainda, trabalham, plantam, cuidam das criações e isso, foi fundamental para nossa pesquisa. Na comunidade EXU, adentramos sem ter o conhecimento, mas conseguimos êxito, pois o morador mais velho dessa comunidade reside na entrada do local, embora não o tenhamos encontrado, o seu filho nos ajudou, indicando outros moradores residentes daquela localidade.

Na comunidade Santana, no primeiro momento não tivemos êxito, pois não fomos bem recebidos devido ao atrito existente entre a comunidade e o INCRA, por questões relacionadas a posse de terras. Mas conseguimos uma professora, cuja sogra mora naquela localidade, soubemos também que seu falecido sogro nasceu e morreu naquele local, com isso, facilitou nossa entrada na comunidade e assim, conseguimos outras pessoas para seguir com nossa pesquisa.

Na comunidade Chapadinha, adentramos com a indicação de uma líder da comunidade urbana de Cáceres-MT, o primeiro morador que ela indicou disse que iria nos ceder a entrevista, mas precisava falar com seu filho primeiro e pediu que voltássemos mais tarde, indicando-nos uma outra família para nosso trabalho, e ali fomos muito bem recebidos, nesta família conseguimos fazer as nossas gravações, e ainda nos indicaram outra família para entrevistarmos, mas infelizmente por problemas de saúde eles tinham se deslocado para a cidade. Voltamos novamente para gravar com o primeiro senhor, porém ele nos disse que não

poderia ceder a entrevista, uma vez que o seu filho o havia proibido de falar com qualquer pessoa. .

Seguimos munidos de dois gravadores digital da marca Sony, IC Recorder ICD-P-620, e dois celulares j5 Samsung, como reserva, já que se tratava de comunidades muito distante uma da outra, depois de gravadas foram transferidas para o programa do computador digital Voice Sony e logo transcritas. Feito isso separamos os dados para nossa análise.

Para realizarmos as entrevistas, utilizamos o questionário ALIB (2001), do qual retiramos: 14 questões fonético-fonológico (QFF), 16 questões semântico-lexical (QSL) e 7 de temas de conversas livres. Nossas gravações com cada entrevistado duraram em torno, de uma hora à uma hora e trinta minutos. Embora, não tenhamos encontrado os mais jovens nos locais visitados, fez com que buscássemos outras fontes, para a comunidade urbana.

### **3.5 Coletas de dados: comunidade urbana**

Para realizarmos este trabalho na área urbana, conforme o item (3.3), também enfrentamos complicações. Por intermédio da tia de uma amiga, conseguimos o contato da líder da comunidade quilombola “Pita Canudo” de Cáceres-MT, no primeiro contato, houve muita resistência, mas depois mesmo entendendo o propósito da pesquisa, ignorou em participar da entrevista, embora tenha nos ajudado, indicando outros membros da área rural. Essa comunidade também está em atrito com os grandes fazendeiros, e estão com ações na justiça, requerendo a posse de suas terras.

Logo, no desfile de 7 de setembro, essa comunidade estava fazendo suas reivindicações, na oportunidade, consegui o contato de outras pessoas, que nos ajudaram a concretizar a nossa pesquisa. Em todas as entrevistas, me desloquei até a residência dos entrevistados, houve aqueles que preferiram responder ao questionário no local de trabalho, todos foram agendados com antecedência.

Como dito anteriormente, buscamos outra fonte de estudo para esta comunidade. Com a posse de dois gravadores, dois celulares e o questionário elaborado por Alkmim; Petter (2009), composto por 249 palavras de origem africana, partimos para investigar a existência de vocábulos de origem africana nessa comunidade. Para que obtivéssemos êxito em nossa pesquisa, selecionamos 20 (vinte) pessoas dessa comunidade de ambos os sexos, nos deslocamos aos diversos bairros periféricos da cidade, onde os entrevistados moravam. Nas questões sociológicas dos entrevistados, utilizamos a mesma que foi aplicada na comunidade

rural, com limite nas questões, evitando falar na comunidade, como já mencionamos anteriormente. Após, seguimos com a transcrição e seleção de dados para nossa análise.

### 3.6 Entrevistas com questionário

O questionário aplicado nas comunidades rurais, Santana, Exú e Chapadinha, está dividido em 4 partes:

- a) a parte A, composta por: Dados/Sociológicos/Informante - serviram como base para identificação dos informantes, nos aspectos da constituição familiar, (meta) linguísticos, assim como a caracterização das comunidades pesquisadas e também como os hábitos culturais dos entrevistados.
- b) a parte B, composta por: Dados Sociológicos/Quilombola - serviu para melhor caracterizar o ponto escolhido, assim como a localização da comunidade, também contribuiu para saber a história dos quilombos, a origem dos escravizados e de seus descendentes, as etnias, os dados demográficos, escolarização, atividades e hábitos culturais dos quilombos.
- c) a parte C, composta por: Dados Linguísticos, que se dividiu em 3 questionários:
  - i) Questionário Fonético/Fonológico (QFF) com palavras extraídas do ALIB, composto por 14 questões.
  - ii) Questionário Semântico Lexical (QSL), também com palavras retiradas exclusivamente do ALIB, composto por 16 questões.
  - iii) Parte do Etnotextos (Tx) - Temas de Conversas Livres, aqui abordamos a formação da comunidade, o convívio com seus avós e o seu comportamento linguístico, conhecimento de músicas, de cantigas transmitidas oralmente, festividades, culinária (SOUZA, 2015, p.100).<sup>14</sup>

Conforme discorremos anteriormente, a não aceitação da comunidade em ceder-nos as entrevistas, devido ao confronto por posse de suas terras, optamos por trabalhar apenas algumas questões da parte A, composta por: Dados/Sociológicos do informante, assim como da parte B, composta por: Dados Sociológicos/Quilombola. Durante as entrevistas, procuramos não falar tanto a respeito das comunidades, pois percebemos que ao falarmos dela, os entrevistados retrocediam. O questionário aplicado na comunidade urbana é um questionário único, composto por 249 palavras de origem africana. Quanto aos dados Sociológicos dos entrevistados, utilizamos às mesmas aplicadas na zona rural. Seguimos por apresentar a seção IV, das análises e interpretação de dados das comunidades rurais e urbana.

---

<sup>14</sup> As entrevistas com Questionário foi baseada na tese do Prof. Dr. Antônio Carlos de Souza Santana, (2015). Intitulada Africanidade e Contemporaneidade do Português de Comunidades Afro-Brasileiras de Rio Grande do Sul. Uma parte foi meu questionário de pesquisa na área rural.

## SEÇÃO IV

### ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS DAS COMUNIDADES RURAIS EM ESTUDO

Nesta seção, analisaremos os dados encontrados nas comunidades rurais em Cáceres-MT. Aportamos na aplicação do questionário do ALIB, a qual retiramos 14 questões QFF (questionário fonético-fonológico) e 16 no questionário QSL (questionário semântico-lexical), deste modo, analisaremos o português falado pelas pessoas mais velhas, acima de 55 anos, incluindo ambos os sexos (feminino e masculino).

#### 4.1 Análises de Dados

Para realizarmos uma análise da Dialectologia Pluridimensional mencionada por Thun (1998) Ratdke & Thun (1996), faz-se necessário, a idade e o sexo dos entrevistados, para que pudéssemos comparar as gerações (GI) e (GII), feminino e masculino. Porém, conforme as nossas visitas nas comunidades afro-brasileiras rurais de Cáceres-MT, não encontramos as pessoas jovens, somente as mais velhas, por isso, nossas análises aqui, serão conduzidas, considerando a presença dos dialetos nos espaços geográficos das comunidades: Santana, Exú e Chapadinha, aportados no questionário QFF (questionário fonético-fonológico) e no questionário QSL (questionário semântico-lexical), no qual analisaremos o português falado pelas pessoas mais velhas, acima de 55 anos, incluindo ambos os sexos (feminino e masculino).

Neste sentido, analisamos os dialetos afrodescendentes encontrados nos espaços geográficos das comunidades rurais, para tanto, toda a argumentação que fizemos nesta sessão, serão para responder as nossas inquietações colocadas na introdução deste trabalho. Está é uma análise quantitativa e interpretativa das distribuições das variantes, sobre um território/ rede de pontos, (MT01), (MT02), (MT03)<sup>15</sup>, nas comunidades afro-brasileiras de Cáceres-MT, onde consideramos os perfis sociais dos falantes, equivalentes nesta pesquisa á entrevistados GII mais velhos, ou seja, acima de 55 anos homens (mGII), e mulheres, (fGII).

Pensar na origem da língua africana, é conhecer sua história, é pensar nos conjuntos de palavras, que talvez os próprios afrodescendentes desconheçam. Nosso estudo, de certo

---

<sup>15</sup> (MT 01) Comunidade Santana, (MT 02) Comunidade Chapadinha, (MT 03) Comunidade Exú (MT03).

modo, serviu para que pudéssemos constatar o acervo linguístico deixado por seus descendentes. Neste sentido, um dos focos das nossas análises foram as predominâncias das variantes afros nas respectivas comunidades, ou seja, mostramos qual a comunidade em que predominam as variantes [+ **afro**], e onde se atribuiu as variantes [- **afro**], do português em seu entorno. Para que tivéssemos êxito em nossos resultados, adotamos a técnica de entrevistas em três tempos: 1) perguntar (obter repostas espontâneas), 2) insistir (ampliar o leque de variantes conhecidas espontaneamente, 3) sugerir (obter a aprovação do conhecimento da variante ou o desconhecimento da variante não mencionada espontaneamente).

A partir das questões selecionadas do questionário (ALIB, 2001), utilizadas para o desenvolvimento da IV seção deste estudo, apresentamos dois planos para análise, o plano das análises das variáveis QFF (questionário fonético-fonológico) e o plano das variáveis do questionário QSL (questionário semântico-lexical).

#### 4.2 Análises das Variáveis QFF

Apresentamos nesta análise, as variáveis encontradas nas comunidades rurais, selecionadas do Questionário Fonético Fonológico:

- a) Vibrante em posição intervocálica;
- b) Lateral dental em coda silábica;
- c) Apócope do [r] no final da palavra
- d) O [r] retroflexo, como rotacismo de [l] em coda silábica
- e) Vocalização da lateral palatal [ʎ],
- f) Palatização da oclusiva dental/ inclinada em posição tônica;
- g) Realização da vogal diante da sibilante (ditongação)
- h) Realização de [muito/ 'mũitʊ]

Iniciaremos as análises pela variante “vibrante em posição intervocálica”. Assimilando os três pontos, (MT01), (MT02) e (MT03), é interessante dizer que a presença dessa variável nos pontos pesquisados é muito peculiar, pois a pronúncia do [R] é muito forte, de modo que, nestas comunidades observam-se a predominância da fricativa, como por exemplo, nas palavras [varrer] e [arroz], esse fenômeno aconteceu de forma generalizada em todos os pontos pesquisados, e apareceram no falar de em ambos os sexos. Observando ainda

as respostas, percebemos que na palavra [varre] houve a apócope do [r] no final da palavra, ou seja, a ausência do /r/ final. No mesmo sentido, acrescentamos o [r] retroflexo, que aparece como rotacismo de [l] em coda silábica e em grupo consonantal, essa ocorrência acontece praticamente em todos os pontos, tivemos a maioria das ocorrências na palavra bicicleta que no falar local é [bicicreta].

Nos pontos (MT02), e (MT03) houve a presença da vocalização da lateral palatal [ʎ] para a palavra (VELHO); por exemplo, ao perguntarmos aos nossos entrevistados, “um sapato que não é novo”, tivemos como resposta, [véio], essa variável está presente, tanto no falar masculino, quanto no feminino. Conforme Nascentes (1923/1953, p. 49), considera essa vocalização palatal como, “uma dificuldade para a classe inculta utilizando o iode nesse lugar, ainda o l palatalizado (lh) ocorre na fala dos “índios e africanos”, que não possuíam este fonema em suas línguas “e aprenderam a pronunciar esse uso de forma adulterada e assim transmitiam a seus descendentes”. Isso nos leva a crer que os traços deixados pelos seus antepassados, ainda estão presente nessas comunidades de fala.

Ao questionarmos “com o que se toma a sopa”, obtivemos como resposta para a palavra [colher] a palavra [cuié], em outro momento, aparece também a expressão [paía] para [palha], essas variáveis estão presentes nos pontos (MT01) e (MT03), percebe-se que esses pontos são distantes um do outro. Encontramos ainda, a variante [culér] para [colher] nos três pontos da pesquisa, a palavra [ôio] para [olho] apareceu apenas no MT01, na fala masculina, conforme Souza (2015, p. 133), essas pronúncias são populares e comuns de aparecerem nas comunidades rurais mais isoladas. Segundo, De Andrade Aguilera, (1988, p. 178) *apud* Nascentes (1953), tal fenômeno (colher > culer) aparece como norma na classe semiculta, o que na classe inculta daria por afetação, uma vez que a norma seria “cuié”.

Encontramos ainda, a lateral dental em coda silábica, no caso da variante [l], no final da palavra [papel] como [papé], jornal como [jorná], esse fenômeno apareceu apenas no ponto (MT02), na fala (fGII). Na palavra /sal/, não houve nenhuma pronúncia da variante que afastasse do português geral.

Quanto a palatização das oclusivas dentais [t/d], em posição tônica, na palavra men[tʃ]ira (QFF06), encontramos no ponto (MT03) em todos os entrevistados, e na (MT01), somente no falar masculino (GmII). Nas demais localidades, encontramos a palavra men[t]ira, sem a palatização, tanto no (mGII), quanto no (fGII). Essa ocorrência é muito comum no Estado de Mato Grosso, principalmente no município de Cáceres. Cabe observar também, que todos os grupos desta pesquisa pronunciam a palavra noi[tʃ]i e tar[di], sem a palatização, isso

provavelmente seria a influência do português falado aqui na região. Embora não se tenham, tantos estudos sobre este fonema, ele é observável na fala dos mato-grossenses natos, esse [ti] é característico da região.

Analisando a pronúncia da vogal diante da sibilante /s/, tivemos duas ocorrências da inserção da semivogal, [I], depois da vogal forte, [e] seguida de consoante sibilante na palavra [três], para [treis], essas ocorrências se deram no falar de homens, no ponto MT03. As demais não ocorreram como o caso de ditongação. Para o /s/ pós vocálicos, morfema do plural, encontramos na palavra [dois olhos] como [dois olho] essa ausência do /s/ nesse contexto, apresentou-se em praticamente todas as comunidades, em ambos os sexos. O que não ocorreu com a palavra [muito/ 'mũito ], pois não houve nenhuma variante que afastasse da pronúncia do português geral.

Por fim, partiremos para a análise do plano das variáveis do questionário QSL (questionário semântico-lexical). Nesta análise, iremos observar o nível das marcas da africanidade, ou seja, a influência e permanência das línguas africanas, na variação dialetal do nosso português brasileiro, ou a ausência do mesmo

### 4.3 Análises das Variáveis QSL

Para esta análise, selecionamos um total de 15 questões do questionário semântico lexical (QSL), usamos esse critério para que obtivéssemos o número possível de variantes [+afro] ou variantes [- afro], termos conhecidos e usados pela comunidade afro-brasileira de Cáceres-MT. Para que tivéssemos êxito em nossas respostas, como dito anteriormente utilizamos o método de entrevistar em três tempos: perguntar insistir e sugerir.

Começaremos pelo termo BARULHO (QFF 154), esse termo está presente em todas as comunidades pesquisadas, em ambos os sexos, já que a mesma está caracterizada pelo nosso português geral. Agora o conhecimento das três variantes (+ afro) **banzé/fuá/ auê**, palavras de origem africana, aparecem somente no ponto (MT03), em ambos os sexos. Nas demais aparecem apenas, o termo /fuá/, encontradas na (MT02, mGII) e (MT01, fGII). Mas essa diferença ainda é considerada sutil, necessitamos encontrar mais comprovações para essas variantes afro-brasileiras. De alguma forma essas variantes (+ afro) aparecem em todas as comunidades.

Partimos por analisar os termos **ORVALHO / SERENO** (QSL 020), essas variantes como respostas espontâneas, encontram-se presentes em todas as comunidades e em ambos os

sexos, de forma generaliza. Assim como a sugestão da forma **cerração/neblina**, exceto o termo **nevoeiro**, não é reconhecido como orvalho, sereno, vale lembrar que esses entrevistados, são praticamente todos com idade mais avançada, em relação aos demais.

Ao verificar o termo **MENINO** (QSL 132), percebe-se que para a forma /**guri**/, há certa semelhança entre as comunidades (MT01), (MT02), (MT03), esse termo é muito comum entre os moradores, de forma espontânea, na (MT02), obtivemos uma ocorrência por sugestão, mas o mesmo conhecia a palavra, lembrando que esse ponto é considerado o mais próximo da cidade. Já forma arcaica **jibi/gibi**, essa não houve nenhuma representação, não sendo reconhecida em nenhum dos pontos. A forma **piá** aparece espontaneamente no ponto (MT03), em ambos os sexos, e como sugerido, aparece na comunidade (MT01), isso por que o entrevistado lembra que seu pai usava muito. O termo **moleque** se destaca no ponto (MT02), (MT03), entre os moradores, é habitual, assim como guri. No ponto (MT01), quando sugerido conhecem, porém de pouco uso. A palavra rapazinho, em nenhum ponto é conhecido como menino, mas sim como uma pessoa maior do que um menino e menor que um adulto, no caso como um adolescente, veja: (minino mais grande, mGII, 75 anos), (ah, rapazinho é quando cresceu mais um bocadinho, fGII, 65), (ah, eu conheço rapazinho, aquele gurizão, mais grandinho, mGII, 67).

Para designação de **desordem** (QSL10), é conhecida nas três comunidades em estudo, como bagunça. **Fuzuê** apenas no ponto (MT03). Já o termo **furdunço**, é desconhecido pelos falantes pesquisados, em ambos os pontos. Exceto uma ocorrência no ponto (MT03), o interessante é que esse informante nunca saiu dessa comunidade, não casou e vive até hoje no local, o mesmo relatou que só vai até a cidade receber e volta, sempre viveu ali junto aos seus pais, na morte deles ele continuou no local, e seus pais diziam muito essa palavra para ele e seus irmãos que foram embora.

As variantes **bafafá; fuzuê; bololô; forrobodó; bagunça; muvuca; quizumba** aparecem como denominação a palavra **confusão** (QSL11), os termos bafafá, fuzuê, bagunça, muvuca são termos muito populares nas três comunidades em pesquisa, todos conhecem e é de uso ativo em ambos os sexos. Já as variantes bololo/quizumba não aparecem em nenhum ponto pesquisado. Assim como o termo “forrobodó”, é desconhecido como confusão, conhecem de forma geral significando bailão, dança, baile, festa, música.

Com relação à religiosidade afro, o termo **Feitiço**, (QSL 149), na forma espontânea é conhecida como macumba, mandinga, sarava, e é um termo em uso por todas as comunidades em ambos os sexos, encontramos ainda, os termos candomblé, pomba, trabalho, despacho. As variantes, urucubaca e caborge aparecem como má sorte, e o amuleto já é para ter sorte,

encontramos em todos os pontos pesquisados. Para /**mandraque; mandraca; milonga**/ aparecem apenas no (MT02), (MT03), mas não são usuais na fala, talvez isso justifique pela proximidade entre as comunidades, sendo assim poderia ser considerada como a conservação da língua africana, deixada pelos seus antepassados, ou pelo contato linguístico existente entre as comunidades. A única palavra desconhecida por todos foi o termo **ebó**, talvez por ser uma palavra da língua yorubá e não bantu, como já sabemos, a maioria dos escravos que aportaram em MT foram os Bantu.

Para a variável **Mexerico**, encontramos um grupo de formas (+ **afro**), na fala espontânea como: fofoca; fuxico; futrica; zunzum/zunzunzum, esses termos são todos conhecidos e em uso real pelas áreas estudadas, em ambos os sexos, mas os termos: milonga; quelelê; candonga; novamente são termos desconhecidos pelos entrevistados.

O termo **Prostituta** (QSL 142) é reconhecido por todos os falantes das comunidades, em ambos os sexos, assim como as demais sugestões: quenga; vadia; vagabunda; mulher da vida; puta. A única variante desconhecida nas comunidades em estudo foi **biraia**. Encontramos ainda, outras denominações como: biscate, rapariga, sem vergonha, concubina, enrabichada, mulher solteira, mulher da zona. Mas em relação ao termo, percebe-se que as marcas afro, estão fortemente presentes nessas comunidades.

O termo usado para designar um **lugar distante de tudo**, a palavra mais conhecida e comum em uso por todos os pontos, foi **cafundó do judas**, sem exceção. Obtivemos uma ocorrência da variante na (MT03) como **caxa do prego**, esse termo foi usado também para definir lugar distante.

Para a variável **moradia** (QSL16), há um grupo de variantes; mocambo; mocó; senzala; biboca; cafofo; moquiço/muquifo. Em nossos estudos, encontramos de forma espontânea os termos: biboca; cafofo; muquifo, moradia, houve ainda a variante muito conhecida na (MT01) como, **barraco e loca**. Embora os grupos entrevistados tenham dito para **muquifo**, lugar sujo, ainda consideram a palavra como moradia. Com relação às palavras mocambo; mocó, desconhecem, como moradia.

Partimos por analisar a variante **Aguardente** (QSL 182), que segue com suas variedades: cachaça; pinga; caninha; marafo/malafo. De forma espontânea nos deparamos com os termos pinga, cachaça e caninha em uso real, em todas as comunidades da pesquisa, em ambos os sexos. O termo “marafo”, embora por sugestão, encontramos uma ocorrência na (MT01), duas ocorrências no (MT02), e novamente na (MT03), ocorreram todas as variações, inclusive da palavra aguardente. Vale lembrar os relatos, uns disseram que já beberam, outros que ainda bebem, mas poucos contam que na época de festas, velórios, sempre bebiam e seus

pais e avós também tomavam, conforme relatos, seus avós benziam e tomavam um pouquinho todos os dias. Isso nos leva a dizer que, mesmo com o passar do tempo a muito conhecimento nos vocábulos originais do léxico o africano.

Com relação a variante **Bodega**, encontramos apenas uma ocorrência na (MT03), as formas mais frequentes na forma espontânea foram às variantes, **bar**, **boteco**, **bolicho/boliche**, essas são de uso real, tanto na fala masculina, quanto feminina, ocorre em todas as comunidades estudadas.

**Bolinha de Gude** (QSL 156), essa variante se torna praticamente não reconhecível nas comunidades, sugerindo, não tivemos ocorrências. Porém o termo **bolita**, espontaneamente lidera, é de uso ativo, em todos os pontos da pesquisa, em ambos os sexos.

Para designar **Dinheiro** (QSL25), na forma espontânea tivemos as variações **dinheiro**, **cascalho**, **mandaculê**, **dim-dim**, **mufunfa**, **bufunfa**, **cascaio**, **moeda**, **financeiro**, **grana**, **mamona**, **moeda**, **tutu**, percebe-se a presença das palavras do africanismo, assim como as do português geral, talvez isso se justifique pela ida de todos, uma vez ao mês à cidade e quando fizemos a sugestão dos termos “gimbo; conto; jabaculê; jimbo/jimbira/zimbro” obtivemos a ocorrência do termo “jabaculê”, apenas no ponto (MT03), na fala (mGII). “Conto” foram encontradas na (MT01) e (MT02), em ambos os sexos. Houve desconhecimento para as variantes “gimbo;” jimbo/jimbira/zimbro”.

Por fim, chegamos à variante **Cego de um Olho** (QSL 091), na forma espontânea obtivemos a forma considerada [-afro], as variantes: torto de um olho, cego de um olho, olho torto. Por outro lado, em sugestão as variantes consideradas [+afro], **zarolho**; **caolho**; **vesgo**, todos os informantes reconhecem esses termos em ambos os sexos. O termo mirolho, só teve uma ocorrência no ponto (MT03), na fala (mGII), as demais desconhecem esse termo.

## SEÇÃO V

### AFRICANISMO NA COMUNIDADE URBANA-QUILOMBOLA DE CACERES-MT

Nesta seção abordaremos o Africanismo no Brasil, faremos um levantamento dos termos de origem africana em uso, no português brasileiro (PB), na comunidade Pita Canudo de Cáceres-MT. Assim como analisaremos a relação das línguas africanas em contato com o português falado no Brasil. Para tanto, o objetivo de nossa pesquisa se assemelha ao de Petter, Fiorin, qual seja, o de “identificar os traços linguísticos atribuídos ao contato do português com as línguas africanas que aqui aportaram no período da colonização” (PETTER, FIORIN, 2009, p. 01).

Para esta seção, o nosso aporte é a comunidade Pita Canudo, que está localizada na área urbana de Cáceres-MT, conforme estudos sua população está situada em diferentes pontos periféricos da cidade, e está formada por 350 a 380 pessoas, divididas em duas associações.

Partindo desse contexto, analisaremos nossos registros, realizados nessa comunidade e procurando fazer uma comparação com os estudos de Alkmim; Petter (2009, p. 145-177). Assim como as autoras em seu trabalho, encontraram expressões permanentes na linguagem e as que já desapareceram, verificando se houve ou não mudanças linguísticas, e comparando com os registros dos dicionaristas dos séculos XIX e XX, do mesmo modo, pretendemos realizar nossa análise comparativa, realizada na comunidade urbana Pita Canudo.

Para que o nosso leitor entenda melhor, como foi constituído o nosso *corpus*, apresentamos o quadro do perfil sócio cultural dos entrevistados (Figura 6), abaixo:

**Figura 6:** Perfil Sociocultural dos entrevistados na Comunidade Pita Canudo

Identificação <sup>16</sup>	Sexo	Idade	Escolaridade <sup>17</sup>	Profissão
MASA	Feminino	59	S/E	Aposentada
BGR	Masculino	75	E/F	Aposentado
ENAS	Feminino	67	S/C	Professora
JF	Feminino	75	E/F	Aposentada
JDP	Masculino	57	E/F	Agricultor
KCR	Feminino	46	S/C	Professora
MSS	Masculino	44	S/C	Espirita
MNA	Feminino	74	E/F	Aposentada
ETFA	Masculino	73	E/F	Aposentado
JCMS	Feminino	44	S/C	Secretaria
VLS	Feminino	40	S/C	Agente de saúde
VLC	Feminino	42	E/M	Agente de saúde
VLC	Masculino	84	E/M	Aposentado
CPO	Masculino	38	E/M	Técnico de Enfermagem
RCL	Feminino	66	E/M	Aposentada
AACL	Feminino	43	E/M	Desempregada
EJA	Masculino	75	S/C	Aposentado
WSP	Masculino	36	E/F	Encarregado
ASB	Masculino	47	E/M	Eletricista
LEM	Masculino	65	E/F	Pedreiro

Fonte: Dados da autora (2018).

<sup>16</sup> Devido ao nosso comprometimento com o Comitê de Ética em Pesquisa, substituímos os nomes dos entrevistados por códigos como pode ser observado na tabela (Figura 6).

<sup>17</sup> Na Tabela 2, representamos o nível de escolaridade em siglas: E/F= Ensino Fundamental, E/M= Ensino Médio, S/C= Superior Completo. S/E= Sem Escolaridade.

## 5.1 Análise e comparação de dados

Esta análise é importante dizer, foi elaborada a partir de um questionário com 249 vocábulos de origem africana, dos estudos de Alkmim; Petter (2009, p. 145-177), sendo submetida a 20 pessoas da comunidade Pita Canudo, Cáceres-MT. A aplicação desse questionário permitiu-nos, identificar 110 vocábulos comuns ao universo dos entrevistados.

Para Alkmim; Petter (2009, p.157), os resultados encontrados em sua pesquisa foram organizados em três divisões, na primeira elas incluem os termos de uso em qualquer interação social, nesse estudo foram selecionados trinta vocábulos de origem africana, desses 30 termos classificados por elas, nós encontramos vinte e sete termos em uso na comunidade em estudo, como: caçamba, cachaça, cachimbo, caçula, canga, capanga, carimbo, caxumba, cochilar, corcunda, denngo, fubá, gibi, macaco, maconha, macumba, marimbondo, miçanga, molambo, moleque, moringa, quilombo, quitanda, quitute, senzala, tanga, xingar. E todos com o mesmo significado, com exceção de algumas variações para as palavras: **capanga**, encontramos apenas como guarda costas; **macaco**, como animal e como peça para trocar pneu; **quitute**, como comida feita pelos grandes chefes e como uma partilharia de alimentos.

Passando para a segunda divisão, com termos de uso coloquiais, informais, citadas pelas autoras, vem apresentando nove termos, desses encontramos seis: bambambã, banguela, cafuné, catinga, mandinga e muamba, todos com a mesma definição dada pelas autoras, havendo apenas, mais de uma variação na palavra **banguela**, uma pessoa sem dente e também uma descida.

A terceira divisão apresenta os vocábulos informais de uso limitado, com 17 termos. Destes encontramos quinze: **angu**, **babaca**, **babau**, **biboca**, **bunda**, **cafofo**, **cafundó**, **cambada**, **cucuia**, **muquifo**, **muquirana**, **muvuca**, **muxiba**, **sacana** e **zumbi**. Houve variação apenas no sentido da palavra **angu**, não como confusão citado pelas autoras, mas como comida, as demais tiveram o mesmo sentido.

### 5.1.1 Comparações dos vocábulos encontrados na comunidade com os autores dos séculos XIX e XX

Para este estudo comparativo dos vocábulos encontrados na comunidade urbana Pita Canudo, buscamos aporte na pesquisa de Alkmim; Petter (2009). Nessa pesquisa elas apontam dois dicionaristas do século XIX e dois trabalhos do século XX. Os dois dicionaristas do século XIX são: A.J. de Macedo Soares, e Visconde de Beaurepaire-Rohan.

Do século XX são os trabalhos: “A influência africana no português do Brasil” (Renato Mendonça) e “O elemento afro-negro na língua portuguesa” (Jacques Raimundo).

Iniciaremos as nossas comparações com os autores do século XIX, citados por Alkmim; Petter (2009). Conforme as autoras, os dicionaristas desse século estão divididos em dois grupos: 1) os que mantêm os mesmos significados atuais, e 2) os que apresentam alterações de significado, em relação ao uso atual. Apresentamos as palavras encontradas pelos dois dicionaristas com o mesmo sentido atual: banzo, cachimbo, caçula, canga, capanga, carimbo, caxumba, cochilar, fubá, miçanga, molambo, moringa, quilombo, quitanda, quitute, senzala e xingar. De todos esses vocábulos registrados pelos autores no século XIX, com exceção do termo **banzo**, que no entanto houve desconhecimento desse termo na comunidade. As demais são características comum na comunidade Pita Canudo em uso real, e o interessante é que mesmo com o passar do tempo permanece com o mesmo sentido.

Alguns termos registrados por Macedo Soares, como: **cachimbo**, **canga**, **carimbo**, **dengo**, **miçanga**, também encontramos em uso na comunidade em estudo, como está claro foram palavras utilizadas no século XIX; quanto ao significado desses termos, são praticamente idênticos aos apresentados pelo autor, ele traz outra variação para o termo **canga**, como uma “espécie de mineral argiloso” na Província de São Paulo, com o qual não identificamos na comunidade, encontramos como algo que coloca no pescoço do animal e como saída de praia. Afirma ainda, que todos esses vocábulos foram originários da língua congo, de origem africana.

Os termos encontrados apenas em Beaurepaire, como **moringa**, significando “bilha de barro para água”, em nossa pesquisa encontramos como objeto de barro para colocar água. Indicando assim, que esse vocábulo permanece em nossa língua portuguesa, em uso real. As autoras encontraram o termo **quitute**, significando como “pessoa hábil para fazer quitute”, em nossa pesquisa encontramos esse termo na fala de todos os entrevistados, significando “grandes chefes de cozinha”. E também com a variação de partilha de alimentos, ou seja, uma junção de pessoas, que partilham alimentos e depois juntam tudo que foi coletado, para preparar um almoço.

Há um grupo de expressões que foram registradas de forma quase idêntica pelos dois dicionaristas como: **Quilombo**, designado por eles como esconderijo de escravos fugitivos, mas apenas Beaurepaire registra como língua bunda, significando acampamento. Esse termo foi identificado por todos os entrevistados como espaço, esconderijo, lugar, aldeia, onde moravam os refugiados, os negros escravos. Percebe-se o uso desse termo em tempo real na comunidade em estudo com o mesmo significado.

As palavras: **senzala e xingar**, encontramos na comunidade em estudo como: lugar, moradia, espaço, alojamento, grande casa dos negros. E para a palavra **xingar**, encontramos como: falar palavrão, ato de falar palavrão, ofender alguém. Alkmim; Petter (2009), apontam os dois dicionaristas, trazendo apenas uma variação para o termo **senzala**, como **sanzala**, que significa moradia de escravos, povoação. E para o termo **xingar** como: insultar com palavras, afirmam que são termos da etimologia bunda. Isso nos reforça dizer que as palavras estão vivas na comunidade.

As autoras observam, ainda, outros vocábulos registrados pelos dois dicionaristas: **banzo**, com a variante **banzar**, registrado como: ficar pensativo, triste. Não encontramos esse termo em nenhuma das 20 entrevistas realizadas, podemos dizer que houve certo desaparecimento desse termo.

O vocábulo **caçula**, segundo as autoras, é registrado pelos dois dicionaristas como: filho ou filha mais jovem, com a variante **caçulê**, nos nossos estudos, o significado para esse termo foi idêntico ao encontrado pelos dois autores, encontramos como: filho mais novo ou o último filho.

Para os termos **caxumba, cochilar, fubá, quitanda**, os dois autores do século XIX, registram essas palavras de forma idênticas as que encontramos em nossos estudos. Embora alguns termos apresentem variação como, por exemplo, o termo **fubá**, os autores trouxeram de forma figurada, como: “fazer tudo em fubá”, nós encontramos apenas como “farinha de milho”. Outro termo que também apresentou variação para os autores do século XIX foi a palavra **quitanda**, para os autores esse termo, além de ser um lugar que vende frutas, hortaliças, pescado, varia também como: sentido de ocupação como, por exemplo: “A clínica é minha quitanda”, e também como “venda ambulante” para esses autores a etimologia do vocábulo nessa época significava cama, liteira, maca, além de registrar seus derivados **quitandeiro/ quitandeira e quitandar**. Mas esse sentido feminino **quitandeira** assume como mulher sem educação. Em nossos estudos encontramos significados para esse termo apenas como: lugar que vende coisas variadas, mercadinho, bolinhos, venda de frutas, lugar pequeno, vende verdura, e também quitandeira mulher que faz doces, comida. Percebe-se que não há presença também das variações usadas nos dicionários do século XIX, houve modificação ou apagamento de um dos significados, mudança nesse termo quitandeira, mudou de sentido, não encontramos como mulher sem educação apenas como mulher que cozinha bem, que faz doces.

Continuamos com os dois dicionaristas do século XIX, trazidos por Alkmim; Petter (2009, p.161), os vocábulos **caçamba, cachaça, candango, corcunda, macaco,**

**marimbondo, moleque e tanga** são vocábulos que apresentaram diferenças nos significados em relação ao uso atual. Destaca a palavra **candango** que somente Macedo Soares apresentou o sentido, hoje desconhecido, era nome que os africanos nomeavam os portugueses, e atualmente tem o sentido como construtores de Brasília. Em nossa pesquisa, tivemos apenas um registro como: trabalhadores e como pessoas que vem de uma cidade para outra. Percebemos que houve um certo apagamento de sentido como era usada essa palavra, embora não encontramos como construtores de Brasília, mas como trabalhadores isso nos reforça que esse termo realmente houve mudança.

Partimos para o termo **caçamba**, os dois dicionaristas registram variações como um “balde preso em uma corda”, também como expressão popular “a corda e a caçamba”, e ditado popular “aonde vai a corda vai a caçamba”, registram também o sentido de “estribo em forma de chinela”, assim como “balde em geral” e o nome dado por jovens ao carro de aluguel. Os mesmos dicionaristas registram como sentido em uso permanecendo o sentido de “recipiente”, caçamba de lixo e caminhão caçamba. Em registro da nossa pesquisa, concordamos com os dicionaristas, mas desconhecemos o significado de **caçamba** como balde, ditado ou expressão popular, encontramos em uso atual apenas como caçamba de lixo, caminhão de areia. No entanto esse termo mudou o seu significado.

Para o termo **cachaça**, as autoras registram pelos dicionaristas como: aguardente, aguardente feita com mel ou borras de melaço, cachaça, justificam que a cachaça era retirada da cana de açúcar uma espuma grossa contendo impurezas tirado do cozimento da cana de açúcar. Também apresentam a variação com o sentido figurado “paixão predominante” também analisado hoje como “A cultura das flores é a minha cachaça”, mas Macedo sugere a definição de “bêbado”. Como derivados os dois dicionaristas registram “cachaceira”, como (lugar onde se deposita a cachaça). Em nossos estudos encontramos as variações para o termo: pinga, aguardente, branquinha, cinquenta e um, caninha. Encontramos também a palavra “cachaceira” em uso real, pessoa do sexo feminino, mulher que bebe muito ou todos os dias. Entende-se que houve um certo apagamento da definição do termo do século XIX, para os dias atuais.

O termo **corcunda, cacunda**, registrado por Macedo Soares, conforme as autoras, como: dorso, costas, aproximando de corcova. De forma derivada **cacundeiro**, significando carregador que leva carga nas costas, ou animal que na tropa gosta de andar atrás dos outros pelas costas e homem de baixa condição. Neste termo, os dicionaristas não deixam claro o sentido atual de “pessoa com deformidade nas costas”. E para Beurepaire, registra apenas como “Cacunda”, no sentido de dorso costas, ainda considera a hipótese do termo **cacunda**,

seja uma alteração do termo vulgar **corcunda**. Em nossos estudos encontramos como definição para o termo “Corcunda”, pessoas com deficiência nas costas, pessoas curvadas para frente. Encontramos também **cacunda**, significando costas. Observamos que esse termo houve diferença de sentido, foram duas palavras parecidas com sentido diferente. Que no entanto para os dicionaristas permanecia os mesmos sentido para as duas palavras “corcunda” e “cacunda”.

Para o termo **macaco**, foi registrado pelos dois dicionaristas como: “máquina para suspender peso” em uso atual. Consideram um sentido desconhecido “pilar em cuja construção se empregam apenas dois tijolos por camada”. Também vocábulo bunda **macacu** no sentido de macaco-animal, sujeito esperto, sujeito feio e engraçado. Encontramos os mesmos significados para esse termo, mas com uma diferença na escrita do século XIX “macacu” e em nossos dias atuais “macaco”.

O vocábulo **marimbondo** registrado como “espécie de vespas”, Macedo Soares registra como “marimbondo”, de forma derivada “marimbondada”, ferroadada do marimbondo, e também um outro significado que o autor considera desconhecido hoje iguaria de carne desfiada com outros preparos. Beaurepaire forma “marimbondo”, com diferenças apenas na escrita, que na língua bunda marimbondo, marimbondo, malimbondo é indiferente. Em nossa pesquisa encontramos como: bicho que ferra, inseto, vespas. Vejamos que houve variação nas palavras, mas com o mesmo sentido dos dicionaristas.

Apresentaremos aqui os vocábulos encontrados por Alkmim; Petter (2009), registrados de forma idêntica pelos dois dicionaristas Macedo Soares e Beaurepaire. **Moleque/ muleque**: este termo vem significando criança/ jovem/ escravo ou negro, originado da língua bunda. Aparece também no sentido de pessoa de mau procedimento, digno de um moleque, gaiato, engraçado. Os dois dicionaristas concordam com os derivados da palavra, que são moleca/molecada/ molecagem/ molequeira/molecão etc. Nomeando também o pé-de-moleque que é um doce feito com amendoim torrado característico da festa de São João. Em nossos estudos encontramos significado para esse termo como menino, criança pequena, garoto, guri, gurizote. Percebemos as variações para esse termo, mas com o mesmo significado dos autores, e são palavras de uso e conhecidas pela comunidade.

A palavra **Tanga** é apresentada por eles como “um pedaço de pano das dimensões de um lençol”, marcado como vestuário de escravo africano; e o sentido da palavra hoje corresponde a peça reduzida de vestuário, eles também citam a expressão “ficar de tanga”, que corresponde a ficar na miséria, sem nada. Consideram como vestuário indígena e tipo de vestuário feminino de banho, no tamanho reduzido. Concordando com as autoras encontramos

o significado dessa palavra praticamente idêntica a citada pelos dicionaristas, ou seja, um tipo de vestuário feminino, peça de roupa feminina. Mas o ditado popular não aparece em nossos estudos.

Seguimos o nosso trabalho sob a perspectiva do trabalho de Alkmim; Petter (2009), em que os dicionaristas separaram os vocábulos em dois grupos: grupo 1 e o grupo 2. No grupo 1, as autoras não registraram os seguintes termos: **abadá**, **gibi**, **maconha**, **macumba**, mas elas comentam esses vocábulos. Para os termos **maconha** e **macumba**, Macedo Soares define maconha como: liamba e pango e Beaurepaire define como liamba, pango e riamba. As duas afirmam que são significados desconhecidos atualmente.

Para o termo **macumba**, ambos registram como candomblé uma etimologia africana, também como dança dos negros, batuque sagrado, dança ritual com prática de feitiçaria. Como derivado registrado pelos dois autores candombeiro, “dançador”, ou frequentador de candomblé. Também apresentam a variação do termo candomblé no sentido de “um tipo de rede de pescar”. Em nossa pesquisa, o termo **macumba** foi encontrado como feitiço, maldade que fazem para os outros, feitiçaria, despacho que fazem nas encruzilhadas. Para este termo, podemos dizer que embora muitas haja variações ao nome, mas permanece o mesmo significado. Para o termo **maconha** as autoras apresentam significando liamba, pango, riamba. Em nossa pesquisa, para o termo **maconha**, deparamos com o sentido de erva e droga em uso atual. Percebe-se que esse termo, apresenta uma mudança no nome, mas permanece o mesmo significado encontrado no século XIX.

O termo **cafuné**, com o significado de “gesto carinhoso”, que simula gesto de catar piolho, também foi encontrado como “os cocos menores do cacho de dendê”, embora este último seja desconhecido. Em nosso trabalho encontramos **cafuné** como: carinho na cabeça das pessoas, tipo de agrado, carinho. Percebemos que o significado é idêntico com o encontrado pelas autoras em uso atual.

Seguimos por analisar os termos registrados no grupo 2, segundo as autoras Alkmim; Petter (2009), são os termos que apresentaram diferença de significado, registrado pelas dois dicionaristas, em relação ao uso atual. O termo **Catinga** teve registro como uso atual “mau cheiro”, o outro significado é o de “espécie de mato”, com vegetação esparsa, rala. Sua origem tupi. Em nossos estudos encontramos no sentido de mau cheiro, odor, vegetação cerrado. Aqui confirmamos o que os dicionaristas apresentaram a palavra com dois sentidos em uso atual.

A palavra **mandinga**, conforme Alkmim; Petter (2009), foi registrado apenas por um dicionarista, como arte de fechar o corpo, feitiçaria, dificuldades imprevistas, mas no uso

atual permanece apenas o sentido geral **feiticeira**. Para o mesmo termo, em nossos estudos, encontramos como feitiço, macumbeiro, simpatia, reforçando o registro do dicionarista.

Para o termo **muamba**, registrado pelos dois dicionaristas como fraude, engano, doloso, velhacaria. No uso atual define como produto comercializado de forma ilegal. Nós também encontramos com o sentido de: pessoa que vende muita coisa; mexer com contrabando; pessoa que vende roupas e outras coisas de forma ilegal.

**Biboca**, segundo as autoras, tanto Macedo quanto Beaurepaire, significa buraco, escavação formada por água. Beaurepaire acrescenta que são terrenos que se tornam de difícil acesso; e ainda define um segundo sentido: qualquer terreno brenhoso, de difícil trânsito, ainda trazem-no como sentido figurado “casinha de palha”. No sentido atual “habitação precária, localizada em lugar esquisito e suspeito. Em nossa pesquisa encontramos como lugar pequeno e feio, casa longe, feia, suja, buraco onde moro. Para tanto, o significado desse termo em uso não difere dos sentidos colocados pelos dicionaristas.

A palavra **Muquirana** é encontrada com dois sentidos, como “piolho que se agarra ao corpo”, que não é reconhecido atualmente e como “pessoa avarenta, pão duro”. Nós também encontramos a palavra com o sentido de “pessoa pão dura”, “pessoa econômica que não gosta de gastar”.

Os termos **quizumba** e **Sacana**, segundo as autoras, apenas Macedo Soares registra esses termos, no sentido de rapaziada, no uso atual como bagunça, confusão. **Sacana** no sentido de copular, fornicar. Diferente do sentido atual “pessoa sem vergonha, mau caráter”. Encontramos em nossos estudos a definição para o termo **quizumba** como briga, farra, confusão. E para o termo **sacana** é não ter compromisso com o outro, pessoa sem caráter, sem vergonha.

O termo **zumbi**, conforme as autoras, Macedo Soares define como “alma do outro mundo”, um ser sobrenatural e Beaupaire aponta um sentido mais estreito: entre o fantástico que segundo a crença vagueia no interior das casas em horas mortas. Encontramos como acordado a noite toda, pessoa que anda a noite.

As autoras Alkmim; Petter (2009) trazem os vocábulos registrados no século XX, por R. Mendonça (1933) e por J. Raimundo (1933), nas três divisões: No grupo 1: apresenta sentido atual; grupo 2: deslocamento de sentido em relação ao uso atual, e por último grupo 3: que não apresentaram diferença no significado em relação ao uso atual.

Com o mesmo sentido atual, foi registrado apenas por Mendonça. Como o termo **banzo** no sentido de aldeia, saudade da aldeia, da terra natal. Esse termo consideramos instinto, pois não encontramos em nenhuma fala.

**Cachaça** neste século, conforme as autoras, têm sentido único “aguardente”, diferente do século XIX, afirmando que esse termo é de origem africana. Mas em nossa pesquisa encontramos vários sentidos para a palavra, como no século anterior.

A palavra **Canga** também aparece aqui como sentido único “trave de madeira adaptada no pescoço de animais”, originário do quimbundo **kanga**, significando prender, ligar. Em nosso trabalho além de ser objeto que coloca no animal, também encontramos outro significado como saída de praia.

O termo **Macumba**, conforme as autoras, aparece **significando** “feitiçaria, candomblé, magia, despacho”, é conhecido por todo País, mas é um culto próprio do Rio de Janeiro. Em nossos estudos encontramos também como feitiço e despacho.

Apresentamos dois termos registrados apenas por J. Raimundo (1933):

**Capanga**: este apresenta dois sentidos, como “guarda-costas, cangaceiro e como bolsa saco de couro e lona. Encontramos apenas com um sentido de guarda-costas em uso atual.

**Moringa**: como “bilha de barro em forma de garrafa, bojuda e de gargalho comprido”. Em nossos estudos encontramos com o significado de jarro de barro para colocar água.

Apresentamos alguns vocábulos do grupo 1 que foi registrado pelos dois autores com sentido muito próximo ao atual:

**Cachimbo**: como “aparelho de fumar”, de forma idêntica e único sentido que encontramos em nossa pesquisa.

**Caçula**: como “filho mais moço” e também como “ato de socar milho no pilão”. Nós encontramos o significado para esse termo como: filho mais novo e último filho.

**Caxumba**: como “inflamação das paratíditas”. Nós também encontramos apenas como doença que dá no pescoço.

**Cochilar**: como “cabecear com sono”, já em nossos estudos, encontramos como “dormir pouquinho”.

**Corcunda, Carcunda**: com o mesmo sentido de: jiba, corcova, indivíduo giboso. Em nosso trabalho, encontramos o significado de pessoas curvadas para frente.

**Dengo/Dengue**: “termo carinhoso para se dirigir à criança, comportamento feminino, manha, birra, afetação”. Em nossos estudos, encontramos como termo carinhoso, criança manhosa.

**Fubá**: “farinha de milho, mandioca ou arroz”. Em nosso trabalho, encontramos apenas como farinha de milho.

**Marimbondo:** “vespas”, encontramos de forma idêntica como vespas.

**Miçanga:** contas de vidro, joias de pouco valor. Para esse termo, encontramos com bolinhas para bordar.

**Molambo:** “trapo, pedaço de pano velho”. Encontramos apenas como pessoas mal vestida.

**Moleque:** “preto jovem, menino de pouca idade, patife, velhaco”. Deparamos com: criança, menino, guri.

**Quilombo:** “povoação fortificada dos negros fugitivos do cativoiro”. Deparamos com sentido de local onde ficava os escravos fugitivos, espaço somente de negros.

**Quitanda:** “venda de verduras frutas e outros vegetais”. Em nosso trabalho encontramos como vendinha, venda pequena de frutas, e também como bolo, doce.

**Quitute:** “iguaria fina, delicada, saborosa”. Mas nos deparamos como: comida e partilharia de alimentos.

**Senzala:** “alojamento ou conjunto de alojamento dos escravos nas fazendas”. Deparamos como: “espaço onde os negros vivam no tempo da escravidão, tempo dos escravos, alojamento dos negros”.

**Tanga:** “pano que encobre as genitais”. E para a expressão estar de tanga, significa estar na penúria. Em nossos registros encontramos apenas como peça de roupa pequena, pouca roupa.

**Xingar:** “insultar com palavras, ofender”. Encontramos como: falar palavrão, ofender outra pessoa com palavrão.

Apresentamos os termos que houve deslocamento de sentido em relação ao uso atual, registrado apenas por Raimundo:

**Caçamba:** “balde preso a uma corda para apanhar água no poço”. Também registra como sentido figurado de “companheiro, companheira”. E ainda afirma o sentido de “recipiente”, observado nos autores do século XIX. Em nossos estudos deparamos com “caçamba de lixo, caminhão”.

**Candango:** “nome com que os negros designavam o português”. Não tivemos registro desse termo.

**Carimbo:** “marca usada nas repartições e casas de negócio”. Em nossos estudos encontramos como marca, objeto usado para marcar.

Houve vocábulos que não foram registrados nesse século por nenhum dos dicionaristas como: **abadá, gibi, macaco e maconha**. Mas em nossos estudos encontramos

significados para o termo **gibi**, como “revistinha em quadrinhos”; e **macaco** com dois sentidos “bicho” e “peça para levantar carro”. O termo **abadá** não encontramos.

No grupo 2, a maior parte dos vocábulos registrados pelos dicionaristas permaneceram com o mesmo sentido do século XIX, e alguns deles foram registrados apenas por Mendonça:

**Catinga**, como “mau cheiro”. Nós encontramos também com esse sentido, e com variação para vegetação.

**Muamba**: “negócio ilícito, velhacaria”, também como “cesto em que os carregados retrazem a carga”, que depois passou a significar carga contrabandeada. Em nossos registros encontramos com o sentido de: pessoas que vendem diversas coisas, em porta em porta, na rua, que não possui comercio fixo, não paga impostos.

Únicos termos registrados apenas por Raimundo são: **bamba** e **bambambã**. **Bamba** no sentido de “forte, temível, valente”. **Bambambã** no sentido de “o mais forte, valente, respeitado”. Em nossos estudos foram poucos resultados, mas encontramos no sentido de: “o maior”, “que se acha”.

Expomos os vocábulos registrados por Mendonça e por Raimundo com significados aproximados:

**Banguela**: “nome de um povo da região de Benguela: e “pessoa desdentada”. Nós registramos esse termo como: pessoa sem dente e também como uma descida.

**Cafuné**: “estalidos com o polegar no alto da cabeça”. Em nossos estudos no sentido de: carinho, chamego.

**Mandinga**: “feitiço, sortilégio”. Nós encontramos no sentido de “macumba, fazer mal, trabalho.

**Muxoxo**: “som produzido com a língua aderida aos dentes ou estalo que se dá com os lábios”. Para esse termo não encontramos em nenhuma fala.

No grupo 2, o único termo que os dicionaristas não registraram foi: **catimba/catimbeiro**. Em nossos estudos não registramos nenhum sentido para essa palavra, houve desconhecimento.

No grupo 3, os dicionaristas consideraram seis vocábulos que não apresentaram diferença no significado em relação ao uso atual, sendo:

**Angu**: “comida”, ainda apresenta no sentido figurado “mistura confusa”, “trapalhada”, “intriga”. Em nossos trabalhos encontramos apenas como “comida feita de milho”.

**Bunda:** “nádegas, assento”. Em nossos estudos encontramos como: partes do corpo e nádegas.

**Cambada:** “agrupamento de pessoas”, “agrupamento de vagabundos”, “corja”. Mas Raimundo se estende para o sentido de: “qualquer conjunto de coisas”. Em nossa pesquisa registramos como: “grupo de pessoas, ou pessoas aglomerados em um mesmo espaço e como cambada de peixe.

**Muxiba:** “carne magra e caída, pelanca”. Em nossos estudos define como: encontrado na vaca, pelanca. E também como uma pessoa segura, pão dura.

**Zumbi:** “ente fantástico que, segundo a crença popular, vagueia dentro das casas a horas mortas da noite. Em nossos estudos no sentido de: “morto vivo”, “alma penada”, “pessoa que não dorme”.

E para finalizar, os termos do grupo 3: **babaca, babau, biboca, cafofo, cucuia, muquifo, muquirana, muvuca, quizomba, sacana, ziquizira**. Esses termos não foram registrados por nenhum dos dicionaristas citados pelas autoras. Enquanto em nossos estudos de uso atual, encontramos todos esses termos, com exceção do termo **ziquizira**, o único desconhecido na comunidade em estudo.

Concluindo esta sessão, na primeira análise apresentada a predominância das variantes [+ **afro**], de uma certa forma, se abonou na comunidade Exú (MT03), embora as demais também tenham aparecido muitos termos de origem afro, mas a comunidade MT03 liderou em número, forma espontânea e conhecimento dos termos e das suas variações. E as variantes [- **afro**] ou desconhecidos foram: jibi/gibi para menino; furdunço para desordem; nevoeiro para sereno; forrobodó para confusão; ebó para feitiço; milonga/quelelê/candongga para mexerico/fofoca; biraia para prostituta; mocambo; mocó para moradia; bolinha de gude para bolita; gimbo/ jimbo/jimbra/zimbros para dinheiro. Neste sentido, de uma certa forma tanto a MT01, quanto a MT02, apresentaram de uma forma semelhante a ausência desses termos [- **afro**]. Apresentamos os resultados da segunda análise deste trabalho, obtido em campo. Esta análise permitiu-nos, identificarmos 110 vocábulos comuns ao universo dos entrevistados, além dos outros 46 manifestados particularmente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou analisar, descrever a variação do português falado em comunidades afro-brasileiras rurais e urbana no município de Cáceres-MT. Alvitramos ainda, entender a relação dos espaços geográficos de uma comunidade a outra e os fatos linguísticos a elas relacionadas, verificar a existência e a permanência da língua africana no município em estudo e suas variações. Evidenciando a existência e permanência da variação do português brasileiro, em contato com a língua africana, assim como, a pressuposição da existência das palavras de origem africana, na comunidade urbana. Para buscar respostas as nossas inquietações, nos aportamos nos estudos da Dialetoologia Pluridimensional, seguida por Thun (1998) Ratdke & Thun (1996), e nos estudos de Alkmim; Petter (2009), com o Africanismo no Brasil dentre outros.

Este estudo, está composto com duas análises, a primeira analisamos as predominâncias das variantes [+ **afro**] e [- **afro**], nas comunidades afro-brasileiras rurais: Santana (MT01), Chapadinha (MT02) e Exú (MT03), de Cáceres-MT, sob os aspectos da Dialetoologia Pluridimensional. Nesta primeira análise, seguimos dois planos: das variáveis QFF (questionário fonético-fonológico) e o plano das variáveis do questionário QSL (questionário semântico-lexical). A segunda análise aportamos nos estudos de Alkmim; Petter (2009), Africanismo no Brasil. Os resultados foram obtidos através do questionário das autoras, composto por 249 palavras de origem africana.

Apresentamos os resultados obtidos das variáveis QFF, na primeira análise, encontramos por exemplo a “vibrante em posição intervocálica”, essa vibrante [R], nas palavras [varre] e [arroz] está presente nas três comunidades em ambos os sexos, inclusive em maior quantidade na (MT 03). O mesmo acontece com o termo [varre], também identificamos a apócope do [r] no final da palavra e o [r] retroflexo, essas ocorrências aparecem de forma geral nessas comunidades. Mas em número a MT03 lidera. Assim como o rotacismo, novamente a MT03 lidera em ocorrências.

A presença da vocalização da lateral palatal [ʎ] para a palavra (VELHO), encontramos [véio], [ôio] para [olho], essa ocorrência se deu nos pontos (MT02), (MT03). Nascentes (1923/1953, p. 49) analisa essa vocalização palatal como “uma dificuldade para a classe inculta”, utilizando o iode nesse lugar, ainda o l palatalizado (lh) ocorre na fala dos “índios e africanos”, que não possuíam este fonema em suas línguas “e aprenderam a pronunciar esse uso de forma adulterada e assim transmitiam a seus descendentes”. Ainda na MT03 liderou com a presença “lateral dental em coda silábica” [l], no final da palavra [papel]

como [papé], jornal como [jorná]. A palatização das oclusivas dentais [t/d], em posição tônica, na palavra men[tʃ]ira (QFF06), encontramos no ponto (MT03), (MT01). E por último o /s/ pós vocálicos, nos termos [dois olhos] como [dois olhos], ocorrendo em todos os pontos estudados.

Analisamos o segundo plano das variáveis do questionário QSL (questionário semântico-lexical). Após a aplicação deste questionário, nos possibilitou identificar qual comunidade predominou as variantes [+ afro] e [- afro].

Começamos pelo termo **barulho**, de forma geral esse termo aparece em todas as comunidades, as variantes desse termo (+ afro) banzé/fuá/ auê, (+ afro) palavras de origem africana, aparecem somente no ponto (MT03), em ambos os sexos. Na MT01 e MT02 aparece apenas /fuá/. Para **orvalho/sereno**, encontram-se presentes em todas as comunidades e em ambos os sexos, de forma generaliza. Assim como a sugerência da forma cerração/neblina.

O termo **menino** e a variante **guri/ moleque** de uso geral estão presentes em todas as comunidades em estudo. A variante **piá** aparece espontaneamente no ponto (MT03), em ambos os sexos. No ponto (MT01), quando sugerido ao entrevistado, notamos que eles conhecem, porém é de pouco uso. A palavra **desordem**, com a variante **fuzuê**, é conhecida nas três comunidades em estudo, como bagunça. **Fuzuê** apenas no ponto (MT03). As demais desconhecem o termo.

O termo **confusão** e as variantes **bafafá, fuzuê, bagunça, muvuca** são termos muito populares nas três comunidades em pesquisa, todos conhecem e é de uso ativo em ambos os sexos. Com relação à religiosidade afro, o termo **feitico**, com as variantes **macumba, mandinga, sarava, candomblé, pemba, trabalho, despacho. Urucubaca e caborje, amuleto** encontramos em todos os pontos pesquisados. Para **mandraque/mandraca**; aparecem apenas no (MT03), mas não são usuais na fala,

O termo **prostituta** e suas variantes **quenga, vadia, vagabunda, mulher da vida, puta** são reconhecidas de maneira geral em ambas comunidades. Ainda de forma espontânea obtivemos outras variações para esse termo: biscate, rapariga, sem vergonha, concubina, enrabichada, mulher solteira, mulher da zona.

A variante para designar **lugar distante de tudo**, a mais conhecida e comum em uso por todos os pontos foi **cafundó do judas**, sem exceção. Obtivemos uma ocorrência da variante na (MT03) como **caxa do prego**. Para o termo **moradia**, variantes; mocambo; mocó; senzala; biboca; cafofo; moquiço/muquifo. Em nossos estudos, encontramos de forma espontânea os termos: **biboca; cafofo; muquifo; moradia**. Na MT03, liderou essas variantes, de forma espontânea em relação às demais.

O **Aguardente** e suas variantes **cachaça**; **pinga**; **caninha**; **marafó/malafó**: todas as comunidades lideraram o conhecimento do termo, O termo **marafó** se torna desconhecido. O termo **bolita**, espontaneamente, lidera. É de uso ativo, em todos os pontos da pesquisa, em ambos os sexos. Para **dinheiro** e as variações **cascalho**, **mandaculé**, **dimidiem**, **mufunfa**, **bufunfa**, **cascaio**, **moeda**, **financeiro**, **grana**, **mamona**, **moeda**, **tutu**, a comunidade que mais apresentou essas variações foi a MT03.

Por fim, chegamos ao termo **cego de um olho** e suas variantes **zarolho**; **caolho**; **vesgo**, houve uma certa generalização também desse termo, mas apenas a MT03 apresentou maior número de variações [+afro].

A predominância das variantes [+ afro], de uma certa forma, se deu na comunidade Exú, (MT03), embora as demais também tenham aparecido muitos termos de origem afro, mas a comunidade MT03 liderou em número, forma espontânea e conhecimento dos termos e das suas variações. E as variantes [- afro] ou desconhecidas foram: **jibi/gibi** para menino; **furdunço** para desordem; **nevoeiro** para sereno; **forrobodó** para confusão; **ebó** para feitiço; **milonga/quelelé/candongá** para mexerico/fofoca; **biráia** para prostituta; **mocambo**; **mocó** para moradia; **bolinha de gude** para bolita; **gimbo/ jimbo/jimbra/zimbó** para dinheiro. Neste sentido, de uma certa forma tanto a MT01, quanto a MT02, apresentaram de uma forma semelhante a ausência desses termos [- afro]. Apresentamos os resultados da segunda análise deste trabalho, obtido em campo. Esta análise permitiu-nos, identificar 110 vocábulos comuns ao universo dos entrevistados. Além dos outros 46 manifestados particularmente.

Como esta análise foi baseada nos estudos de Alkmim; Petter (2009), elas apresentam vocábulos usados no século XIX por dois dicionaristas e vocábulos do século XX baseados em dois estudos. Nos termos encontrados por Alkmim; Petter (2009), no século XIX com os nossos resultados obtidos na comunidade, dos 30 vocábulos selecionados por elas no século XIX, encontramos 27 em uso na comunidade urbana. Interessante que praticamente todos com os mesmos sentidos, diferindo apenas o sentido de dois termos.

Para os termos de uso coloquial, elas apresentaram nove, desses, encontramos seis. Nos termos informais, as autoras trouxeram dezessete, desses, encontramos quinze. Os que mantêm os mesmos significados atuais: de todos apresentados, apenas o termo (**banzo**), um não é reconhecido pelos entrevistados, podemos dizer que esse termo modestamente desapareceu neste século atual. Na junção dos termos encontrados pelos dois dicionaristas somam aproximadamente uns oitenta vocábulos, nestes oitenta vocábulos podemos dizer que em nossos estudos encontramos aproximados setenta e cinco. Claro que alguns apresentaram variações diferentes, como por exemplo, no termo **canga**, registrado como uma espécie de

mineral argiloso; em nossos estudos encontramos somente como saída de praia e objeto de colocar no pescoço do animal. **Quitute** registrado como pessoa hábil para fazer quitute, e nós encontramos como grande chefe e como partilha de alimentos. **Fubá**, registrado como forma figurada para “fazer tudo em fubá”, em nossos estudos apenas como “farinha de milho”. **Quitanda**, registrado como um lugar que vende frutas, hortaliças, pescado, varia também com o sentido de ocupação, como por exemplo, “A clínica é minha quitanda”, e também como “venda ambulante”, encontramos como vende coisas variadas, mercadinho, bolinhos, venda de frutas, lugar pequeno, vende verdura. Como derivado a palavra **quitandeira**, que significa mulher sem educação. Em nossos estudos encontramos significados **quitandeira** para mulher que faz doces, comida. Percebe-se a modificação ou apagamento de um dos significados, mudança nesse termo quitandeira, mudou de sentido. **Caçamba**, aparece como um “balde preso em uma corda”, também como expressão popular “a corda e a caçamba”, e ditado popular “aonde vai a corda vai a caçamba”; registram também o sentido de “estribo em forma de chinela”, assim como “balde em geral” e o nome dado por jovens ao carro de aluguel, recipiente”, caçamba de lixo e caminhão caçamba. Em nossos estudos, encontramos apenas como caçamba de lixo, caminhão de areia. No entanto esse termo mudou o seu significado. **Cachaça**, foram registrados como: aguardente, aguardente feita com mel ou borras de melaço, cachaça, “paixão predominante”, “A cultura das flores é a minha cachaça”. Como derivados “cachaceira”, como (lugar onde se deposita a cachaça). Em nossos estudos encontramos as variações como: pinga, aguardente, branquinha, cinquenta e um, caninha. Encontramos também a palavra **cachaceira** em uso real, pessoa do sexo feminino, mulher que bebe muito ou todos os dias. Entende-se que houve um certo apagamento da definição do termo do século XIX, para os dias atuais. **Corcunda**, **cacunda**, registrado como dorso, costas, aproximando de corcova. De forma derivada, **cacundeiro** significa carregador que leva carga nas costas, ou animal que na tropa gosta de andar atrás dos outros pelas costas e homem de baixa condição. **Cacunda**, seja uma alteração do termo vulgar **corcunda**. Em nossos estudos encontramos como definição para o termo **Corcunda**, pessoas com deficiência nas costas, pessoas curvadas para frente. Encontramos também **cacunda**, significando costas. Observamos que esse termo houve diferença de sentido, foram duas palavras parecidas com sentido diferente. Que no entanto no século XIX, permanecia os mesmos sentido para as duas palavras “corcunda” e “cacunda”.

**Macaco**, registrado como máquina de suspender algo e **macacu** como animal. Em nossos estudos encontramos apenas a escrita de macaco significando animal e objeto para trocar pneu. Neste século desapareceu o termo “macacu”, o que houve foi uma junção de

significados, uma única palavra com dois significados. **Marimbondo** / **marimbundo**, registrado como “espécie de vespas”, na forma derivada “marimbondada”, ferroadada do marimbondo, e também um outro significado que o autor considera desconhecido hoje “iguaria de carne desfiada com outros preparos”. Em nossa pesquisa, encontramos como “bicho que ferra, inseto, vespas”. Vejamos que houve variação nas palavras, mas com o mesmo sentido do século XIX. O termo **Tanga**, registrado como “um pedaço de pano das dimensões de um lençol”, marcado como vestuário de escravo africano e o sentido da palavra hoje corresponde a peça reduzida de vestuário, também cita a expressão “ficar de tanga”, que corresponde a ficar na miséria, sem nada. Consideram como vestuário indígena e tipo de vestuário feminino de banho no tamanho reduzido. Em nossos estudos, aparece como “tipo de vestuário feminino”, “peça de roupa feminina”, “peça pequena”. Como podemos ver, praticamente o significado não mudou de sentido, apenas o ditado popular desaparece em nossa comunidade. A palavra **Macumba** eles registram como “candomblé, dança dos negros, batuque sagrado, dança ritual com prática de feitiçaria”. Apresentam a variação do termo candombe no sentido de “um tipo de rede de pescar”. Em nossa pesquisa encontramos como feitiço, maldade que fazem para os outros, feitiçaria, despacho que fazem nas encruzilhadas, neste termo podemos dizer que embora muitas variações ao nome, mas segue com o mesmo significado. O termo **Maconha**, registrado como liamba, pango e riamba, na nossa pesquisa aparece como “erva e droga em uso atual”. Como se pode perceber, houve mudança no nome do termo, mas permanece o mesmo sentido.

Os termos registrados no século XX. **Cachaça** têm sentido único “aguardente”, diferente dos nossos estudos em que encontramos vários sentidos para a palavra, como no século anterior. **Canga** também sentido único “trave de madeira adaptada no pescoço de animais”. Em nosso trabalho além de ser objeto que coloca no animal, também encontramos outro significado como saída de praia. **Macumba**, registrado como aparece “feitiçaria, candomblé, magia, despacho”. Em nossos estudos encontramos também como feitiço e despacho. **Capanga**, registrado como “guarda-costas, cangaceiro e como bolsa saco de couro e lona”, na nossa pesquisa, encontramos apenas com o sentido de guarda-costas em uso atual. Algumas palavras, do século XX, que analisamos, apresentaram mudança, redução de sentido, sentido único. A palavra **Caçula** encontrada como “filho mais moço” e, também, como “ato de socar milho no pilão”, na nossa pesquisa, encontramos um sentido único, como “filho mais novo e último filho”, assim, podemos dizer que houve desaparecimento nas variações do século passado para este. Estes termos caxumba, cochilar, denço, fubá, marimbondo, miçanga, molambo, moleque, quilombo, quitanda, quitute, xingar, tanga, carimbo, catinga,

muamba, banguela, cafuné, mandinga, registrados no século XX, não apresentaram mudanças de sentido, apenas houve redução de variantes. Neste século, dos termos registrados, os únicos que consideramos desaparecidos são **muxoxo**, **ziquizira**, não tivemos nenhum registro desses vocábulos.

Após as análises e comparações dos termos afro-brasileiros, com os séculos XIX, XX e XXI, constatamos que o nosso português brasileiro, ponderado nas comunidades afro-brasileiras, tanto rural quanto urbana, estão repletos de variações, e essas variações nos comprovam que o português falado nessas comunidades são termos afro-brasileiros. E com isto só temos a dizer que a existência dos vocábulos [+afro] na comunidade urbana e rural é muito forte. São traços de mais de dois séculos atrás. A partir dos resultados desta pesquisa, esperamos que muitos outros trabalhos possam ser realizados, pois como a língua é viva acreditamos que outros estudos trarão novas versões, novos resultados, novos recortes.

Enquanto tiver pesquisadores interessados nos estudos linguísticos, voltados para a perspectiva Sociolinguística Variacionista e na Dialetoлогия Pluridimensional, nossa língua não morrerá, nossos registros permanecerão eternamente vivos. Por isso, podemos dizer que foi um trabalho árduo, mas que valeu a experiência. Como foi importante compreender a riqueza da nossa língua, a sua diversidade, entender a história que a constitui, que está aí para ser investigada, analisada, compreendida. E o nosso trabalho se configura em mais um esforço para integrar os estudos das línguas africanas e seu contato com a língua portuguesa no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. O estudo de línguas de imigrantes no Brasil. O exemplo do hunsrückisch no Rio Grande do Sul. **Cadernos do Instituto de Letras da UFRGS**, Porto Alegre, n. 18. p. 17-26, 1997.
- ALKMIM, Tania; PETTER, Margarida Maria Taddoni. Palavras da África no Brasil de ontem e de hoje. **Africa no Brasil: a formação da língua portuguesa**, 2009.
- ARRUTI, J. M. P. A. 2006. **Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola**. Bauru, SP. Edusc. 370p.
- BISINOTO, Leila Salomão Jacob. **Atitudes sociolinguísticas: efeitos do processo migratório**. Campinas: Pontes, 2007.
- CALVET, L. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Projeto Atlas Linguístico do Brasil - Projeto ALIB: descrição e estágio atual 1. **Revista da ABRALIN**, v. 8, n. 1, 2017.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolingüística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CONCEIÇÃO, Helenise da Cruz; CONCEIÇÃO, Antônio Carlos Lima da. A construção da identidade afrodescendente. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 8, fev. 2010. Acesso em: 10/11/2018.
- CONCEIÇÃO, Helenise da Cruz; CONCEIÇÃO, Antônio Carlos Lima da. Geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? **Revista GELNE**, Fortaleza, v.4, n.2, p.1-16, 2002. Disponível em: <<http://www.gelne.org.br/Site/RevistaGelne/arquivos/artigos/art-.pdf>>. Acesso em: 16 julho. 2018.
- CONCEIÇÃO, Helenise da Cruz; CONCEIÇÃO, Antônio Carlos Lima da. Projeto Atlas Linguístico do Brasil - Projeto ALIB: Descrição e Estágio Atual 1. **Revista da ABRALIN**, v. 8, n. 1, 2017.
- COSERIU, Eugenio. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.
- COSERIU, Eugenio. **La geografía lingüística**. Montevideo: Universidad de la Republica; Facultad de Humanidades e Ciencias, 1955.
- COSERIU, Eugenio. La geografía linguística. In.: COSERIU, E. **El hombre y su lenguaje**. 2. Ed. Madrid: Gredos, 1991, p.103-158.
- CONCEIÇÃO, Helenise da Cruz; CONCEIÇÃO, Antônio Carlos Lima da. A construção da identidade afrodescendente. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 8, fev. 2010. Acesso em: 10/11/2018.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

DO BRASIL, Senado Federal. Constituição da república federativa do Brasil. **Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico**, 1988.

DE ANDRADE AGUILERA, Vanderci. Fonema I? I: realizações fonéticas, descrição e a sua comprovação na fala popular paranaense. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, v. 10, n. 3, p. 173-178.

DE ANDRADE AGUILERA, Vanderci; ALTINO, Fabiane Cristina. Para um atlas pluridimensional: pesquisas e pesquisadores. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 56, n. 3, 2012.

DE CASTRO, Yeda Pessoa et al. O Tráfico Transatlântico e a Distribuição da População Negra Escravizada no Brasil Colônia. **Revista Digital Africanias, Salvador**, n. 12, p. 1-12, 2002.

DE CASTRO, Yeda Pessoa. Das línguas africanas ao português brasileiro. *Afro-Asia*, n. 14, 2017. **Revista Eletrônica do IPHAN**, acesso em 07/08/18.

DE CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia: um vocabulário afrobrasileiro**. Rio de Janeiro: Topbooks Editora. 2001.

DUBOIS, Jean e outros. **Dicionário de Linguística**. 9. ed., São Paulo: Cultrix, 1993.

Furtado, M.B, Sucupira, R.L., & Alves, C.B. (2014). **Cultura, Identidade e Subjetividade Quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural**.

FERREIRA, João Carlos Vicente (2001). **Mato Grosso e seus municípios**. Cuiabá-MT: Buriti.

FIORIN, José Luiz. **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. Editora Contexto, 2008.

KOCH, Walter. O povoamento do território e a formação de áreas lingüísticas. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Chistine & SCHÖNBERGER, Axel (eds.). **Estudos de geolingüística do português americano**. Frankfurt a M.: TFM, 2000. p. 55-69.

KOCH, Walter & ALTENHOFEN, Cléo-Vilson. Projeto de mapeamento do bilinguismo no Rio Grande do Sul. In: **Encontro de Estudos do Bilinguismo e Variação Linguística da Região Sul** (5.: 1986: Florianópolis). Anais... Florianópolis: UFSC, 1986. p. 211-221.

KARIM, Jocineide Macedo; KARIM, Taisir Mahmudo. A vocalização da lateral palatal [ʎ]>[j] No Falar Da Comunidade De Cáceres No Alto Pantanal De Mato Grosso. **Revista Ecos**, v. 17, n. 2, 2015.

LACERDA, Leilla Borges. **A Igreja Católica na Cuiabá Colonial: da primeira capela à chegada do primeiro bispo (1722-1808)**. Dissertação (Mestrado em História), PPGH, UFMT, Cuiabá, 2001.

LABOV, William (1972). O quadro social da mudança linguística. IN: **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo, SP: Parábola, 2008. p. 301

MATTOS, Regiane Augusto (2012). **História e cultura afro-brasileira-2.ed**, 1ª reimpressão,-São Paulo: Contexto,2012.

MACEDO-KARIM, Jocineide (2004). **A Variação na concordância de gênero no falar da comunidade de Cáceres-MT**. Dissertação de Mestrado. Araraquara-SP: UNESP, Faculdade de Ciências e Letras.

MARQUES, Carlos Eduardo; GOMES, Lílian. A Constituição de 1988 e a ressignificação dos quilombos contemporâneos. Limites e potencialidades. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 81, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/>. Acesso em: 08/01/2019.

MARQUES, Carlos Eduardo. **De quilombos a quilombolas: notas sobre um processo históricoetnográfico**. Faculdade de ciências da favale/UEMG- 2009

MENDES, Natalino Ferreira. **História de Cáceres: História da administração municipal**. Cáceres-MT: 2º ed, Editora da Unemat, 2009.

MENDES, Renato Ribeiro. **Manejo e uso da vegetação nativa por agricultores tradicionais da Comunidade Santana, região da Morraria, Cáceres – MT**. / Renato Ribeiro Mendes. – Cuiabá: o autor, 2005. 103 p. Dissertações (mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária. encer a uma cultura distinta das outras.

MOURA, G. 2006. **Quilombos contemporâneos no Brasil in Brasil/África: como se o mar fosse mentira**. CHAVES, R., SECCO, C., MACEDO, T.. São Paulo: Ed. Unesp. Luanda/Angola: Chá de Caninde.

MULLER, Maria Lúcia Rodrigues; SANTOS, Angela Maria dos; MOREIRA, Nilvaci Leite de Magalhães. Quilombos e Quilombolas em Mato Grosso. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 8, n. 18, p. 07-24, fev. 2016. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/40>>. Acesso em: 31 mar. 2018.

MOURA, Antônio Eustáquio de. **Quilombo Mata Cavallo, a Fênix negra Mato-Grossense: etnicidade e luta pela terra no Estado de Mato Grosso**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de & ALTENHOFEN, Cléo V. O in vitro e o in vivo na política da diversidade linguística do Brasil: inserção e exclusão do plurilinguíssimo na educação e na sociedade. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 187-2

PÓVOAS, L. C. (1977). **Mato Grosso** – um convite à fortuna. Rio de Janeiro: Guavira Editores Ltda.

POSSENTI, Sírio. **Língua na Mídia**. 1ª ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

PRANDI, Reginaldo. **De africano a afro-brasileiro**: etnia, identidade, religião. **Revista Usp**, n. 46, p. 52-65, 2000.

PRAXEDES, Rosângela Rosa; BUTLER, Segundo Judith. Mulheres negras: reflexões sobre identidade afrodescendente, **Revista Espaço Acadêmico–Ano 2009, III–Nº**.

ROMANO, Valter Pereira. Percurso historiográfico e metodológico da Geolinguística. **Papéis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens-UFMS**, v. 18, n. 35, p. 135-153, 2014.

RADTKE, Edgar & THUN, Harald. Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Eine Bilanz. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald (eds.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: WestenseeVerl., 1996. p. 1-24.

RAZKY, Abdelhak; DA CUNHA GUEDES, Regis José. Um recorte da variação lexical no projeto Atlas Linguístico do Pará. **Caligrama: Revista de Estudos Românicos**, v. 18, n. 2, p. 51-68, 2013.

RIBEIRO, D (2006). **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras.

SOUZA, Antonio Carlos Santana de. **Africanidade e contemporaneidade do português de comunidades afro-brasileiras no Rio Grande do Sul**. 2015.

SEILERT, Villi F. **Marco Indígena e “Quilombola”** - Programa Pará-Rural/Bird. Relatório Intermediário, Quilombola. Belém, abril, 2004.

SILVA NETO, Serafim da. (1960). **Língua, cultura e civilização**: estudos de filologia portuguesa. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

SILVA, Acildo Leite da. **A Civilização pelas águas e a Gente de Cor**: Urbanidade e relações educativas na vila-capital da capitania de Mato Grosso (1752 – 1835). Cuiabá: EdUFMT, 2014.

SILVA, Mariza Pereira. (2000). **Um Estudo de Variação Dialetoal**: a alternância de [ãw] ~ [õ] final no português falado na cidade de Cáceres-MT. Dissertação de Mestrado - Campinas-SP: IEL – UNICAMP.

THUN, Harald. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **Para uma história do português brasileiro**, volume VII: vozes, veredas, voragens. Londrina: EDUEL, 2009. Tomo II, p. 531-558.

THUN, Harald. O comportamento lingüístico dos brasiguaios no Paraguai visto a partir do material do Atlas Lingüístico Guaraní-Románico (ALGR). In: DIETRICH, Wolf / NOLL, Volker (Org.). **O português do Brasil: perspectivas da pesquisa atual**. Madri / Frankfurt a.M.: Iberoamericana; Vervuert, 2004. p. 169-191.

THUN, Harald. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland & RABANUS, Christian (eds.). *Language mapping*. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010a. p. 506-523.

## ANEXO I

**QUESTIONARIO PARA AS COMUNIDADES AFRO-BRASILEIRAS DE CÁCERES-  
MT**

Programa de Pós-Graduação em Linguística / UNEMAT (Cáceres)

Dissertação de Mestrado: Maria Eliane Vila de Pinho

Orientador: Antonio Carlos Santana de Souza

PONTO:.....

Nº DO PONTO: .....

INFORMANTES/ENTREVISTAS: Nome (idade)

<p><b>mGII</b></p> <p>Data: .....</p>	<p><b>mGI</b></p> <p>Data: .....</p>
<p><b>fGII</b></p> <p>Data: .....</p>	<p><b>fGI</b></p> <p>Data: .....</p>

**mGII** = 02 homens, geração velha (acima de 55 anos)

**fGII** = 02 mulheres, geração velha (acima de 55 anos)

**mGI** = 02 homens, geração jovem (18 a 36 anos)

fGI = 02 mulheres, geração jovem (18 a 36 anos)

**Critérios gerais:** a) afrodescendentes nascidos ou vivendo 3/4 da vida na comunidade

b) escolaridade preferencialmente inferior a 2º grau

c) não ter morado fora por muito tempo

d) gostar de conversar

## PARTE A -DADOS SOCIOLÓGICOS / INFORMANTE

A) IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES				
Entrevista:	<input type="checkbox"/> mGII	<input type="checkbox"/> fGII	<input type="checkbox"/> mGI	<input type="checkbox"/> fGI
<b>Nome do Informante 1:</b> .....				
Data de Nascimento: ..... Idade: .....				
Onde nasceu? <b>sim</b> na comunidade <input type="checkbox"/> em outra localidade. Qual? .....				
Há quanto tempo mora na localidade? .....				
Escolaridade: .....				
Trabalho/Ocupação: .....				
Religião: .....				
Endereço (se quisermos enviar uma carta?):  				
Autoriza o uso dos dados para a pesquisa? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não				
<b>Nome do Informante 2:</b> .....				

Data de Nascimento: ..... Idade:

.....

Onde nasceu?  na comunidade  em outra localidade. Qual?

.....

Há quanto tempo mora na localidade?

.....

Escolaridade:

.....

Trabalho/Ocupação:

.....

Religião:

.....

Endereço (se quisermos enviar uma carta?):

Autoriza o uso dos dados para a pesquisa?  sim  não

Outro(s) participante(s):

**PARTE B -DADOS SOCIOLÓGICOS / AFRO-BRASILEIRO**

<b>B) LOCALIDADE DA PESQUISA</b>	
<b>COMUNIDADE EXÚ</b>	
<b>1</b>	<b>TOPONÍMIA</b>
1.1	Nome da localidade onde mora o informante:
1.2	Nomes anteriores:
1.3	Esse(s) nome(s) ainda é/são usado(s)?
1.4	Origem do nome da Comunidade Afro-brasileira?
1.5	As pessoas da comunidade usam um nome para identificar-se? Qual?
2	Observações sobre a <b>localização</b> da localidade (distância de cidade próxima, tipo de estrada, mobilidade etc.)
3	Breve <b>história</b> da Comunidade Afro-brasileira.
4	<b>Origem</b> dos afrodescendentes
5	<b>Etnias</b> na região (pessoas de outras origens, observar designações)
<b>6</b>	<b>DADOS DEMOGRÁFICOS</b>
6.1	População Total
6.2	Número de famílias afrodescendentes
6.3	Número de famílias brancas (se houver)

6.4	Número de casas na comunidade
7	Posto médico
8	ESCOLARIZAÇÃO
8.1	Se houver escola na comunidade, a partir de quando foi posta à disposição da comunidade?
8.2	Como foi a escola dos mais velhos e como é hoje em dia para os mais jovens?
9	Como aconteciam os casamentos na comunidade? Se de fora da comunidade, qual a origem do noivo(a)? Eram permitidos uniões entre parentes (primos, etc.)?
10	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
10.1	Na agricultura
10.2	Tipo de organização do trabalho (individual, familiar etc.)
11	HÁBITOS CULTURAIS
11.1	Quais as expressões culturais mantidas pela comunidade?
11.2	A comunidade se dedica a alguma festividade religiosa ou de outro tipo? Em caso afirmativo, qual o tipo e época do ano?
OUTRAS OBSERVAÇÕES	

**PARTE C–DADOS LINGUÍSTICOS**

**QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO (QFF)**

<b>1</b>	<b>FÓSFORO</b> (ALiB QFF 015) Aquilo que usa (mímica) para acender o fogo?
<b>2</b>	<b>VARRER</b> (ALiB QFF 018) Para limpar o chão, o que é que é preciso fazer (mímica)?
<b>3</b>	<b>ARROZ</b> (ALiB QFF 021) O que se come no almoço, uns grãos brancos que podem acompanhar o feijão, a carne?
<b>4</b>	<b>COLHER</b> – subst. (ALiB QFF 025) A carne se come com garfo e faca. E a sopa, com que se toma? [O que é que se usa para tomar sopa?]
<b>5</b>	<b>SAL</b> (ALiB QFF 028) O que é preciso colocar na carne para temperar?
<b>6</b>	<b>MENTIRA</b> (ALiB QFF 106) Se na é verdade, então é...?
<b>7</b>	<b>ÁRVORE</b> (ALiB QFF 039) O que é que dá sombra nas ruas, no campo / para o gado nos pastos?
<b>8</b>	<b>NOITE</b> (ALiB QFF 055) Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a . . . ?

<b>9</b>	<b>TARDE</b> (ALiB QFF 062) Qual é o contrário de cedo?
<b>10</b>	<b>TRÊS</b> (ALiB QFF 063) O que é que vem depois do dois?
<b>11</b>	<b>BICICLETA</b> (ALiB QFF 071) Aquilo que tem duas rodas grandes que se senta e sai pedalando?
<b>12</b>	<b>MUITO</b> (ALiB QFF 077) Qual é o contrário de pouco?
<b>13</b>	O <b>OLHO</b> / <b>OS OLHOS</b> – subst. (ALiB QFF 112) Isto? (Apontar) E se são os dois? (Pl.)
<b>14</b>	<b>VELHO</b> (ALiB QFF 139) Um sapato que não é novo é . . . ?

14 perguntas

### QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL (QSL)

<b>1</b>	<p>BARULHO (ALiB QFF 154)</p> <p>Quando uma criança está dormindo, o que se diz para ela não acordar? “Fale baixo, não faça...”</p>
	a) barulho; b) banzé; c) auê; d) fuá
<b>2</b>	<p>ORVALHO / SERENO (ALiB QSL 020)</p> <p>De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?</p>
	a) orvalho; b) sereno; c) cerração; d) neblina; e) nevoeiro
<b>3</b>	<p>MENINO / GURI / PIÁ (ALiB QSL 132)</p> <p>Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?</p>
	a) moleque; b) jibi/gibi; c) guri; d) piá; e) menino; f) garoto; g) rapazinho
<b>4</b>	<p>DESORDEM</p> <p>Quando alguém põe tudo fora de ordem, faz o quê?</p>
	a) bagunça; b) fuzuê; c) furdunço
<b>5</b>	<p>CONFUSÃO</p> <p>Isso vira então o quê, que ninguém se acha ou se entende?</p>
	a) bafafá; b) fuzuê; c) bololô; d) forrobodó; e) bagunça; f) muvuca; g) quizumba
<b>6</b>	<p>FEITIÇO (ALiB QSL 149)</p> <p>O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?</p> <p>Algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?</p>
	a) mandinga; b) caborge; c) bentinho; d) amuleto; e) ebó; f) mandraque; g) mandraca; h) milonga; i) urucubaca (azar? má-sorte?); j) saravá (significado?); k) macumba

	(significado?)
<b>7</b>	<b>MEXERICO / FOFOCA</b> Quando alguém gosta de falar da vida dos outros, faz o quê?
	a) fuxico; b) milonga; c) quelelê; d) candonga; e) futrica; f) zunzum/zunzunzum (significado?)
<b>8</b>	<b>PROSTITUTA (ALiB QSL 142)</b> A mulher que se vende para qualquer homem?
	a) quenga; b) biraia; c) prostituta; d) vadia; e) vagabunda; f) mulher da vida; g) puta
<b>9</b>	<b>LUGAR DISTANTE DE TUDO</b> Que nome dá a um lugar que fica longe de tudo e de todos?
	a) cafundó; b) jebejebe
<b>10</b>	<b>MORADIA</b> Quais nomes conhece para “casa”?
	a) mocambo; b) mocó; c) senzala; d) biboca; e) cafofo; f) moquiço/muquifo (lugar sujo?)
<b>11</b>	<b>AGUARDENTE (ALiB QSL 182)</b> A bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?
	a) cachaça; b) pinga; c) caninha; d) marafo/malafo
<b>12</b>	<b>BODEGA / BAR / BOTEÇO (ALiB QSL 202)</b> Um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber aguardente e onde também se pode comprar alguma outra coisa?
	a) biboca; b) bodega; c) boteco; d) boliche

<b>13</b>	<b>BOLINHA DE GUDE (ALiB QSL 156)</b> As coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?
	a) bolinha de gude; b) bolita
<b>14</b>	<b>DINHEIRO</b> Quais os nomes conhece para (mostrar o dinheiro)?
	a) gimbo; b) moeda; c) tutu; d) bufunfa; e) cascaio; f) grana; g) conto; h) jabaculê; i) jimbo/jimbra/zimbro
<b>15</b>	<b>CEGO DE UM OLHO (ALiB QSL 091)</b> A pessoa que tem só um olho?
	a) cego de um olho; b) caolho; c) torto de um olho; d) zanolho; e) mirolho; f) vesgo
<b>16</b>	<b>CEGO DE UM OLHO (ALiB QSL 091)</b> A pessoa que tem só um olho?
	a) cego de um olho; b) caolho; c) torto de um olho; d) zanolho; e) mirolho; f) vesgo

16 perguntas

**PARTE Etnotextos (Tx) - TEMAS DE CONVERSA LIVRE**

1) Formação da Comunidade? (cf. parte B-06)
2) Conheceu seus avós? Eles falavam diferente?
3) Conhece cantigas, músicas, versos transmitidos oralmente pelos antigos na Comunidade?
Sugestão (a partir de entrevistas anteriores):
4) Quais festas há na localidade? Nas festas, ao falar, usam ou usavam palavras diferentes (cultos)?
5) Você vai muito à cidade? [Entrevistas do entorno: Costuma ir à Comunidade Afro-brasileira?] Eles falam diferente lá?
6) Além do português, que línguas fala? Se sim, poderia falar um pouco nessa(s) língua(s), p.ex. apresentar a si e à localidade onde mora?
7) Como prepara uma boa feijoada?



5	arerê	barulho, confusão		
6	auê	barulho, confusão		
7	(bater um) baba	jogar futebol		
8	babá	mulher que cuida de criança		
9	babaca	(i): bobo, idiota (ii): sexo feminino		
10	babaquara	velho, decrépito ... (ou, o mesmo que babaca = idiota)		
11	babau!	acabou-se!		
12	bacondê	jogo de esconde-esconde		
13	Bafafá	Confusão		
14	bagunça	desordem, confusão		
15	balangandã	penduricalho		
16	bamba/bambambã	o maioral, especialista		
17	bangalafumenga	pobretão, João-ninguém		
18	banguela	com falha nos dentes, sem dente		
19	Banzar	(i): andar à toa (ii): ficar triste, pensativo		
20	Banzo	tristeza, saudade		
21	barabadá	barulho, confusão, tumulto, bate-boca		
22	Baticum			
23	Batucar			
24	(foi para o) beleléu	acabou, morreu		
25	Bibiano	Candeeiro		

26	Biboca	(i): casa ou lugar sujo (ii): vendinha, birosca, bodega		
27	Bimba	(i): ânus, traseiro ... tomar na bimba (ii): pênis de criança		
28	Bimbar	Copular		
29	Binga	(i): isqueiro (ii): objeto feito com a ponta do chifre do boi pra guardar tabaco ou pólvora (iii): chifre, corno, marido traído		
30	tampa de binga	pessoa baixinha		
31	Biraia	prostituta de baixa classe		
32	Bitelo	coisa grande ... o menino é um bitelo!		
33	Bobó	(i): comida (bobó de camarão) (ii): pessoa boba (iii): começo de gravidez		
34	Boboca	(i): bobo (ii): desdentado		
35	bocapiu	sacola de palha		
36	(estar de) boi, bode	menstruação		
37	bololô	confusão, conflito		
38	borocotó/brocotó	terreno esburacado, buraco aberto pela chuva		
39	boroxô	triste, desanimado		

40	bozó	Feitiço		
41	broco	(i) amalucado (ii): surdo		
42	brucutu	(i): homem forte, grande (ii): veículo policial		
43	budum/buzum	mau cheiro ( de corpo)		
44	(tomar uma) bumba	surra ... bumar: surrar		
45	bumba/bumbo	tambor ... bumar: bater o bumbo		
46	bunda			
47	bumbum			
48	cabaça			
49	quebrar a cabaça	ter a primeira menstruação		
50	cabaço	Hímem		
51	caborge	(i): feitiço (ii): bentinho, amuleto		
52	cabuletê	homem vagabundo		
53	caçamba	(i): balde preso em uma corda para tirar água de poço (a corda e a caçamba) (ii): qualquer balde (iii): caminhão-caçamba (iv): depósito (caçamba de lixo)		
54	(falar) caçange	português mal falado , ou mal escrito ... ele fala caçange		
55	cachaça			
56	cachimbo			

57	cacimba	poço, fonte de água		
58	caconde	Barranco		
59	caçote	sapinho, rãzinha		
60	caçuá	cesto de palha		
61	foi pra(s) cucuia(s)	desapareceu, morreu, acabou		
62	Caçula	o filho mais novo		
63	Cacunda	(i): costas (ii): corcova		
64	Cafofó	quarto ou recanto escondido, lugar com coisas velhas		
65	cafundó (do Judas)	lugar longe		
66	Cafuné			
67	Cafungar	resmungar pelos cantos		
68	Cafuringa	(i): menino negro e pequeno (ii): apelido para homens negros, magros		
69	cafute/fute	o diabo		
70	Cafuzo	mestiço de negro e índio, mestiço escuro		
71	Calango	tipo de lagarto		
72	Calombo			
73	(estar de) calundu	mau humor, amuado		
74	Calunga	(i): boneca (calunga de louça) (ii): bibelô (iii): ratinho		
75	Cambada	corja, agrupamento de gente		
76	Camundongo			

77	Candango	natural de Brasília, trabalhadores que construíram Brasília		
78	Candimba	coelho do mato		
79	(fazer) candonga	fuxico, falsidade		
80	Canga	(i): peça que se coloca no pescoço do gado (ii): saída de praia		
81	Cangaceiro			
82	Cangalha	cesto que se põe em lombo de animal		
83	Canguinha	pessoa pão-dura		
84	Capanga	(i): jagunço (ii): tipo de bolsa		
85	capenga			
86	carimbo			
87	catimba/catimbeiro	manha, astúcia		
88	catinga	mau cheiro		
89	catota	meleca		
90	caxingar	(i): mancar (ii): fazer as coisas devagar, retardar		
91	caxinguelê	pessoa magra		
92	caxixi	(i): peça do berimbau (o cestinho) (ii): miniatura de barro/cerâmica ... feira de caxixi		
93	caxumba			

94	(minha) caxuxa	termo afetuoso para meninas		
95	chipanzé			
96	chuetar/chuetagem	zombar, ridicularizar		
97	cobé	feiticeiro		
98	cochilar/cochilo			
99	cocoroca/coroca	velho, caduco		
100	(dar ou levar um) coque	pancada na cabeça com o nó dos dedos		
101	corcunda			
102	cotó	quem tem braço ou perna mutilado		
103	cotoco	pedaço pequeno de alguma coisa ... cotoco de vela, de lápis		
104	creca	coceira ou doença de pele		
105	cuca	bicho-papão		
106	cufar	morrer		
107	curinga	(i): carta de baralho (ii): pessoa esperta		
108	curumba	mulher velha		
109	dengo/dengosa			
110	*diamba	maconha		
111	*dindim	clitóris		
112	dunga	homem valente, chefe, o maioral  dunghinha: criança, pessoa sem importância		
113	ebó	feitiço		

114	empombar	ficar de mau humor		
115	encabular/encabulado			
116	encafiar/encafifado	(i): cismar / cismado (ii): amuar / amuado cafifa: má sorte, azar		
117	encafuar/encafuado	esconder-se / escondido cafua: esconderijo		
118	engangento/gangento	rabugento, mal-criado		
119	enquizilado	magro, doente, com quizila quizila: proibição, tabu, coisa proibida		
120	fifo	candeeiro		
121	*fiofó	ânus		
122	forrobodó	(i): confusão, algazarra (ii): arrasta-pé		
123	fuá	algazarra, folia		
124	fubá	farinha de milho fubazento: embolorado, coberto de pó, cor indefinida		
125	fuinha	pessoa pão-dura cara de fuinha: cara magra, fina		
126	(ficar) fulo	furioso ... fulo de raiva		
127	fungar	aspirar com ruído ... fungar o nariz		
128	furdunço	festança, desordem, barulho		
129	*furico	ânus		

130	*furunfar	(i): copular (ii): bater		
131	futrica	intriga, fuxico		
132	futucar	(i): remexer, mexer (ii): tocar com o dedo		
133	fuxico/fuxicar/fuxiqueiro	falar mal de alguém, fazer maledicência		
134	fuzarca	farra, folia, estardalhaço		
135	fuzuê	algazarra, confusão		
136	galalau/galapau	homem alto		
137	gangorra			
138	garapa	caldo de cana, bebida líquida		
139	gingar/ginga			
140	gogó	(i): pomo-de-adão (ii): pescoço de garrafa ele só tem gogó = só tem conversa		
141	gongo	centopéia		
142	gungunar	resmungar, falar sozinho		
143	inhaca/aca	(i): mau cheiro de corpo (ii): má sorte, azar, aborrecimento (iii): cachaça ruim		
144	indagar (> indaca)/fazer indaga/fazer indaca	(i): falar da vida dos outros, fuxicar (ii): conversa fiada, conversa de bêbado		
145	injiar	sentir frio ... ficar injiado de frio		

146	jabá	carne seca		
147	jabaculê	propina, gorgeta, dinheiro por fora		
148	fagunço			
149	jebejebe	lugar longe, isolado		
150	jibi/gibi	(i): revistinha infantil, quadrinhos (ii): negrinho, menino negro		
151	jimbo/jimbra/zimbro	dinheiro		
152	Lambada	golpe de chicote lamba: chicote		
153	Leguelé	(i): indivíduo reles, desprezível (ii): espião de polícia		
154	Lelé	maluco, bobão ... lelé da cuca		
155	Lengalenga	conversa fiada, comprida, enfadonha, palavrório		
156	liamba	maconha		
157	mabaço/mabaça	gêmeo ... banana mabaça=geminada		
158	macaco			
159	macaquear	imitar		
160	macaquice	fazer careta, palhaçada		
161	maconha			
162	macota	(i): chefe, o maioral (ii): lepra		
163	macuta/macuteiro	mentira / mentiroso		

164	mafuá	lugar bagunçado, lugar onde se guardam coisas velhas		
165	malungo	irmão de criação, irmão de leite		
166	mambembe	coisa de má qualidade, ruim ... circo mambembe=circo pequeno, de interior		
167	mandinga/mandingueiro	feitiço / feiticeiro		
168	mandraque	feiticeiro		
169	mandraca	bruxaria		
170	mandu	(i): um tipo de mascarado  (ii): pessoa muito clara, quase albino ... menino mandu  João é mandu = uma pessoa mascarada, falsa		
171	mangar	zombar, caçoar		
172	*manjuba	pênis grande		
173	maracutaia	trapaça, enganação		
174	marafo/malafo	cachaça		
175	marimbondo			
176	maromba	trapaça, esperteza  (no Rio: marombado = homem musculoso, “fabricado” em academia de ginástica)		
177	meganha	polícia, soldado		
178	*mengar	(i): copular  (ii): andar ou se mexer o corpo com movimentos eróticos		

179	*menga	esperma		
180	miçanga			
181	milonga/milongueiro	mexerico, feitiço		
182	minhoca			
183	mocambo	(i): choça, palhoça (ii): esconderijo		
184	mocó	(i): lugar escondido ... mocosar/ mocosado = esconder/ escondido  (ii): saco de palha para transportar alimento		
185	mocotó	(i): tornozelo  (ii): pata de boi/vaca ... comida feita com pata de boi/vaca		
186	molambo/esmolambado	trapo / com a roupa em molambo, mal vestido		
187	moleque	menino  molecada: bando de menino  (fazer uma) molecagem / molequeira: fazer papel de criança, agir irresponsavelmente		
188	mondrongo	pessoa disforme, pessoa suja, desarrumada		
189	Moquiço/muquifo	casebre, lugar sujo		
190	moringa			
191	moamba/moambeiro	contrabando, fraude		
192	mucama			

193	muquirana	(i): pessoa vestida com mau gosto, cafona (ii): pessoa pão-dura		
194	murundu	(i): montículo de terra (ii): amontoado de coisas		
195	muvuca	(i): confusão, agitação (ii): festa familiar de improviso		
196	muxiba	pelanca		
197	muxila mochila	tipo de bolsa		
198	muxoxo			
199	pemba	pó branco, para uso mágico		
200	perrengue	(i): coisa difícil, complicada ... (foi um perrengue pra achar a casa) (ii): pessoa alta, magra com aparência doentia		
201	pisquila / picuila	pessoa pequena e franzina		
202	pitoco	toco, cotoco		
203	pitombo	caroço na pele, resultado de pancada		
204	pongar/despongar	subir/descer em/de veículo em movimento		
205	quelelê	(i): mexerico, intriga, discussão (ii) cuscus de milho desmanchado no leite		
206	quenga	(i): prostituta (ii): ensopado de galinha		

207	quengo	(i): cabeça ... levar um soco no quengo  (ii): inteligência, esperteza ... esse menino tem quengo  (iii): cuia de coco		
208	*quiba	testículo		
209	quibebe	purê de abóbora, comida à base de abóbora		
210	quilombo			
211	quindim	(i): tratamento carinhoso, queridinho/a ... os quindins de iaiá  (ii): doce à base de ovos		
212	*quirica/crica	sexo feminino		
213	quitanda	(i): pequeno comércio de frutas e legumes/ (ii): tabuleiro de vendedor ambulante  (iii): em Minas, doces, bolinhos, biscoitos		
214	quitute			
215	quizumba	briga, confusão		
216	*sacana/sacanagem/sacanear			
217	sambar			
218	sambado	gasto, usado ... esse sapato já está sambado		
219	senzala			
220	songamonga	(i): pessoa sonsa, fingida  (ii): pessoa sem graça		
221	sunga	calção		

222	sungar	puxar para cima ... sungar a calça		
223	*tabaca/tabaco	sexo feminino/ tabacada: ato sexual  tabacuda: termo ofensivo para mulher		
224	tanga	(i): peça inferior de vestuário, bem pequena  (ii): tipo de calça de biquíni  ficar de tanga: em péssima situação financeira		
225	tibum/tibuco	ruído de queda na água  tibungar / tibungo: mergulhar / mergulho		
226	tipóia	(i): apoio para braço ou mão  (ii): rede de criança		
227	tititar	tremer de frio		
228	titica	excremento, merda, porcaria  titica de galinha: coisa sem valor		
229	toba	ânus		
230	tribufu/trubufu	peessoa feia		
231	tungar	(i) teimar  (ii) bater, dar pancada  levar uma tungada: levar pancada		
232	tutu	(i) bicho-papão tutu-marambá(ii) comida/tutu de feijãoiii) o manda-chuva ... ele é o tutu do bairro-iv) dinheiro ... preciso de tutu		

233	urucubaca	má-sorte, azar		
234	Vuvuvu	pressa em fazer alguma coisa ... ele chega aqui e vuvuvu ... resolve tudo		
235	Xacoco	sem graça, desajeitado  ter um andar xacoco		
236	*xereca	sexo feminino		
237	xibiu	(i) sexo feminino  (ii) diamante pequenino		
238	*xibungo	homossexual		
239	ximbica	(i) pessoa pequena  (ii) carro pequeno, vagabundo		
240	xingar	ofender alguém verbalmente, usar palavra pesada		
241	xixilado	sem vergonha, descordo		
242	xodó			
243	*xoxota	sexo feminino		
244	zangar/zangado/zanga			
245	zanzar	andar sem rumo		
246	ziquizira	doença indefinida		
247	zonzo			
248	zumbi	(i) alma penada, morto-vivo  ele parece um zumbi		
249	zunzum/zunzunzum	(i) boato  (ii) ruído, barulho		